



Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Mestrado Profissional Ensino e Relações Étnico-Raciais
P P G E R –



ALINE MADALENA DE JESUS OLIVEIRA

PARA APRENDER COMO OS NOSSOS:
Saberes e Fazeres brincantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto (Ilhéus/Bahia)

ITABUNA-BA
2021

ALINE MADALENA DE JESUS OLIVEIRA

PARA APRENDER COMO OS NOSSOS:

Saberes e Fazeres brincantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto (Ilhéus/Bahia)

Memorial apresentado à Universidade Federal do Sul da Bahia, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER), área de concentração Relações Étnico-Raciais, Interculturalidades e Processos de Ensino-Aprendizagem, para a obtenção do título de Mestre, com orientação da Profa. Dra. Cynthia de Cássia Santos Barra e coorientação da Profa. Dra. Lia Krucken Pereira.

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

O482a Oliveira, Aline Madalena de Jesus, 1990-

Para aprender com os nossos : saberes e fazeres brincantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto (Ilhéus/Bahia) / Aline Madalena de Jesus Oliveira. – Itabuna: UFSB, 2021. - 187f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, 2021. Orientadora: Dra. Cynthia de Cássia Santos Barra.

1. Educação infantil. 2. Conscientização racial em crianças . 3. Educação – Programas e atividades. 4. Terreiro Matamba Tombenci Neto – Ilhéus (BA). I. Título.

CDD – 370.11

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922



GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS - PPGER
MESTRADO PROFISSIONAL

Folha de Assinaturas

Dissertação, com Produto Final, vinculada ao Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais/PPGER, escrita por **Aline Madalena de Jesus Oliveira**, intitulada "Para aprender como os Nossos: saberes e fazeres brincantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto (Ilhéus/Bahia) ", orientada pela Profa. Dra. Cynthia de Cássia Santos Barra – PPGER/UFSB, co-orientada pela Profa Dra Lia Krucken Pereira – PPGAV/UFBA, apresentada e aprovada pela Banca Examinadora, abaixo assinada, em 21 de dezembro de 2021:


Profa. M^s. Fátima Santana Santos
(CMEI Dr Djalma Ramos/Examinadora externa)


Profa. Ms. Cristiane Santos de Melo
(CMEI Dr Djalma Ramos/Examinadora externa)


Prof. Dra. Ana Cristina Peixoto
PPGER/UFSB

Assinado de forma digital por
CYNTHIA DE CASSIA SANTOS
BARRA:48806030582
'Dados: 2021.12.29 16:24:40 -03'00

CYNTHIA DE CASSIA
SANTOS
BARRA:48806030582

Prof.^a Dra. Cynthia de Cássia Santos Barra
Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB)
Orientadora


Profa. Dra. Lia Krucken
(Co-orientadora PPGAV/UFBA)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as crianças negras e indígenas, em especial, a criança Aline
Madalena. Seu silêncio tornou-se grito, menina linda!
Aos meus pais, Marilene de Jesus Oliveira e João Oliveira por todos os ensinamentos e zelo.
Aos meus ancestrais, Manoel Vitorino de Jesus (Preto Velho), Josefa Maria de Jesus (Dona
Zefa), Maria Catarina Deoclécia de Jesus, Dona Roxa (Mameto Bandanelunga) e Gilmar
Rodrigues (Tata Munanganga – Tio Gilmar) (*in memoriam*).
À Mãe Hilsa Rodrigues e todo o ministério do Terreiro Matamba Tombenci Neto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo a Zambi (Deus) uma vez que nada acontece sem sua permissão, sou grata por cada momento vivenciado durante minha caminhada no PPGER.

Agradeço aos meus *Nkisses* (orixás), por me auxiliarem através da permissão divina e das forças da natureza mantendo-me perseverante em minha jornada.

Agradeço aos meus ancestrais, que foram meus intercessores, protetores e guias no plano espiritual.

Agradeço aos meus pais, que me trouxeram a esta vida, me educaram com todo amor e dedicação, a vocês, Marilene de Jesus Oliveira e João Oliveira, minhas reverências.

Ao meu irmão, Renilton de Jesus Oliveira por todo apoio, carinho e companhia nos banhos de chuvas para recarregar as energias. E, meus familiares que torcem profundamente pelo meu crescimento, em especial, minha Tia Zenivalda de Jesus, que vibra a cada passo dado por mim.

Agradeço a minha orientadora e irmã Cynthia de Cássia Santos Barra (Jovem Senhora), por todos os ensinamentos transmitidos, pelo respeito, pelas *maiangas* de realidade, acolhimento, compreensão e delicadeza em apresentar os caminhos sinuosos de uma pesquisa, ancorada pela força das águas e das estradas. “Nanã nagetu, nagetu, nageuê!

Agradeço a minha coorientadora e irmã Lia Krucken Pereira, pelos ensinamentos, acolhida, encontros e respeito, inspirada por asas, flechas poéticas e brisa marítima do Rio Vermelho.

As minhas parceiras de curso/amigas da vida, Alessandra, Edivanda, Joseane, Cristina (Caras Pretas), Cinthia e Carol que me acolheram com amorosidade. E, aos demais colegas que pouco convivemos e muito aprendemos uns com os outros. Gratidão por todas as trocas que tivemos. Sejamos resistência e (re) existência!!!

Aos/as meus/minhas amigos/as pelo carinho, atenção, torcida e respeito.

A minha amiga e primeira doulanda Ozana Lessa, pela permissão de acompanhar toda sua gestação e, especialmente, poder compartilhar a respiração durante a fase ativa de parto, que possibilitou a chegada da nossa flor Amaryllis.

A minha família de axé, minha Mameto Mukalê (Mãe Hilsa), e meus/minhas irmãos/as por serem prestativos/as e carinhosos/as, a vocês, Mameto Bamborossicongo (G’leu Cambria), Tat’etu Zumbereamazi (Gilmar Nascimento), Tat’etu Kassulembá (Leonardo Lopes), Tata Kajibereoman (Mestre Ney), Tata Luandenkossi (Marinho Rodrigues), abraço fraterno.

Ao meu “Pássaro de Luz”, Fernanda, sempre me apoiando e contribuindo com meus alcances.
Paz e Luz!

Agradeço a família do Instituto Kwanzaa, que vem difundindo o Swahili no Brasil. A todes mwalimu (professores), Ali, Evelyn Adétóún, Belisa e Joseph Sarimbo meus sinceros reconhecimento e carinho. Asante Sana! (Obrigada!)

Ao Coletivo 7 (C7) pelo acolhimento, carinho e respeito que foram significativos no meu processo criativo.

Enfim, sou grata por todes aqueles que contribuíram com palavras, sorrisos e abraços, direta ou indiretamente para o alcance de mais um passo, e assim sigo caminhando.

Gratidão!

Zambi ua kuatesa!

Asante sana!

Mo dupe!

RESUMO

A presente pesquisa situa-se na área de ensino em relações étnico-raciais e foi desenvolvida junto ao Terreiro Matamba Tombenci Neto, localizado em Ilhéus/BA. Dirigido atualmente por Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê), a história da casa teve início no ano de 1885. A partir desse local, buscamos tornar possível um diálogo *intercultural* entre a herança ancestral afro-brasileira de um terreiro de candomblé, da Nação Angola, e práticas de ensino-aprendizagem lúdicas na Educação Infantil. Nesta pesquisa, afirmamos que o corpo de uma criança de terreiro de candomblé constitui (e é constituído por) um conjunto de brincadeiras que lhe é próprio, sendo específico ao corpo histórico e amplo de sua *ancestralidade*. Nesse sentido, visando a produção de recursos pedagógicos para práticas educacionais afroafirmativas, antirracistas e decoloniais elaboramos projetos de livros de memórias, intitulado Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci, com narrativas, canções, jogos e brincadeiras. Estes projetos de livros têm como objetivo contribuir para os processos de *pertencimento* das crianças do Tombenci em relação a sua própria comunidade e também objetiva apresentar para a comunidade em geral alguns dos valores e dos sentidos do brincar construídos pela comunidade do terreiro Matamba Tombenci Neto. A sociedade, letrada e escolarizada, ainda muito pouco conhece e reconhece a eficácia da produção de *conhecimentos pedagógicos* que emergem em comunidades de tradição oral como, por exemplo, em um terreiro de Candomblé Angola. Utilizamos como aporte teórico-metodológico, nesta pesquisa, o método da entrevista cartográfica (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013), entrecruzando esse método com a leitura crítica de referencial teórico-metodológico acerca das Pedagogias Pretas, sobretudo, a Pedagogia Eco-Ancestral (OLIVEIRA, 2014) e a Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019).

Palavras-chave: Educação Antirracista e Afrocentrada; Ludicidade; Comunidades Tradicionais de Terreiros Nação Angola; Ancestralidade; Pedagogia Pretas.

MUHTASARI¹

Utafiti huu unapatikana katika eneo la kufundisha katika mahusiano ya ethnic-racial na ulianzishwa katika Terreiro Matamba Tombenci Neto, iliyoko Ilhéus/BA. Kwa sasa inaongozwa na Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê), historia ya nyumba hiyo ilianza mwaka wa 1885. Kutoka eneo hili, tunatafuta kuwezesha mazungumzo ya kitamaduni kati ya urithi wa mababu wa Afro-Brazil wa Candomblé terreiro, wa Taifa la Angola, na wa kucheza mazoea ya kufundisha-kujifunza katika Elimu ya Utotoni. Katika utafiti huu, tunathibitisha kwamba mwili wa mtoto wa Candomblé terreiro unajumuisha (na unaundwa na) seti ya michezo ambayo ni yake mwenyewe, ikiwa mahususi kwa historia na historia pana ya asili yake. Kwa mantiki hii, tukilenga uzalishaji wa nyenzo za ufundishaji kwa mazoea ya elimu ya Afro-affirmative, anti-racist na decolonial, tulianzisha miradi ya kumbukumbu, iliyopewa jina la Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci, yenye masimulizi, nyimbo na michezo. Miradi hii ya vitabu inalenga kuchangia michakato ya kuwa mali ya watoto wa Tombenci kuhusiana na jamii yao na pia inalenga kuwasilisha kwa jamii kwa ujumla baadhi ya maadili na maana ya kucheza iliyojengwa na jamii ya terreiro Matamba Tombenci Neto. Jamii, iliyosoma na kuelimika, bado inajua kidogo sana na inatambua ufanisi wa uzalishaji wa ujuzi wa ufundishaji unaojitokeza katika jumuiya za mapokeo simulizi, kwa mfano, katika Candomblé Angola terreiro. Katika utafiti huu, tulitumia mbinu ya usaili wa katugrafia kama mkabala wa kinadharia-methodological (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013), tukifungamanisha mbinu hii na usomaji muhimu wa mfumo wa kinadharia-methodological kuhusu Black Pedagogies, zaidi ya yote, Pedagogia Eco-Ancestral. (OLIVEIRA, 2014) na Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019).

Maneno-muhimu: Elimu Antiracist na Afro-centered; Uchezaji; Jumuiya za Jadi za Terreiros Nação Angola; Ukoo; Ufundishaji Mweusi.

¹IO Swahili é uma língua natural africana, sobretudo, uma língua bantu, surgiu na costa Swahili no Leste Africano. É a língua oficial de Uganda, Quênia e Tanzânia. A escolha por colocar o resumo da dissertação em Swahili se deu pela valorização da nossa ancestralidade, sobretudo, por estar dentro de um programa que defende as questões raciais.

ABSTRACT

The present study is focused on ethnic-racial socialization within education and was developed in partnership with Terreiro Matamba Tombenci Neto, located in Ilhéus, Bahia. The house's history dates back to 1885 and it is currently presided by Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê). Starting from this location, the author seeks to enable an *intercultural* dialogue between the afro-Brazilian ancestral heritage from an Angolan nation candomblé house, also known as terreiro, and ludic teaching-learning practices for preschool education. In this research, it is predicated that the body of a child raised in a terreiro constitutes (and is constituted by) a set of games of its own, which is specific to a body that is historical and broad in *its ancestry*. Accordingly, aiming the production of pedagogical resources destined to afro-affirmative, antiracist and decolonized educational practices, the author developed a series of projects of recollection books entitled *Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci* (The Joys of Nvunji in the Tombenci Garden), which contain stories, songs, and games. These projects aspire to make a contribution to the children cohabiting in the terreiro, namely their *belonging* progress towards their own community, as well as to present some values and essence of the games built by the Terreiro Matamba Tombenci Neto to the external community. The literate and lettered part of society still doesn't recognize and poorly know the efficacy of the produced *pedagogical knowledge* which emerges from traditionally oral communities as an Angolan nation candomblé house. The theoretical-methodological approach for the present study is the cartographic interviewing (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013), intertwined with the critical reading of methodological and theoretical framework regarding the Black Pedagogy, mainly the Eco-Ancestral Pedagogy (OLIVEIRA, 2014) and the Pedagogy of the Crossroads (RUFINO, 2019).

Keywords: Antiracist and Afrocentric Education; Lucidity; Traditional Communities of Angolan Nation Terreiros; Ancestry; Black Pedagogies.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 – Pedagogias Pretas: Interculturalidade, Pluriespistemologia e Decolonialidade na Educação Infantil	15
1.1 O aprender, o fazer e o ensinar nas pedagogias pretas	19
1.1.1 A ginga dos saberes de Luiz Rufino	23
1.1.2 A dança das palavras de Kiusam de Oliveira	26
Capítulo 2 – Território Existencial Matamba Tombenci Neto	31
2.1 Cartografando no Terreiro Matamba Tombenci Neto	34
2.2 Encontro de saberes e gerações do Matamba Tombenci Neto	36
2.3 Do livro ao livro: águas de mergulhos e encontros	43
Capítulo 3 - Infância e memória ancestrais: canções, jogos e brincadeiras	49
3.1 O brincar e a educação	58
3.2 O SER e ESTAR criança no terreiro	60
Capítulo 4 – Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci	64
Considerações finais	137
Referências Bibliográficas	141
Apêndice:	145
Transcrição das Entrevistas de Memórias do Jardim Tombenci	
Anexo:	180
Parecer Plataforma Brasil	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Assentamento de Nzazi (Xangô), o patrono do Terreiro Matamba Tombenci Neto	33
Figura 2 – Barracão do Terreiro Matamba Tombenci Neto	33
Figura 3 – Área externa do Terreiro Matamba Tombenci Neto	33
Figura 4 – Mameto Mukalê (Mãe Hilsa)	38
Figura 5 – Mameto Mukalê (Mãe Hilsa)	38
Figura 6 – Tata Kajibereoman (Mestre Ney)	39
Figura 7 – Tata Kajibereoman (Mestre Ney)	39
Figura 8 – G’leu Cambria (Mameto Bamborossicongo)	39
Figura 9 – G’leu Cambria, Mãe Hilsa e Betinho na festa da escola	40
Figura 10 – Tata Zumbereamazi (Gilmar C. Nascimento) ao lado de Tata Kassumlembá (Leonardo Lopes)	40
Figura 11 – Tata Zumbereamazi, Mameto Mukalê, Tata Kassulembá e Makota Tabalandê	41
Figura 12 – Tata Luandênkossi (Marinho Rodrigues)	41
Figura 13 – Tata Luandênkossi (Marinho Rodrigues)	41
Figura 14 – Leonardo Lopes ainda criança no Terreiro Matamba Tombenci	42
Figura 15 – Tata Kassulembá (Leonardo Lopes)	42
Figura 16 – N’kissi Kissimbi (Monalungo/Aline Madalena)	43
Figura 17 – Registro gráfico do racismo estrutural	52
Figura 18 – Registro gráfico dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros	139

INTRODUÇÃO

Caminhos...

No entrecruzar dos caminhos
 Água, Fogo, Terra e Ar
 Bailam, embalam e tocam as esferas corpóreas
 Caminhos sinuosos, repleto de nuances.
 Mensageiro dinâmico, Ele anuncia a chegada de novos tempos.
 Movimentos efêmeros, Ele traz potentes encontros.

Encruzilhada de saberes,
 Encruzilhada de aprendizados,
 Encruzilhada de risos,
 Encruzilhada de choros,
 Encruzilhada de amores,
 Encruzilhada de dores,
 Encruzilhada de corpos.

Movimento!
 Abre caminhos!
 Princípio!

Por alguns mal interpretado!
 Por outros RESPEITADO!
 Revela-se no movimento,
 Energia das seis, das dezoito, das doze e das vinte e quatro!

Dai-nos licença para caminhar
 Dai-nos licença para movimentarmos
 Vai na frente!
 Abre caminhos!
 Laroyê Pambu Nzila²

(Monalungo, Aline Madalena)

É com o pedido de benção que iniciamos nosso memorial. Memorial este que, através do diálogo entre teorias pedagógicas e vida no terreiro, revela potentes caminhos ancestrais. Assim, apresentamos alguns dos sentidos e dos valores do brincar de uma comunidade tradicional de terreiro, com intuito de contribuir com a formação de crianças e jovens afrodescendentes, a partir da cultura viva de um terreiro de candomblé e, além disso, trazemos inspirações metodológicas que contribuam para uma educação afrocentrada e antirracista, sobretudo, tornando mais sólido o direito a uma educação plural e democrática.

²Saudação Divindade Pambu Nzila (Exu), o Senhor dos caminhos e da comunicação, o mensageiro. Nada se faz antes de reverenciar Exu.

O conceito de infância no Brasil foi (tem sido) estabelecido a partir de desigualdades estruturais em relação à classe social, à raça, à etnia e a gênero, determinados pela presença de um fenômeno socio-político que estudiosos nomeiam de “colonialidades perenes” (Quijano (2005), Walsh (2008) e Mignolo (2005)). Sendo assim, faz-se necessário realizar uma revisão e retomada desses conceitos (infância, colonialidades perenes, pedagogias da ancestralidade, jogos e brincadeiras), a partir de propostas teórico-metodológicas decoloniais, antirracistas e afroafirmativas, visando a superação de colonialidades pedagógicas na Educação Infantil. Um desses caminhos de superação pode ser a compreensão do que sejam as pedagogias pretas.

Nas comunidades tradicionais de matriz africana, encontra-se em pulsação um conceito, um entendimento específico do que seja infância, inseparável das noções e, sobretudo, das manifestações existenciais dos *N’vunji*³. Muitos estudos vêm demonstrando que nos terreiros de Candomblé o aprendizado se materializa de modo cíclico, marcado pela oralidade, potencializado na corporeidade de cada ser vivo que integra a comunidade, sejam eles humanos, animais ou vegetais (OLIVEIRA, 2020). No caminho a ser percorrido neste Memorial, daremos ênfase ao modo *como* se aprende em terreiros de candomblé, especificamente, no Matamba Tombenci Neto, localizado na cidade de Ilhéus (BA), a partir de um mergulho na compreensão do conceito de infância trazida para nós pelos N’vunjis e Erês.

Os fatores motivacionais que permeiam a pesquisa passeiam por memórias de minha própria infância, pelos encontros que tive na academia, pelo olhar de mulher negra, nordestina, pedagoga, que fui desenvolvendo em minhas práticas profissionais em sala de aula na Educação Infantil, também como doula⁴, e, por último, não menos importante, pela minha formação como *ndunbi*⁵ e, há três anos, como *muzenza*⁶ do Terreiro Matamba Tombenci

3 Nvunji, palavra bantu, ao qual representa o nkisse criança nos terreiros de nação angola, também são conhecidos como os Erês (Yorubá) e Ibejis (Jeje), este nkisse representa a alegria da juventude e sua dança se torna uma grande brincadeira durante cerimônias.

4 São mulheres que oferecem suporte físico e emocional para mulheres e famílias na concepção, gestação, parto, puerpério e primeiros anos de vida.

5 Ndunbi - Termo dado aos iniciantes no candomblé e que não passaram pelo processo de iniciação (feitura de santo). Em Yorubá são chamados de abiã.

6 Muzenza - Termo utilizado para os filhos de santo iniciados nos terreiros de nação Angola, também conhecido como yawó, na nação Ketu. Essas pessoas serão chamadas de Muzenza até chegarem aos 7 (sete) anos de iniciação.

Neto. “Oh meu Tombenci, terreiro de glórias, quem encosta nele só ganha vitórias” (Zuela cantada no Terreiro Matamba Tombenci Neto, em que se saúda a nação do *Unzó*⁷).

Tornar-me *muzenza* contribuiu com a retomada de memórias ancestrais e possibilitou-me a decisão de me tornar (de formar-me como) uma pedagoga-pesquisadora e uma doula com os pés assentados na herança intelectual negro-diaspórica. Nossas memórias ancestrais merecem e precisam ser preservadas e compartilhadas, através da oralidade, da corporeidade singular e plural (individual e societária), da musicalidade e da ludicidade negro-ancestrais. Portanto, ao trazer para esta pesquisa as memórias da corporeidade brincante do Matamba Tombenci Neto, mergulhamos em heranças ancestrais e esperamos contribuir, por esse viés, para uma Educação afrocentrada e antirracista.

Para atingirmos nossos objetivos, utilizamos o método da entrevista cartográfica (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013), entrecruzando esse método com a leitura crítica de referencial teórico-metodológico acerca da Pedagogia Eco-Ancestral (OLIVEIRA, 2019), inicialmente intitulada, pela própria Kiusam de Oliveira, de Pedagogia da Ancestralidade, e da Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019). Encontramos na infância um período primordial para combater posturas que reproduzem aprendizagens discriminatórias e racistas, desde as brincadeiras infantis, altamente racializadas pelas crianças. (OLIVEIRA, 2019). Assim, de acordo com Kiusam de Oliveira:

A Pedagogia da Ancestralidade estabelece uma ruptura provocada pela decolonialidade: não se trata mais de falar pelo corpo, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, alimentado pela cultura vivida na e pela carne. (OLIVEIRA, 2019, p.01).

Desse modo, proporcionar o reconhecimento e o empoderamento ainda na infância, através do acesso a memórias da ancestralidade, em especial, a africana e afro-brasileira, possibilita a quebra de modelos eurocêntricos que invisibilizam a Infância Preta. Diante disso, estruturamos este memorial da seguinte forma:

No primeiro capítulo, intitulado **Pedagogias Pretas: interculturalidade, pluriepistemologia e decolonialidade na educação infantil**, discorremos sobre os conceitos de interculturalidade, pluriepistemologia e decolonialidade, dialogando com as Pedagogias

⁷ Unzó - Termo utilizado para falar casa.

Pretas. Apresentaremos também algumas das Pedagogias Pretas que ancoram esta pesquisa e que foram embasadas em saberes advindos de Terreiros de Candomblé.

O segundo capítulo, intitulado **Território Existencial Matamba Tombenci Neto**, faremos a descrição do Terreiro Matamba Tombenci Neto, em seguida, discutiremos sobre a metodologia utilizada, apresentaremos os entrevistados de nossa pesquisa. E, então, finalizaremos com a apresentação dos motivos da pesquisa e percurso de vida da autora.

No terceiro capítulo, **Infância e memória ancestrais: canções, jogos e brincadeiras**, nos leva a refletir a importância de vivenciar os conhecimentos ancestrais e nos apropriarmos dessa sabedoria, visando propagar o respeito, o pertencimento e a valorização pela ancestralidade africana e afro-brasileira. E isso envolve tanto a educação das comunidades tradicionais de terreiros quanto as instituições de ensino.

Por sua vez, no quarto e último capítulo, cujo título é **Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci**, realizaremos a apresentação do produto educacional, articulando algumas das reflexões da pesquisadora, para assim, finalizarmos esta etapa de nossa formação no mestrado profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais, PPGER/UFSB.

CAPÍTULO 1

Pedagogias Pretas: interculturalidade, pluriepistemologia e decolonialidade na educação infantil

O presente capítulo discute conceitos essenciais para essa pesquisa, tais como: interculturalidade, pluriepistemologia e decolonialidade no âmbito da educação infantil e anos iniciais. Nesse sentido, nos amparamos nas pesquisas e estudos desenvolvidos por Catherine Walsh (2008), Vera Candau (2008), Boaventura de Sousa Santos (2010), e ainda, Quijano (2005) e Mignolo (2005), e obras que tratam desses respectivos temas.

Nosso esforço, e aqui amplio a perspectiva desse Memorial, pois ele deseja somar-se a intenção dos autores mencionados anteriormente e de outros que virão, por construir um diálogo decolonial acerca da pedagogia, em particular das pedagogias pretas. Logo, anunciamos que nossa escrita é (com)partilhada e feita por muitas mãos, cabeças e saberes, que fogem do sistema hegemônico e engessado que aponta para apenas um modo de fazer/ser/viver a pedagogia, o ensino e a educação.

Além disso, trazemos, também, os fluxos teóricos baseados nas práticas e processos educacionais de estudiosos e intelectuais como Kiusam Regina de Oliveira (2019, 2020), e sua Pedagogia Eco-Ancestral, e Luiz Rufino (2019), com a Pedagogia da Encruzilhada. E, ainda apresentamos projetos e saberes, advindos principalmente de Terreiros de Candomblé, aliados ao âmbito escolar, sinalizando uma outra práxis para a pedagogia.

Vale ressaltar que, nas últimas três décadas, o campo da educação e das relações étnico-raciais tem recebido maior atenção em pesquisas e estudos que tem culminado em ações, procedimentos e políticas públicas que corroboram com os processos educativos em um país múltiplo e diverso culturalmente como o Brasil. Uma dessas políticas, com a qual esse trabalho dialoga e se apoia, é a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório nos currículos da Rede de Ensino do país os conteúdos de História e Cultura Afro-brasileira. Essa normativa altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), que posteriormente sofreu nova alteração e ampliação com a inclusão da questão indígena pela Lei 11.645/2008. Além de direcionar os conteúdos para as disciplinas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira na Educação Básica, a Lei, ainda instituiu o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”(BRASIL, 2003).

Mesmo que decorrido quase duas décadas de maturação dessas legislações, há um esforço contínuo, não apenas para implementá-las, mas também para questionar e desconstruir mitos e práticas discriminatórias que acabam por habitar o espaço escolar. Nesse sentido, ao

mesmo tempo que a escola é um local privilegiado por receber um público diverso socioculturalmente, por outro lado, reproduz e age na manutenção de um currículo eurocêntrico e universal que não respeita e reconhece as diferenças de/entre estudantes.

De modo amplo, pensar a interculturalidade na Educação tem sido uma movimentação crescente, a partir da luta por direitos, iniciada pelos povos indígenas na Bolívia, Chile, Colômbia e Brasil, no final dos anos 1990. De tal modo, é importante também trazer a discussão sobre interculturalidade para o campo da Educação Básica para pensar criticamente como as diferentes concepções de grupos socioculturais se articulam por um bem comum, principalmente nos espaços educativos. Em suma, a interculturalidade possibilita o rompimento dos processos de subalternização impregnados na educação, em especial, na educação infantil. Assim, de acordo com Candau (2008) *apud* Walsh a interculturalidade é,

um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. (CANDAU, 2008 p.52 *Apud*. WALSH, 2001,p.10-11)

Esses intercâmbios promovem aprendizados emancipatórios, no qual o reconhecimento e o respeito ecoam não apenas como gritos de protesto, sinalizando o incorformismo com a estrutura de uma cultura dominante pautada na estruturação social eurocêntrica. Até por isso, quando dialogamos e pensamos em educação intercultural, estamos afirmando um novo olhar para a formação educacional, social e política das crianças negras e, assim buscamos legitimar uma ação contra-hegemônica.

Podemos refletir sobre tais ações, a partir do resgate das identidades socioculturais de diferentes povos, em que um saber não se sobressaia sobre o outro. Assim, Vera Candau afirma que “É muito importante esse resgate das histórias de vida, tanto pessoais quanto coletivas, e que elas possam ser contadas, narradas, reconhecidas, valorizadas como parte de processo educacional.” (CANDAU, 2008, p.53).

Os princípios da educação intercultural abrem caminho para considerar a pluriepistemologia⁸, tendo o pensamento de Boaventura de Sousa Santos e as “Epistemologias

⁸ De acordo com os estudos de Carvalho (2015), [...] a partir de uma base pluriepistêmica, o Encontro de Saberes propõe a criação de protocolos de diálogo entre representantes de epistemes diversas. Percorrendo um

do Sul” como pano de fundo. Esse reconhece a existência, os saberes e aprendizados com/do Sul, não apenas numa lógica geográfica (SANTOS, 2010). E, quando enunciamos essa postura política e pedagógica para nossa escrita, lançamos um olhar mais emancipatório, plural e benevolente para crianças e jovens. Rompemos, assim, com um projeto de dominação capitalista, patriarcal e colonialista que ao longo da história tem invisibilizado outros saberes. Tais considerações nos levam a refletir que interculturalidade e a pluriepistemologia exercem uma função essencial na luta contra-hegemônica, uma vez que a pluriepistemologia propõe a atualização do sistema educacional hegemônico.

Um dos caminhos/movimentos pensado para enfrentar, resistir e desconstruir o tal sistema, é a chamada decolonialidade. Considerada pelos autores Catherine Walsh (2008; 2007), Vera Candau (2008), Boaventura de Sousa Santos (2010), Walter D. Mignolo (2005) e Anibal Quijano (2005) como um caminho de fala e visibilidade dos grupos subalternizados e oprimidos, afinal, enquanto a estrutura colonial invisibiliza e silencia, a decolonialidade torna visível e possibilita a transcendência de espaços de subalternidade. Assim posto, Walsh (2007) explica como entende decolonialidade:

É assinalar a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que posicionam de modo diferenciado grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo ainda é racial, moderna e colonial. Uma ordem da qual todos de alguma forma participamos. Assumir esta tarefa implica um trabalho decolonial, dirigido a romper cadeias e desescravizar as mentes (como afirmavam Zapata Olivella e Malcolm X); a desafiar y destruir as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade - estruturas até agora permanentes que mantêm padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico e na inferiorização de alguns seres como menos humanos. É isto a que me refiro quando falo da decolonialidade (WALSH, 2007, p. 9).

A decolonialidade, portanto, exerce uma posição política epistemológica, assim como uma crítica ao capitalismo. Em suma, dando visibilidade as lutas contra as colonialidades perenes, a partir dos saberes e fazeres de grupos subalternizados. Vale ressaltar, também, que

território de horizontalidade, de incertezas e de grande potencialidade criativa, teremos, na construção de tais protocolos, alguns saberes que poderão ser considerados equivalentes, enquanto outros serão diferentes e complementares; em outros casos ainda, poderemos nos deparar com saberes incomensuráveis[...] (CARVALHO, 2015, p.07). Portanto, os saberes tradicionais e populares possibilitam a recomposição de uma base teórico-metodológica, aos quais estejam ancoradas nos pilares pedagógicos, políticos, epistêmicos e étnico-raciais.

as práxis decoloniais possibilitam uma libertação social, econômica e cultural, objetivando o respeito individual e coletivo das pessoas.

Desse modo, reconhece os saberes e fazeres dos povos de diferentes origens, favorecendo diversos diálogos e é essa a configuração que desejamos trazer para o âmbito da educação infantil e anos iniciais, onde crianças negras e afro-indígenas não precisem mais ser submetidas a processos excludentes, devido a sua cultura e/ou história. Tendo em vista que a constituição educacional do Brasil foi estabelecida através da perspectiva europeia tornada hegemônica, podemos dizer que isso ocasionou a subalternização, a invisibilidade, a desumanização dos povos negros.

Sem contar o esforço contra o apagamento da história de um povo responsável por grandes descobertas, faz se necessário um movimento de retomada, no qual sejam apresentadas pluralidades epistêmicas capazes de quebrar silêncios e romper barreiras dentro dos ambientes escolares. Nada mais justo também que iniciemos esse movimento de retomada ainda na Educação Infantil, onde ainda pouco se discute sobre práticas que corroborem para a construção de uma nova humanidade, em que o respeito e o diálogo, baseados nos princípios da interculturalidade, se façam presentes, a fim de contribuir com a formação da criança negra e sua identidade.

Com isso, no tópico a seguir, trazemos à baila a Pedagogia Eco-Ancestral (OLIVEIRA, 2019) e a Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019). Essas pedagogias são exemplos de pedagogias pretas/decoloniais/pluriepistêmicas que visam contrapor os métodos hegemônicos, viabilizando mudanças que valorizam a cultura Afro-brasileira e Africana.

1.1 O APRENDER, FAZER E ENSINAR DAS/NAS PEDAGOGIAS PRETAS

*[...] O desafio nos demanda outros movimentos, mirando uma virada linguística/epistemológica que seja implicada na luta por justiça cognitiva e pela pluriversalização [...]*⁹.
Luiz Rufino

As pedagogias pretas surgem diante do desafio de garantir o reconhecimento de outras epistemologias produzidas por grupos subalternizados. Consideramos pedagogias pretas o diálogo de diferentes saberes diaspóricos reunidos, identificados por múltiplas formas de

9 Fragmento do livro “Pedagogia das Encruzilhadas” em Rufino (2019, p. 14).

linguagem. Sendo assim, um dos caminhos de produzir decolonialidade é a partir das pedagogias pretas, possibilitando mudanças na dinâmica de desigualdade socioeducacional.

Durante o processo desta pesquisa, identificamos um número significativo de propostas pedagógicas que compõem esse grande corpo chamado de pedagogias pretas. A seguir faremos um breve resumo dos nossos principais achados. Quais sejam estes:

- Vanda Machado, com o Projeto Irê Ayó (1998), contribuiu com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, escola situada dentro de um dos mais importantes terreiros de candomblé da Bahia, o Ilê Axé Opô Afonjá. O intuito do Projeto foi evidenciar os saberes diaspóricos, a partir da herança ancestral, contrapondo com a epistemologia colonial e mostrando a todes como a herança cultural africana contribui com a afirmação identitária, autônoma e coletiva da sociedade. A partir deste projeto a autora lançou algumas obras, quais sejam: *Ilê Axé: vivências e invenção pedagógica: as crianças do Opô Afonjá* (1999); *Ilê Ifé: o sonho do Iaô Afonjá* (2000); *Irê Ayó: mitos afro-brasileiros* (2004); *Pele da cor da noite* (2013); e *Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira* (2019).

- Azoilda Loretto da Trindade, com *Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira*, no projeto *A cor da cultura* (2010), nos apresentou princípios imprescindíveis para uma educação acolhedora e respeitosa, possibilitando aos docentes a realização de propostas educacionais provocativas/ comprometidas em desarraigar o racismo, o preconceito e a discriminação nas instituições de ensino. Assim, destacamos os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e ludicidade.

- Fátima Santana Santos (2019), Mestra em Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, tendo sua pesquisa voltada para a educação antirracista com crianças pequenas, através da escrevivência, no Centro Municipal de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos em Lauro de Freitas/BA; Cristiane Santos de Melo (2020), Mestra em Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, sua pesquisa também se volta para educação antirracista com crianças, a partir de narrativas e metodologias afrofemininas articulado com a pretagogia, no Centro Municipal de

Educação Infantil Dr. Djalma Ramos em Lauro de Freitas/BA. O coletivo de professoras pretas, do qual fazem parte Fátima Santana Santos e Cristiane Santos de Melo, propõe uma pedagogia do Afroafeto. Esse coletivo, nesse momento, sistematiza a publicação de três obras, com apoio do CEERT, via Edital de Equidade Racial na Educação Básica, em que apresentarão a história do coletivo, os princípios teórico-metodológicos e os afrofazeres pedagógicos concebidos e implementados por elas para uma educação antirracista para crianças pequenas.

- Sandra Haydée Petit (2015) formalizou a Pretagogia, uma pedagogia que está ancorada nos valores da ancestralidade, dos saberes dos povos diaspóricos, da natureza, do corpo, da religiosidade, da territorialidade e na tradição oral. Como base teórico-metodológica, possibilita não apenas o reconhecimento dos saberes e fazeres dos povos de tradição, mas também contribui na formação de profissionais da educação ao propiciar o contato com literaturas e métodos afrocentrados para a formação holística de crianças pretas e não pretas, promovendo, assim, o desenvolvimento da educação antirracista.

- Juliane Olivia dos Anjos (2016), dedica-se ao estudo da ancestralidade e cultura afro-brasileira direcionada às crianças. Em sua dissertação, *As jóias de Oxum: as crianças na herança ancestral afro-brasileira*, discutiu e pensou a infância através do referencial da ancestralidade afro-brasileira com crianças de terreiros de candomblés de nação ketu e jeje, contrapondo com algumas noções de infância e trazendo a urgência de valorização da identidade negra e infância.

- Eduardo Oliveira Miranda (2020), em sua obra *Corpo-território & Educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*, faz um convite a realização de práticas educacionais antirracistas a partir dos saberes afro-brasileiros ancoradas na cosmovisão dos orixás, em especial, Oxumaré. Sendo assim, evidencia os atravessamentos de experiências dos corpos enquanto templo e território, entrecruzando com as questões formativas educacionais.

- Tássio Ferreira (2020) formulou a Pedagogia da Circularidade, que adentra o espaço acadêmico com o intuito de pensar numa educação antirracista a partir do processo de ensino e aprendizagem advindos dos saberes de um terreiro de candomblé de nação angola. Trazendo uma abordagem “antipedagógica”, como diz o autor, no qual assegura que as

pedagogias reconhecidas nas instituições de ensino não atendem os grupos de diferentes matrizes culturais.

Pelo exposto, de modo geral, é possível observar que as pedagogias pretas emergem com o intuito de (re)construir uma sociedade em que todes tenham oportunidades de usufruir de uma aprendizagem coletiva, sem distinção discriminatória, o que é essencial para uma qualidade educativa. Desse modo, reafirmamos através das palavras de Kiusam de Oliveira, que

[...] Não busco aqui qual a melhor cultura de base para a educação brasileira. Cada tribo tem seu totem! Trata-se aqui, em primeiro lugar, de indagar pelo nosso totem e o totem que cuide dos e dialogue com os demais. É aqui, uma vez mais, o jogo entre a singularidade e a estrutura, entre imanência e transcendência, diversidade e unidade. É uma dialética do movimento o que busco e não uma dialética da história. Melhor, é o jogo que persigo. “Jogo de dentro, jogo de fora” reza um corrido da capoeira.[...]. (OLIVEIRA, 2005, p.18).

Assim, ao levarmos epistemologias ancestrais e pedagogias pretas para dentro das instituições de ensino, estaremos não apenas efetivando o que prescreve as Leis 10.639/03 e 11.645/08, mas provocaremos, sobretudo, reflexões sobre as práticas e saberes educacionais estabelecidos ao longo dos séculos em que perduram ainda as colonialidades pedagógicas.

Cabe ressaltar que, além dos trabalhos supracitados, as proposições de Kiusam Regina de Oliveira, com a “Pedagogia Eco-Ancestral” (2019, 2020) e a de Luiz Rufino, com a “Pedagogia das Encruzilhadas” (2019), são fundamentais para a discussão-fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa. A escolha para o ancoramento desta pesquisa e um mergulho mais detalhado nas obras de ambos autores supracitados, se deu pela sustentação que cada um deu a nossa pesquisa. Luiz Rufino, com a Pedagogia das Encruzilhadas (2019) nos apresenta uma encruzilhada política/poética/ética, já Kiusam de Oliveira, com a Pedagogia Eco-Ancestral (2019), além de bailar na circularidade dos saberes ancestrais, nos mostra caminhos práticos metodológicos que reverberam o encantamento, o respeito e a nobreza dos nossos ancestrais. Sendo assim, nas páginas a seguir, me deterei na análise da trajetória desses autores e na estruturação de suas obras.

1.1.1 A GINGA DOS SABERES DE LUIZ RUFINO

[...]Essa estratégia de luta tem como principal meta atacar a supremacia das razões brancas e denunciar seus privilégios, fragilidades e apresentar outros caminhos a partir de referenciais subalternos e do cruzo desses com os historicamente dominantes[...].¹⁰
Luiz Rufino

Em nossa travessia acadêmica, cruzamos e entrecruzamos com Luiz Rufino Rodrigues Júnior, várias vezes. Faremos, então, uma breve caminhada por seu perfil biográfico e acadêmico, a fim de melhor apresentarmos a Pedagogia das Encruzilhadas.

Rufino, nascido no Rio de Janeiro, filho de mãe e pai cearenses, estudante de escola pública desde a educação infantil até o ensino médio. Realizou sua caminhada acadêmica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ: Graduado em Pedagogia (2010), Mestre em Educação, defendendo a dissertação “Ah, meu filho, o jongo tem suas mumunhas!” (2013), e Doutor em Educação, defendendo a tese “Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas” (2017). Ainda falando de sua trajetória acadêmica, Rufino tem Pós-doutorado em Relações Étnico-Raciais, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CETET/RJ¹¹. Para além de sua vida acadêmica, o professor e autor é capoeirista, aprendiz de curimba, tem alguns livros publicados, quais sejam: *Histórias e Saberes de Jongueiros* (2014), *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas* (2018) e *Flecha no Tempo* (2019) em parceria com o historiador Luiz Antônio Simas, *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019), *Encantamento: sobre política de vida* (2020) e *Arruças: uma filosofia popular brasileira* (2020) também, em parceria com Luiz Antônio Simas.

Recentemente, em junho de 2021, lançou sua primeira obra infanto-juvenil “Guerreiro Menino”, inspirado no gênero radionovela. Essa obra integra o volume 1 da Coleção Cafuné, um projeto de arte sonora, disponível em plataformas digitais (Spotify e Deezer)¹². A obra conta a história de um menino, vizinho de um terreiro de candomblé que encontra um colar de contas vermelhas e o enterra. Em seguida, recebe um presente especial de uma senhora benzedeira. Durante seu processo de amadurecimento, percebe o cruzar de sua história de moleque com o homem que deseja se tornar.¹³

¹⁰ Fragmento extraído do livro Pedagogia das Encruzilhadas em Rufino, 2019, p. 10.

¹¹ Currículo Lattes <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/>

¹² Link de acesso à Coleção Cafuné. <https://www.colecaocafune.com.br/guerreiro-menino>

¹³ Sinopse retirada do Podcast da Coleção Cafuné vol1, na plataforma digital Spotify.

Em sua obra, *Pedagogia das Encruzilhadas*, Rufino ginga nos/com saberes a partir da cosmovisão de Exu, solta uma benção no sistema hegemônico, esquiva e sai num “rolê epistemológico”(RUFINO, 2019, p.17). Tece sua crítica, através dos saberes ancestrais e diaspóricos, nos mostrando que a descolonização deve ser uma prática efetiva de transformação cultural, social, existencial e histórica. Rufino defende que,

[...] a condição do Ser é primordial à manifestação do Saber. Os conhecimentos vagueiam mundo para baixar nos corpos e avivar os seres. Os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade. Assim, ato meu ponto: a problemática do saber é imanente à vida, às existências em sua diversidade[...]. (RUFINO, 2019, p.9)

A proposta do autor, portanto, é reivindicar os feitos e a herança ancestral. Com isso, utiliza a *Pedagogia das Encruzilhadas* como estratégia de guerrilha epistêmica. Ao valer-se dessa estratégia, nos é proposto um caminho pedagógico capaz de confrontar os saberes declarados como universais, possibilitando a reconstrução de um processo educacional ancorado na sabedoria ancestral afro-brasileira. Como o próprio autor nos atenta, “Não assumiremos o repertório dos senhores colonizadores para sermos aceitos de forma subordinada em seus mundos; o desafio agora é cruzá-los, “imacumbá-los”, avivar o mundo com o axé (força vital) de nossas presenças” (RUFINO,2019, p.10).

O autor com sua postura poética/política/ética nomeia, realizando pontes e traduções interculturais entre o saber acadêmico e os saberes ancestrais, e reformula alguns conceitos que permeiam e estruturam seu projeto, tais quais: a *encruzilhada*, que aparece como elemento de transgressão do sistema hegemônico; a colonialidade, que é conceituada como *carrego colonial, assombro ou marafunda*; o *rolê epistemológico*, que tem raízes nos saberes corporais de capoeiristas, esmiuçando diferentes atravessamentos de ataque e defesa; o *cruzo*, que é o movimento que rompe e atravessa, através da força vital; e o intuito de realizar um *ebó cívico*, que nada mais é do que a limpeza de todo carrego colonial promovendo processos de encantamento.

Sendo assim, “neste projeto encruzado chamado *Pedagogia das Encruzilhadas*, dialogam diferentes práticas de saber codificadas na diáspora que têm como identificação as múltiplas formas de invenção na linguagem” (RUFINO, 2019, p.19). Os caminhos que

ancoram a pedagogia encarnada por Exu são: político; poético e ético. Rufino nos apresenta esses eixos da seguinte forma:

Político,[...] essa dimensão está implicada diretamente com a preservação da vida em diversidade; Poético, pois emerge a partir do diálogo cosmopolita (cruzado) com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram historicamente subalternizadas.[...]; Ético,[...] a perspectiva das encruzilhadas emerge como potência educativa, uma vez que abre caminho para outras invenções que transgridem o desvio existencial e o dismantelo cognitivo inculcido pela ordem colonial.(RUFINO, 2019, p.20).

Em suma, os conceitos que permeiam a Pedagogia das Encruzilhadas atuam no âmbito do conhecimento, da cultura, da educação e da ética, proporcionando outras alternativas de compreensão dos acontecimentos na sociedade. Ao centrar a cosmovisão de Exu como força central de seu projeto, Rufino nos convida a reflexão sobre a condição existencial, uma vez que fomos sufocados por longos anos pelo colonialismo. Mas, em sua sabedoria, Exu nos mostra que é preciso reconstituir essa realidade. Afinal, “Exu é a substância que fundamenta as existências; é a linguagem como um todo”. (RUFINO, 2019, p.23).

Por essa razão, a força de Exu é fundamental para educação. Ele é aquele mensageiro, fio condutor da comunicação. Então, ao pensarmos numa educação emancipatória que transgride os valores colonialistas, invocar a energia de Exu nos dará condições de produzir novas possibilidades. Nas palavras de Rufino:

Não à toa, nas sabedorias de terreiros, costuma-se dizer que ele é aquele que precede as criações, participa, integra e as desfaz, para que sejam novamente reconstruídas. Em outras palavras, o entendimento de como elemento fundante e indispensável à ordem das existências, [Exu] é traduzido pelos seus praticantes como sendo o princípio dinâmico do universo. (RUFINO, 2019, p..34)

Desse modo, inspirado pela dinamicidade de Exu, o autor destaca a relevância de termos uma postura firme no combate do encarceramento racial e a injustiça cognitiva causada pelo colonialismo. Logo, não se trata de impor caminhos como os senhores colonizadores fizeram mas, sim cruzá-los com as nossas potências epistêmicas e decoloniais, aquecendo a sociedade com a vitalidade do axé, nossa força ancestral.

1.1.2 A DANÇA DAS PALAVRAS DE KIUSAM DE OLIVEIRA

[...] *Meu cabelo é muito bom porque é fofo, lindo e cheiroso.*
*Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso [...]*¹⁴
Kiusam de Oliveira

Antes de falarmos do projeto político e pedagógico de Kiusam Regina de Oliveira, cabe mencionar, ainda que brevemente, seus passos acadêmicos e biográficos que a auxiliam a traçar a Pedagogia Eco-Ancestral. Kiusam é formada em Pedagogia pela Faculdade de Educação de São Paulo, além de Mestre em Psicologia, defendendo a dissertação “Duas histórias de autodeterminação: a construção da identidade de professoras negras”(2003) , e Doutora em Educação, defendendo a tese “Candomblé e Educação: estratégias para o Empoderamento da Mulher Negra” (2009) , ambos pela Universidade de São Paulo (USP).

Desde os 15 anos de idade, a autora esteve envolvida com questões vinculadas a defesa dos direitos das mulheres negras, na região do ABC Paulista, em São Paulo. É no caminhar pelos espaços do Movimento Negro Unificado, pela Umbanda e, posteriormente, no Candomblé de Ketu, consagrando-se Iyalorixá em 2007, que a autora forja as bases da luta étnico-racial e antirracista que se propõe. Kiusam é uma mulher negra multifacetada, dançarina, coreógrafa, Iyalorixá, ativista do Movimento Negro, educadora, pesquisadora e contadora de histórias.

Além de trabalhos acadêmicos e pesquisas que envolvem as relações étnico-raciais e o trato e atenção com a infância de crianças negras, Kiusam já publicou os seguintes livros de literatura: *Omo-oba: Histórias de Princesas* (2010), *O Mundo no Black Power de Tayó* (2013), *O Mar que Banha a Ilha de Goré* (2015), *O Black Power de Akin* (2020), *Com qual penteado eu vou?* (2021) e *Solfejos de Fayola* (2021). A autora vem desenvolvendo uma outra proposta de Literatura, denominada Literatura Negra-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil (LINEBEIJU). Essa Literatura possui uma postura antirracista e visa combater os estereótipos sobre e sob os corpos e imaginários da infância, em particular, de crianças e jovens negros. Kiusam menciona também que a LINEBEIJU é,

[...] uma categoria literária focada nos públicos infantil e juvenil, que traz em seu bojo um posicionamento político que se opõe, explicitamente, à hegemonia da

¹⁴ Fragmento extraído do livro *O mundo no Black Power* de Tayó, em Oliveira, 2013, p.27.

episteme e/ou da epistemologia eurocentrada, ao colonialismo e à colonialidade. [...] possui conteúdo antirracista e decolonial, estruturado e conscientemente elaborado para fortalecer as identidades de crianças e jovens negros [...] essencialmente feminina, não por ser escrita somente por mulheres, mas por focar essencialmente nas relações entre raça e gênero, compreendendo o ser mulher em sociedades machistas (OLIVEIRA, 2020, p. 18- 19).

Desse modo, essa Literatura nos auxilia a pensar formas de fortalecer e instrumentalizar as crianças e jovens para enfrentar o cotidiano eurocêntrico/colonial, impregnado nos currículos escolares, no trato cotidiano entre aluno e aluno e entre professor e aluno, dentre outros (OLIVEIRA,2020). A autora ainda chama a atenção ao fato de que as ações e atitudes antirracistas devem abarcar desde profissionais da educação até os tomadores de decisão no espaço escolar, não estando vinculado apenas a construção narrativa e/ou literária, mas, também, no trato cotidiano com os alunos e alunas.

No desenvolvimento da LINEBEIJU, Kiusam traça cinco premissas para a atuação dos profissionais que se propõe a exercê-la, tais como: ancestralidade, afrocentricidade, encantamento, matrilinearidade negra, identidade e processos educativos. Cabe dizer que esses preceitos se interseccionam à medida que se avança no empoderamento das crianças e jovens, mas também quando se compreende que o conhecimento dessas fogem da lógica universalizante do saber, em que tudo deve ser colocado em caixas separadas e/ou se aprende um de cada vez.

Avançando, a presente literatura esta ancorada na Pedagogia da Ancestralidade, recentemente alterada e renomeada para Pedagogia Eco-Ancestral¹⁵ e que tem como fundamento matrizes ancestrais africanas e indígenas. Segundo Kiusam de Oliveira, a Pedagogia Eco-Ancestral:

[...] considera os conhecimentos ancestrais como elementos-chave para qualquer tipo de aprendizagem, que podem ser encontrados em plataformas diversas como histórias de vida, memórias, provérbios, mitos, ítans, letras de músicas, literaturas, danças, gestualidades, poemas, performances, no silêncio, na meditação. E tem no corpo-templo, um território sagrado, consciente de que precisa ser reestruturado como um corpo-templo-resistência para que seja capaz de combater o racismo institucional e a necropolítica cotidianos, em uma perspectiva sócio-cosmo-política. (OLIVEIRA,2020, p.5)

15A Pedagogia da Ancestralidade sistematizada pela autora Kiusam de Oliveira como campo teórico-metodológico, considera os conhecimentos ancestrais, possibilitando que os corpos negros falem por si. Recentemente, diante o quadro pandêmico da Covid-19, passou a ser intitulada de Pedagogia Eco-Ancestral devido a relevância em ressaltar nossa relação instintiva com a natureza, pois, devemos lembrarmos que somos seres ecológicos, e como tal, estamos ligados a natureza de modo holístico.

Para tanto, a Pedagogia Eco-Ancestral promove o reestabelecimento da conexão de conhecimento, valorização e empoderamento, permitindo as crianças que entram em contato com esse método educacional, mergulharem e enfrentarem as emoções através da ancestralidade, sendo elas negras e não negras. Desse modo, mostra a importância de contestar métodos e ferramentas universalizantes utilizadas nas instituições de ensino, em especial, na Educação Infantil e Anos Iniciais.

A inserção das epistemologias ancestrais e/ou de terreiro dentro das instituições de ensino traz impactos positivos para a formação social e identitária das crianças, invalidando práticas que marginalizam e silenciam corpos negros. Vale ressaltar, mais uma vez, a contribuição que as pedagogias pretas têm feito para a efetivação do que prescrevem as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, assim como as práticas capazes de modificar padrões eurocêntricos estruturais.

Para a prática da Pedagogia Eco-Ancestral, Kiusam de Oliveira indica 10 princípios básicos, a saber:

- 1- É uma pedagogia feminina e combate o sexismo;
- 2- As infâncias são territórios de ação dos Direitos Humanos;
- 3 - Há consciência de que existe a colonialidade no e do poder;
- 4- Estabelece ruptura a partir da decolonialidade;
- 5- Necessidade de emancipação epistêmica;
- 6- Importância da formação para a Educação das Relações Étnico-Raciais;
- 7- Luta por uma educação antirracista;
- 8- Tudo se dá na relação profunda com a ecossistema;
- 9- Necessidade da resignificação do conceito de corpo para o corpo-templo-resistência;
- 10 - Tudo deve se dar de forma a considerar a Ancestralidade.

A autora nos atenta para a virada epistêmica necessária e urgente com a relação a infância, desde a tenra idade, ao reconhecer as crianças como protagonistas de seu próprio desenvolvimento. Faz isso, entendendo que estas se comunicam, criam brincadeiras, pulam, dançam e imaginam, para além, dos conteúdos que a Educação Infantil apregoa.

Além disso, juntos, esses princípios ratificam a relevância da inserção de uma pedagogia afroreferenciada ainda no período da infância nas instituições de ensino. Pois, Kiusam de Oliveira “[...] enxerga na infância um período primordial para combater posturas que reproduzem aprendizagens discriminatórias e racistas desde as brincadeiras infantis,

altamente racializadas pelas crianças” (OLIVEIRA, 2019, p. 2). E, se tratando de postura antirracista, isso deve abarcar desde o cuidado com os cabelos das crianças negras, perpassando a linguagem dirigida para estas, rompendo com estereótipos e ações discriminatórias.

Nesse sentido, quando olhamos para as produções literárias de Kiusam, como *Omo-oba: Histórias de Princesas* (2010) e *O Mundo no Black Power de Tayó* (2013), vemos não só possibilidades, mas formas de saber/fazer da Pedagogia Eco-Ancestral em relação a infância, principalmente quando a autora traz contos iorubanos, suas lições e linguagem de empoderamento, também o cuidado e atenção a autoestima da criança no dia a dia da escola, como é a vivência de Tayó.

Para exemplificar, trago dois excertos que demonstram bem essa Pedagogia: “O black power de Tayó é enorme, do tamanho da sua imaginação. Ela ama tanto os bichos, a natureza, os alimentos, as pessoas e os planetas que, por vezes, projeta todo esse universo em seu penteado” (OLIVEIRA, 2013, p. 24). Isso demonstra o quão Tayó, através das mãos da escritora Kiusam de Oliveira, tem dimensão que pertence ao todo, ao ecossistema, e do poder de criação-protagonista, a partir da imaginação infantil. Nesse sentido, a autora ressalta:

Mas, quando recupera seu bom humor, [Tayó] é capaz de transformar todas as lembranças tristes em pura alegria, projetando em seu penteado todos os sons e cores alegres das tradições que negros e negras conseguiram criar e preservar, como as danças, os jogos, as religiões de matriz africana, as brincadeiras, os cantos, as contações de histórias e todos os saberes, demonstrando que nem correntes nem grilhões conseguiram aprisionar a alma potente dos seus antepassados (OLIVEIRA, 2013, p. 31)

Mesmo que Tayó sofra ataques racistas, havendo um acolhimento da perspectiva ancestral desde a tenra idade, é possível re-existir e compreender que o corpo infantil é um corpo-templo-resistência e que, ainda que o racismo estrutural abale os ensinamentos dos antepassados, as forças de vida e os ensinamentos ancestrais reverberam na infância. Possibilitando reverter a seta de ódio, medo e mal lançados para corpos e existências negras.

Desse modo, nos próximos capítulos discorreremos sobre a Pedagogia Preta nascida no Terreiro de candomblé de nação angola, a qual, os saberes e os fazeres brincantes do Matamba Tombenci Neto poderão ser vistos, através do corpo-brinquedo-memória das filhas e filhos de santo da casa. Com isso, contribuir para os processos de pertencimento das corpos

e corpos negros infantis, assim como, apresentar a sociedade os valores e sentidos do brincar construídos na comunidade Matamba Tombenci Neto.

CAPÍTULO 2

Território Existencial Terreiro Matamba Tombenci Neto

O Terreiro Matamba Tombenci Neto, localizado no bairro Conquista, em Ilhéus, no Sul da Bahia, candomblé de nação angola, tem uma longa tradição no município, e está em sua quarta geração. Dirigido atualmente por Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê), a história da casa teve início no ano de 1885. Seguindo uma tradição familiar, já estiveram à frente do Terreiro a Senhora Tiodolina Rodrigues (Yiatidu - avó de Mãe Hilsa), responsável pela Aldeia de Angorô, o Senhor Euzébio Rodrigues (Tata Gombé – tio de Mãe Hilsa, Mameto Mukalê), dirigindo o Terreiro Roxomucumbo e Dona Roxa (Mameto Bandanelunga – mãe de Mameto Mukalê) responsável pelo Terreiro de Nossa Senhora de Sant’Ana Fé e Razão.

Mameto Mukalê assumiu a liderança do terreiro após a partida de sua mãe Dona Roxa (Mameto Bandanelunga) para o plano espiritual. Daí, então, ao assumir o terreiro, Mãe Hilsa (Mameto Mukalê) se dedicou a manter viva a tradição de sua Mãe e dos seus ancestrais, dando seguimento as obrigações do unzó, assim como a criação de seus quatorze filhos. O Terreiro Matamba Tombenci Neto tem raízes com o Tombenci de Salvador, localizado no bairro Cabual, na capital do Estado da Bahia, e que foi liderado por Maria Neném. Mas, a família materna da Mameto, antes mesmo de seu encontro com o Tombenci, já era ligada à religião do candomblé.

A criação de Mameto Mukalê foi no chão do terreiro, na religião do candomblé. Em sua entrevista, que se encontra integralmente transcrita no apêndice, Mameto discorre que sempre esteve muito próxima aos fazeres e saberes da religião de matriz africana. Foi iniciada aos treze anos de idade e sempre acompanhava sua Mãe Dona Roxa (Mameto Bandanelunga) nas obrigações do terreiro.

Com o passar dos anos, Mameto Mukalê e seus filhos criaram um bloco afro em Ilhéus, o Dilazenze Malungo, com intuito de manter viva a força de nossos ancestrais. Articulado ao Bloco Afro Dilazenze, funcionou no terreiro, durante alguns anos, o Projeto Social Batukerê e, temos também, hoje em atuação, a Organização de Cultura Gongombira. Desse modo, o Terreiro Matamba Tombenci Neto atuou e atua na formação de muitas pessoas que passam neste espaço, onde a força da ancestralidade pulsa.



Figuras 1- Acervo do Terreiro Matamba Tombenci Neto –Assentamento de Nzazi (Xangô), o Patrono da casa.



Figuras 2- Acervo do Terreiro Matamba Tombenci Neto – Barracão do Terreiro Matamba



Figuras 3- Acervo do Terreiro Matamba Tombenci Neto – Área externa do Terreiro Matamba Tombenci Neto.

2.1 CARTOGRAFANDO NO TERREIRO MATAMBA TOMBENCI NETO

Nosso intuito primeiro com esta pesquisa foi analisar valores e sentidos do brincar no terreiro Matamba Tombenci Neto, através das memórias das/dos filhas (os) de santo pertencentes a linhagens ancestrais dessa comunidade, assim como a existência vibrantes dos *nvunjis*, com seus fazeres e saberes brincantes. Diante do exposto, apresentamos, a seguir, os nossos objetivos específicos, quais sejam: contribuir com a formação histórica, social, afetiva e cognitiva de crianças e jovens afrodescendentes; desenvolver práticas educacionais afroafirmativas, antirracistas e decoloniais, a partir da corporeidade brincante do Terreiro Matamba Tombenci Neto; apresentar a relevância da ancestralidade na construção identitária das crianças; apresentar o terreiro como um espaço onde o aprendizado se manifesta de modo integral, valorizando a corporeidade, a história, a natureza, a ancestralidade e a ludicidade; recuperar os conhecimentos historicamente “perdidos”; reforçar os laços entre gerações através das memórias brincantes dos membros do Terreiro Matamba Tombenci Neto; fortalecendo os vínculos eco-ancestrais.

Para a realização da pesquisa, em relação à fundamentação teórica, refletimos sobre a temática em questão a partir de leituras acerca da Pedagogia da Ancestralidade (OLIVEIRA, 2014) e da Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2018), entrecruzada e enfatizada pela método da entrevista cartográfica (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013). Esse caminho teórico-metodológico tem total relevância para a construção da pesquisa.

Utilizamos a entrevista cartográfica como coleta de dados com 6 integrantes da comunidade, os quais apresentaram suas narrativas ancorados na cosmovisão do terreiro, evidenciando saberes e fazeres brincantes. O método cartográfico permite mergulharmos no território da pesquisa. Território este que se encontra em constante movimento, ou seja, “a implicação do aprendiz-cartografo deve posiciona-lo sempre ao lado da experiência”. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p.142). Sendo assim, uma vez que o método cartográfico não disponibiliza modelo pronto, foi primordial o engajamento no campo pesquisado.

De acordo com Eirado *et al.* (2010 *apud* TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013, p.302), “a entrevista na cartografia considera a inseparabilidade dos dois planos da experiência: a experiência de vida ou o vivido da experiência e a experiência pré-refletida ou

ontológica”. Desse modo, a entrevista cartográfica afirma que ambos os planos são correspondentes, não havendo exclusão.

Diante do quadro pandêmico, do Coronavírus (COVID-19), nossa pesquisa sofreu alterações, buscando atender o protocolo de isolamento social, em conformidade com a Organização Mundial de Saúde (OMS), e com o Decreto Estadual nº 19.529/20. E, pela decisão da Nêgua de Nkissi, Mameto Mukalê, do Terreiro Matamba Tombenci Neto, que apesar do Decreto Municipal de Ilhéus nº 037/2020, autorizando a reabertura de templos religiosos, as atividades do Terreiro mantiveram-se suspensas para a segurança de todos e todas os filhos e filhas de santo. Em função disso, não fizemos incursões da pesquisa durante ciclos de obrigações religiosas.

Com o avanço do plano do de vacinação, nossas entrevistas puderam ser realizadas presencialmente com cinco dos seis entrevistados, exceto a entrevista com a Mameto Bamborossicongo (G’leu Cambria), que reside no Rio de Janeiro (nesse caso, o convite foi feito via a plataforma digital – Whatsapp e, pela mesma plataforma, ela respondeu a perguntas por escrito). Nos encontros presenciais, respeitamos todos os protocolos de segurança, vale ressaltar que todos os entrevistados já haviam sido vacinados, inclusive, a pesquisadora, o que nos deixou mais confiantes. Em paralelo, realizamos a pesquisa bibliográfica, através do contato com teses, dissertações, livros e artigos científicos que contemplam a temática estudada e assistimos a inúmeras lives com autores e autoras pré-selecionadas por nossa bibliografia.

As entrevistas com os participantes da pesquisa nos possibilitou a elaboração de uma Coleção de livros de narrativas, canções, jogos e brincadeiras, inspirado pela corporeidade brincante dos membros da comunidade do Matamba Tombenci Neto. Desse modo, o produto final desta pesquisa possibilita tanto memórias e práticas educacionais nas instituições de ensino quanto nas comunidades tradicionais e possui especial importância para a própria comunidade do Terreiro Matamba Tombenci Neto, fortalecendo as ações afroafirmativas, antirracistas e decoloniais.

A pesquisa torna-se favorável para a apresentação de novas práticas metodológicas que corroborem para a superação das colonialidades pedagógicas, advindas do racismo estrutural. Tais práticas tem como inspiração e método as memórias de muzenzas e dos mais

velhos da comunidade do Terreiro Matamba Tombenci Neto, em Ilhéus/BA, que estão presente na Coleção de Livros, com propostas afrocentradas e antirracistas.

Almejamos que o material concebido por esta pesquisa (Coleção de livros Nvunji no Jardim Tombenci), ao encontrar meios de financiamento para sua produção, possa ser produzido em papel e disponibilizado nas bibliotecas das comunidades tradicionais, principalmente, no território Litoral Sul da Bahia, onde está localizado o Memorial Unzó Matamba Tombenci Neto (espaço que reúne material oriundo da história do terreiro, com o intuito de preservar a memória ancestral). Além disso, desejamos que esses livros possam chegar a instituições formais de ensino e para a sociedade em geral. Por ora, acreditamos na possibilidade de estes livros serem postos em circulação por meio do repositório e das bibliotecas digitais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

2.2 ENCONTRO DE SABERES E GERAÇÕES DO MATAMBA TOMBENCI NETO

Os participantes da pesquisa foram 06 pessoas, todas elas do Terreiro Matamba Tombenci Neto, não havendo necessidade de todas terem vivido sua infância no local. Isso porque nos interessou a vivência e a integração dessas pessoas nas dinâmicas da comunidade, evidenciando sentidos e valores do brincar dentro de uma comunidade tradicional de terreiro. As entrevistas ocorreram individualmente com cada entrevistado/a.

Todos os entrevistados relataram um pouco de sua infância, discorrendo sobre as brincadeiras, músicas, histórias e vivências dentro e fora do terreiro. Os entrevistados desta pesquisa foram: Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê); Mestre Nei (Tata Kajibereoman); G'leu Cambria (Mameto Bamborossicongo); Gilmar Nascimento (Tateto Zumbereamazi); Leonardo Lopes (Tateto Kassulembá) e Marinho Rodrigues (Tata Luandenkossi).

Diante do quadro pandêmico, que culminou na suspensão das atividades do terreiro por um longo período, por consequência, houve diminuição do fluxo de pessoas neste espaço, principalmente, sobretudo, fluxo de crianças. Lamentamos e justificamos, assim, a ausência do relato de uma criança nesta pesquisa. Entrevistar crianças, durante a pandemia, implicaria numa infraestrutura a que não tivemos acesso e nem tivemos recursos financeiros suficientes para montar sessões/oficinas com crianças de modo a garantir a observância dos protocolos de

segurança Covid-19. Optamos, então, por trabalhar apenas com as falas do corpo-brinquedo-memória de nossos entrevistados.

Nossas entrevistas trouxeram uma perspectiva sobre a infância que se difere do olhar eurocentrado e se consolida nas falas dos entrevistados, isso porque escolhemos entrevistados (as) pertencentes à comunidade, com cargos e funções dentro do barracão e da vida religiosa do Tombenci, de diferentes faixas etárias cronológicas, com mais de 18 anos de idade civil. De todo modo, essa escolha nos ofertou informações riquíssimas, sobretudo, possibilitou um encontro de saberes de diferentes gerações, nos apresentando a potência ancestral existente nos terreiros de candomblé.

“E, a gente se divertia, brincando fazendo roda, fazendo picula, fazendo brincadeira de se esconder. Todo mundo procurando, procurando e a gente ali escondida. Era bom naquela época. Minha infância eu brinquei muito[...]”. Mameto Mukalê – Hilsa Rodrigues)

*“ [...] Hoje, todo conhecimento que eu tenho, na verdade ele começou a ser adquirido nas minhas brincadeiras de criança, nas minhas brincadeiras junto com outras crianças do terreiro, meus irmãos e, meus primos. Então, na verdade hoje eu compreendo que ali era o início desse aprendizado. **Foi brincando de tocar que eu aprendi a tocar** né, a gente dentro do terreiro aprende pela vivência. Os ensinamentos são pela vivência, são pelos diálogos, pelas conversas, pela oralidade, são por você ver e reproduzir as práticas e, assim foi a gente enquanto criança [...]”. (Tata Kajibereoman – Mestre Nei)*

“[...] no terreiro a infância a criança ela é vista como sagrado, como futuro, como presente futuro. Eu quando criança eu brincava eu estudava e eu vivia como criança, me divertia, é achava esse universo do candomblé mágico. Eu nunca fui forçada a fazer ou participar ou me iniciar, a gente sempre teve uma infância dentro do terreiro muito livre para ser criança no momento de brincar no momento de estudar, nos momentos de ajudar, dos afazeres também, porque a gente forma um ser desde pequeno, esses valores é a essência da vida [...]”. (Mameto Bamborossicongo – Gleu Cambria)

“Como a parte inicial, levada a infância, as brincadeiras sadias e evolutivas”. (Tateto Zumbereamazi – Gilmar)

“[...] ser criança dentro do terreiro, é isso, você viver dentro de um espaço sagrado, religioso mas, também um espaço social, um espaço cultural, um espaço político que você vai crescendo, tendo esse modelo de educação que eu até hoje trago comigo. Eu falo para todo mundo entendeu, se hoje eu sou o que eu sou, agradeço a educação que tive dentro do terreiro, desde criança que você vai aprendendo brincando, você não tem um professor ali na sua frente dizendo: faça isso, faça aquilo. Não! Você vai aprendendo desse jeito, vivenciando [...]” (Tata Luandênkossi – Marinho Rodrigues)

“[...] A infância dentro do terreiro de candomblé, ela é importante e fundamental para a continuação da nossa ancestralidade e da nossa religiosidade. Nós temos a convicção de que a infância, a criança é o começo de tudo, sem a infância, sem as nossas crianças dentro do terreiro de candomblé fica muito mais difícil de se imaginar o candomblé daqui uns anos[...]”. (Tateto Kassulembá – Leonardo Lopes)

Abrimos a série de entrevistas com a nossa matriarca Mameto Mukalê (Mãe Hilsa Rodrigues Pereira dos Santos). Ela que, como discorremos anteriormente, é mulher negra, filha, mãe, avó, bisavó, tataravó, nêngua de nkissi, artista, filha de Matamba e dona de uma força descomunal. Nascida em 13 de março de 1934, filha de Izabel Rodrigues Pereira e Valentin Afonso Pereira. Há 46 anos dirige o Terreiro Matamba Tombenci Neto.



Figuras 4;5 - Acervo do Terreiro Matamba Tombenci Neto - Ilza Rodrigues (Mameto Mukalê)

O nosso segundo entrevistado foi o Tata Kajibereoman (Mestre Nei), filho do nkisseLembá, é Tatá múngua¹⁶ da muzenza e autora desta pesquisa, diretor do Bloco Afro Dilazensee filho carnal de Mãe Hilza Mukalê. Nascido em 18 de novembro, Mestre Nei, com sua escuta atenta e de modo, acolhedor aceitou ser um dos entrevistados desta pesquisa.

¹⁶ O termo Tatá múngua, significa padrinho. Durante o processo de iniciação são escolhidas pessoas para serem padrinho e madrinha do novo (a) iniciado (a) e, Mestre Nei tornou-se padrinho da muzenza Monalungo (Aline M. J. Oliveira).

Na ocasião, falou de sua felicidade em ter uma pesquisa dentro do terreiro voltada para a infância.



*Figuras 6;7 – Disponibilizada pelo entrevistado
– Tata Kajibereoman (Mestre Ney)*

Na sequência, entrevistamos Mameto Bamborossicongo (G'leu Cambria), nascida em 13 de março (no mesmo dia que sua avó), neta carnal e filha de santo de Mãe Hilsa Rodrigues. Desde pequena mostrou fascínio pela dança, iniciou sua carreira como coreógrafa no Bloco Afro Dilazenze. Atualmente, é professora e coreógrafa de dança afro na cidade do Rio de Janeiro, onde é diretora da Bamboyá Cia de Dança.

*Figura 8 – Disponibilizada pela entrevistada –
G'leu Cambria (Mameto Bamborossicongo)*

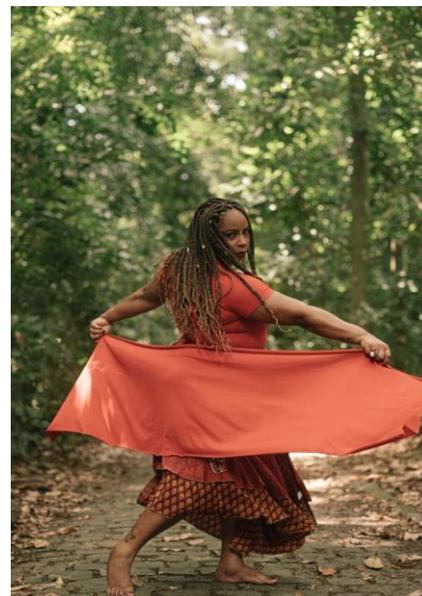




Figura 9 – Disponibilizada pela entrevistada – Betinho (primo de G'leu Cambria), Mameto Mukalê (Mãe Hilsa) e G'leu Cambria (Mameto Bamborossicongo) – Foto de enorme valor afetivo para G'leu Cambria, pois mostra sua proximidade com sua avó e a felicidade em ter sido acompanhada por ela numa festa na escola.

O nosso quarto entrevistado, um ser humano solícito e bem humorado, o Tateto Zumbereamazi (Gilmar Costa Nascimento) é filho de santo de Mameto Mukalê. Liderança religiosa, o nome de sua casa de santo é Nzó Nkisi Ayalakaribô Tombenci Bisneto. Em sua entrevista, relembra momentos de sua infância no Matamba Tombenci Neto, discorre que chegou ali ainda muito novo, aos seis anos de idade. Seu primeiro kibune mutuê (bori) foi feito por Mameto Bandanelunga (Dona Roxa) e foi iniciado já adulto.



Figura 10 – Disponibilizada pelo entrevistado – Tata Zumbereamazi (Gilmar C. Nascimento) ao lado de Tata Kassumlembá (Leonardo Lopes)



Figura 11 – Disponibilizada pelo entrevistado – Tata Zumbereamazi (Gilmar C. Nascimento), Mameto Mukalê (Ilza Rodrigues), Tata Kassumlebá (Leonardo Lopes) e Makota Tabalandê (Gal Souza)

O quinto entrevistado foi o Tata Luandênkossi (Marinho Rodrigues). Ele foi bastante receptivo ao realizar a entrevista e se colocar a disposição para ajudar no que fosse necessário. Marinho Rodrigues é filho carnal de Mameto Mukalê, atualmente é presidente da Organização Gongombira de Cultural e Cidadania –Ilhéus/BA, filho do nkisse Nkossi. Durante a entrevista, relatou o quanto as vivências de sua infância foram importantes para sua formação como pessoa dentro de uma sociedade moldada nos moldes eurocêntrico.

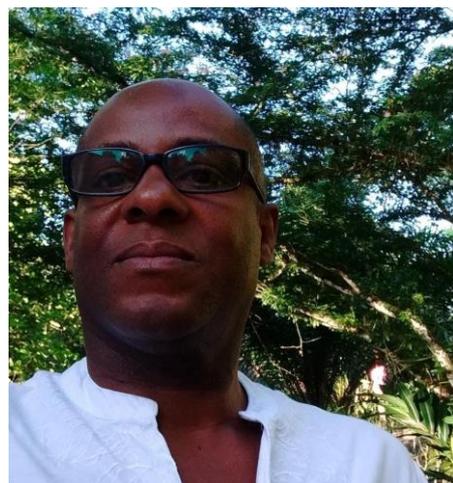


Figura 12;13 – Acervo do entrevistado – Tata Luandênkossi (Marinho Rodrigues)

Fechamos nossas entrevistas com um filho de Lembá, Tata Kassulembá (Leonardo Lopes). Nascido no dia 20 de dezembro de 1996, bisneto carnal e filho de santo de Mameto Mukalê. Dentro do terreiro, Tata Kassulembá já alcançou sua maior idade, ou seja, sete anos de iniciado. Tornou-se um zelador de santo ou Tata Nkisse. Leonardo realizou sua entrevista com muito carinho, demonstrou satisfação ao falar de sua ancestralidade, nos deixando com a sensação de objetivo alcançado, o que fortaleceu ainda mais a pesquisa.



Figura 14;15 – Acervo do entrevistado – Tata Kassumlembá (Leonardo Lopes)



Percebemos, nos discursos dos entrevistados e entrevistadas, encantamento, respeito por sua ancestralidade e pelo espaço do terreiro. Esperamos, que o terreiro, como espaço educativo, seja cada vez mais evidenciado na sociedade. Afinal, se faz necessário transpor a invisibilidade desses ambientes, porque são nas comunidade tradicionais de terreiros que são propostas práticas reais e efetivas de resistência, de ensino-aprendizagem, de apropriação e preservação cultural.

2.3 DO LIVRO AO LIVRO: ÁGUAS DE MERGULHOS E ENCONTROS



Figura 16 – Acervo pessoal
Nkisse Kissimbi (Monalungo/Aline Madalena)

Águas que me guardam

Água silenciosa que transita e habita meu SER.
 Queda d'água
 Horas correnteza, horas mansidão.
 Contorna pedras, faz buracos,
 acalenta corações e purifica corpos
 És útera que prepara, alimenta e protege suas crias
 Mulher com encantos de menina
 ou menina com encantos de mulher?
 Tudo depende do seu olhar!
 Sabedoria do silêncio,
 Sabedoria do movimento,
 Sabedoria do bailar,
 Sabedoria das magias,
 Sabedoria além dos tempos.
 Quão profunda és tua transparência!
 Arquétipo da elegância, da doçura,
 do choro, da feitiçeira, da maternidade,
 da fertilidade, da astúcia, da força, da militância.
 Quão profunda és tua transparência!
 És energia!
 És mel!
 És abelha!
 És lírio!
 És girassol!
 És espelho!
 És lágrimas!
 És água de rio!
 És água de cachoeira!
 És ÁGUA!

Moço,
 Não se subestima água!
 Não se segura água!

Prefira sua calma, pois ela afoga em silêncio.

E, como diz o poeta Gerônimo:

“... a força que mora n'água não faz distinção de cor...”

Vou seguindo assim, com a armadura feita do ouro de Oxum,
 que como bem ecoa na potente voz de Bethânia

“...garante meu sangue, minha garganta, o veneno do mal não acha passagem”.

Quão profunda és tua transparência!

(Monalungo, Aline Madalena)

No primeiro capítulo, apresentei, de modo sucinto, os fatores motivacionais que perpassam por esta pesquisa, para tanto, apresento neste momento, o percurso feito até os dias atuais. Filha de Marilene de Jesus Oliveira e de João Oliveira, neta de Maria Lúcia Deoclécia Soares de Jesus, Manoel Vitorino de Jesus (avós maternos), Josefa Maria de Jesus e Américo

Oliveira (avós paternos), irmã de Renilton de Jesus Oliveira. Durante a infância, assim como tantas crianças negras vivenciei/senti na pele a tamanha violência que é o racismo, principalmente, na escola. Foi no ambiente escolar que aprendi a invisibilizar e negar minha ancestralidade, por conta das comparações de cabelos, dos questionamentos em relação a cor da gengiva “por que sua gengiva é dessa cor?”, os olhares de desprezo, de nojo, de estranheza, sem contar cognomes (macaca, beijo de jegue) dados pelos colegas devido meus traços físicos, em especial, os lábios.

O início de minha vida escolar foi aos 2 anos. Fui retida na pré-alfabetização por conta de não ter a idade exigida para ingressar no Ensino Fundamental I. Com 7 anos, fui estudar na Escola Santa Ângela, dirigida por freiras, nesta época para ingressar na instituição era necessário fazer um teste de admissão, este teste consistia em realizar a leitura de um texto. No Santa Ângela, cursei todo meu ensino fundamental I (antigo 1ª a 4ª série) e, por se tratar de uma escola ancorada nos preceitos da Igreja Católica, quando chegávamos ao nosso último ano, era realizada a primeira eucaristia¹⁷.

A escola impõe para as crianças negras muitos desafios, nos apresentam “padrões de beleza”, totalmente distante de nossa realidade. Resultado disso, chegamos em casa querendo alisar os cabelos, fazer franjas com a ilusão de que assim nos aproximaremos da realidade imposta pelo sistema. Fui crescendo sem querer usar batom, pois, fazendo uso do mesmo, iria realçar o que mais queria esconder, os meus lábios. Ressignificar o uso do batom foi um longo processo. Tais situações não se encerram por aqui. Ao chegar no fundamental II (5ª a 8ª série), essas vivências tornam-se mais violentas, afinal, ouvimos a história de nossos ancestrais sendo narradas através da perspectiva do colonizador.

Nesta caminhada da educação básica, não trago lembranças de ter sido apresentada a referenciais afrocentrados, através de literaturas, brincadeiras e jogos. A história de meus ancestrais sempre foi apresentada pelo viés da escravidão, a partir de datas comemorativas de modo caricato e folclorizado. As obras literárias e os livros didáticos traziam negros e negras em situações subalternizadas, negativadas, invisibilizando uma existência plena. Recordo-me de que os meses de agosto (Dia do Folclore) e novembro (Consciência Negra) eram os únicos meses nos quais via grupos de capoeira dentro da instituição de ensino.

17 É um dos setes sacramentos da Igreja católica, consiste numa celebração em que os católicos recebem pela primeira vez a eucaristia, ou seja, a hóstia (corpo vivo de Jesus Cristo).

Nesse período também, se falava de algumas comidas típicas dos povos indígenas e negros, dentre elas, a tapioca (origem indígena), e apenas o acarajé/abará como alimentação originada dos povos africanos. Outro ponto significativo era o apagamento das religiões de matriz africana, estas, por vezes, demonizadas dentro do ambiente escolar, evidenciando o alto índice do racismo religioso em um país que se diz laico. O mês de novembro era marcado por apresentações, onde os estudantes traziam danças e peças teatrais; a música “carro chefe” de todos os anos era a Pérola Negra, da Daniela Mercury (sem desmerecer a cantora e a música, ao pontuar a mesma, busco evidenciar o apagamento de tantas outras músicas e artistas que poderiam estar presente), já nas peças teatrais quem eram os escravos?! Os estudantes negros, claro!

Escrevendo minha trajetória, recordei um episódio adormecido, sem muitos detalhes, apenas com o pulsar de um sentimento de descontentamento. Naquela época, não me recordo a série (ciclo/ano), só sei que já estava cursando o ensino fundamental II, nossa classe precisava se caracterizar com roupas do Brasil colonial para uma determinada apresentação, saímos em um pequeno grupo de colegas para o local onde alugava roupas e fantasias, aqui em Ilhéus/BA. Chegando ao local, me encantei por um dos vestidos, a atendente deixou experimentar, me admirar no espelho, trouxe adereços para compor o vestuário. E, assim ocorreu com todos que lá estavam. Certo momento, uma colega, verbalizou que aquela vestimenta não podia ser a minha, porque eu iria me caracterizar como escrava e não como a sinhá. Tomada por um longo silêncio, retiro o vestido com o qual estava encantada, para ir experimentar as vestes utilizadas pelas escravas.

Experiências como esta “[...] não apenas revela o esquecimento do respeito devido. Ela pode infligir uma ferida cruel ao oprimir suas vítimas de um ódio de si paralisante” (MUNANGA, 2012, p.32). É na escola que crianças negras conhecem o sentido da palavra negação, passam a negar sua existência e buscam “ser diferente” na tentativa de ser tratada com mais respeito. Assim, Cavalleiro (2018) afirma que “[...] essa linguagem o condiciona ao fracasso, à submissão e ao medo, visto que parte das experiências vividas na escola é marcada por humilhações”. (CAVALLEIRO, 2018, p.98-99).

Em contrapartida, foi também durante a pré-adolescência, ali entre meus 11 a 12 anos que ingressei em um projeto social chamado Projeto Batukê. Criado em 2000, o Projeto

Batukerê se origina de atividades desenvolvidas pelo Bloco Afro Dilazenze Malungo, nascido dentro do Terreiro Matamba Tombenci Neto. O projeto em questão oferecia oficinas de dança afro, teatro, percussão e capoeira, nos turnos matutino e vespertino, com o intuito de atender as crianças e adolescentes em horários oposto ao da escola.

O principal objetivo do projeto Batukerê era proporcionar a crianças e adolescentes da comunidade do Alto da Conquista, bairro onde fica localizada a sede do Grupo de Preservação Cultural Dilazenze Malungo, opções vocacionais, educacionais, artísticas, culturais, recreativas e profissionais, através da ancestralidade africana e afro-brasileira. A realidade apresentada aos integrantes do Projeto perpassava pela educação vivenciada no terreiro, uma educação que integra, respeita, ensina e valoriza as individualidades.

O Batukerê me proporcionou experiências significativas, através das oficinas realizadas. Ali éramos apresentados a nossa verdadeira história e, por mais que houvesse o silenciamento no ambiente escolar, no projeto, sentia-me fortalecida e acolhida. Neste caso, o Projeto possibilitou um reencontro com minha ancestralidade, através dos movimentos, da experimentação, das vivências e da manipulação concreta de jogos, brinquedos e brincadeiras.

Ações, como estas promovidas pelo projeto, a partir da cultura viva de um terreiro de candomblé, contribuem com a formação histórica, social, afetiva e cognitiva de crianças afrodescendentes, bem como com sua educação política cidadã. Logo, afirma PEREIRA (2012, p.17), “[...]possibilidade de ampliarem seus horizontes, descolonizarem suas consciências e se capacitarem a compreender melhor o processo histórico que a realidade que, hoje, desafia interpretações, no Brasil e no mundo”.

Sendo assim, faz-se necessário que propostas semelhantes sejam estendidas ao âmbito da educação formal, visto que a união destes saberes com a literatura infanto-juvenil potencializaria a formação dessas crianças. Desse modo, de forma respeitosa, tanto o corpo docente quanto os estudantes seriam estimulados a refletirem e saírem da superficialidade, já que, por muitos anos, as literaturas transmitiam pensamentos/comportamentos eurocêntricos, culminando na invisibilização dos povos negros.

Quando ingresso no ensino superior, essas vivências se constituíram enquanto a principal motivação para discorrer sobre temáticas ligadas a criança negra na escola, uma vez que vivenciei muitas dessas situações no ambiente escolar. Vale ressaltar que, mesmo

havendo, ainda, necessidade da academia abrir mais espaço para autores negros, foi este espaço que também contribuiu com o processo de aceitação da minha imagem enquanto mulher negra. Tornou-se tão latente que ganhei fôlego para realizar minha transição capilar e, nós, mulheres negras, em especial, sabemos o quanto é doloroso este processo de transição capilar.

No meu trabalho de conclusão de curso (TCC), escrevo um artigo intitulado “**A situação educacional da criança negra na escola: uma revisão bibliográfica da produção na revista da Fundação Carlos Chagas**”, visando contribuir para o crescimento das discussões sobre a temática e colaborar com a quebra do silenciamento existente no âmbito escolar. Assim, analisamos artigos com abordagem histórica, qualitativa e quantitativa que discutiam a situação educacional da criança negra no Brasil na revista da Fundação Carlos Chagas (FCC), no final do século XX e início do século XXI. Desse modo, concluímos que mesmo com um crescimento no número de pesquisadores, ainda existia uma precariedade. Logo, meu grito não se findaria naquele artigo.

Após o término da graduação, atuei numa escola da rede privada em Ilhéus/BA com educandos de 5 e 6 anos, idade a qual estão transitando para a alfabetização. Diante o quadro pandêmico do Coronavírus (COVID-19), algumas mudanças foram implantadas e culminou numa mudança de turma e função para mim, me tornei educadora dos educandos do 2º ano do Ensino Fundamental I.

Paralelamente, ao cursar a especialização em Alfabetização e Letramento (UFBA), encontro-me com o livro “O Mundo no Black Power de Tayó”, de Kiusam de Oliveira. Tayó fortalece ainda mais a criança Aline e, juntas, prosseguimos com nossa caminhada. Ainda atuando na escola, em 2019, consigo alcançar dois anseios: um de prosseguir com a carreira acadêmica, ingressando no mestrado; e, o outro, ouvir um chamado da ancestralidade que gritava em meu íntimo para me tornar *doula*.

O ingresso ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER) realizou o *ebó cívico*¹⁸ necessário para me aterrar com maior intensidade como pedagoga-pesquisadora-*doula* afrocentrada. Assim como pude acompanhar o gestar de uma nova vida, e a minha prática com a doulagem potencializou o respeito pela herança ancestral,

18 Ver Luiz Rufino, *Pedagogia das Encruzilhadas*, 2019.

em especial, a feminina, pelo sagrado e pela natureza. Outro fato significativo que acentuou minha decisão de me tornar uma pedagoga-pesquisadora-*doula*, com corpo aterrado na herança intelectual negro-diaspórica, foi minha iniciação no Terreiro Matamba Tombenci Neto.

Em 2014, tornei-me *ndunbi* do terreiro. Desde então fui aprendendo a partir da observação e do contato com minhas/meus mais velhas(os), como era a rotina dentro deste espaço sagrado, sempre quando ocorriam as *kizombas*. Já em 2018, tornei-me *muzenza*, atualmente, tenho 3 anos de iniciada na religião do candomblé, minha *digina*¹⁹ é Monalungo. Monalungo dentro do Terreiro Matamba Tombenci Neto ainda se constitui como criança devido o tempo de iniciação. Aquela criança que vivencia as descobertas de seu processo espiritual, que vem aprendendo a falar, caminhar e realizar as atividades desenvolvidas dentro do terreiro.

Ter sido iniciada por Mameto Mukalê e todo seu ministério é uma honra, difícil até adjetivar tamanha satisfação. Esta mulher, mãe, avó, amiga, artista com sua força e sabedoria, transpira ancestralidade. Emoção maior é saber que ela conviveu com minha avó Josefa Maria de Jesus. Vó Zefa ou Dona Zefa, como era conhecida, hoje se encontra no plano espiritual, também era uma sacerdotisa, rezava, consultava através do copo e zelava seus orixás. Convivi muito pouco com Vó Zefa, quando ela partiu, eu tinha apenas sete anos. Nesse pouco tempo de vivência com Vó, aproveitamos brincando.

Lembro-me das tardes sentada na porta ao seu lado, contando os “fusquinhas” (carro fusca) que passavam pela rua; lembro dos momentos de pentear seus cabelos pretos (detalhe: naquele ori (cabeça), apenas eu e uma prima podiam pegar [risos]). A ancestralidade (e seus mistérios!), mal sabia eu que já estava sendo preparada para herdar, junto com tantos outros familiares, sua força ancestral. Minhas raízes ancestrais pulsam dentro do meu ser, trago também em mim, minha bisavó materna Maria Catarina Deoclécia de Jesus, também chamada de Josina, uma exímia rezadeira na cidade de Santa Cruz da Vitória/BA. Não tive oportunidade de conhecê-la neste plano, porém não tenho dúvida de que sua força reverbera em minha vida. Em vista disso, reintero que esta pesquisa é feita por várias mãos e saberes que fazem ressoar o grito emancipatório e decolonial existente nesta pesquisa.

19 Cada adepto quando é iniciado recebe um nome ao renascer para o sagrado e, este é chamado de *digina*.

CAPÍTULO 3

Infância e memória ancestrais:

canções,
jogos
e brincadeiras

No início deste capítulo 3, Atubandagirá!²⁰.

A bênção a todes, aos nossos mais velhos e mais novos da religião de matriz africana, e, aos demais, minhas boas-vindas, desejo uma excelente leitura. Que a ancestralidade esteja presente dialogando conosco através desta escrita! Se é para falar de ancestralidade nada mais justo do que começarmos cantando, afinal a música é uma forte herança das comunidades africanas.

E Nvunji e mona me, e Nvunji e mona me
(O Nvunji é meu filho)
Kabila diangoma
(Pequeno pastor que cuida do couro)
Nvunji kauele, kauele
(Nvunji pequeno travesso, pequeno travesso)
Kabila diangoma tuiza!
(Pequeno pastor que cuida do couro, nossa luz!)

Saúdo todas as crianças através desta zuela²¹, cantada para os *Nvunjis* nas comunidades tradicionais de terreiro da Nação Angola. O universo infantil traz consigo subjetividades, encantos e aprendizados. A valorização e respeito por esses seres e acontecimentos é imprescindível para a humanidade. Ao falarmos de criança vem em mente termos como alegria, educação, cuidado, música, brincadeiras, histórias, entre outros.

Este capítulo tem o intuito de apresentar a relevância da ancestralidade a partir das brincadeiras, para a formação cognitiva, social, cultural e afetiva das crianças, em especial, as negras e indígenas, que constantemente são vítimas do preconceito, da discriminação e do racismo. Sabemos que o ato de brincar é inerente a todos os indivíduos, inclusive, na natureza, todos os animais brincam, e o brincar se apresenta de forma constante no processo formativo dos indivíduos.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI/1988), “no ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar, as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando” (RCNEI, 1988, p.27). Logo, é por meio do brincar que as crianças desenvolvem o seu conhecimento sócio-cultural, de modo que essa prática impactará seu desenvolvimento identitário.

²⁰ Pedido de licença, usualmente empregado ao adentrar em espaços e/ou passar por um mais velho.

²¹ Nome dado as músicas cantadas durante as cerimônias internas (privada) e externas (público).

O livro “O mundo no Black Power de Tayó” (2013), da autora Kiusam de Oliveira, como já mencionado no capítulo anterior, traz a narrativa de uma menina negra que tem orgulho de seus cabelos crespos. Durante a história, Kiusam expõe uma criança de autoestima elevada, que encara com sabedoria as agressões dos colegas quando esses falam que seu cabelo é ruim, respondendo: “Meu cabelo é muito bom porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso.” (OLIVEIRA, 2013, p.27).

Essa narrativa nos mostra a maestria da criança, ao trazer uma reflexão sobre a riqueza cultural de um povo, através da representação do cabelo. Mostra-nos consciência de seu pertencimento étnico, ao lidar com situações de constrangimento diante das quais, muitas vezes, as crianças reagem através do silenciamento por desconhecerem as origens de sua ancestralidade. Sendo assim, a autora nos leva a refletir o quanto é primordial promover desde a infância o conhecimento das origens interétnicas do nosso país (e as interculturalidades perenes), para assim despertar e fortalecer o pertencimento ancestral que carregamos, tornando-nos mais fortes para o enfrentamento dos vários tipos de racismos, racismos estrutural, institucional, religioso e cotidiano. De acordo com Sílvia Almeida o racismo,

é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019,p.25)

Com isso, o autor apresenta três concepções de racismo. Aqui destacaremos inicialmente duas noções de racismos, quais sejam: o estrutural, que se apresenta como base dos demais, por está presente nas relações econômicas, políticas, jurídicas e sociais, tornando-se um processo histórico e político. E, o institucional, que concede privilégios e desvantagens a grupos devido à raça, naturalizando atos racistas, por meio da regra e do poder. Assim, Almeida (2019, p.36) afirma que “as instituições são racistas, porque a sociedade é racista”.

Somando aos conceitos supracitados, apresentamos também, o racismo religioso que consiste no ataque verbal, agressão física, apedrejamento e queima dos terreiros, dentre outras experiências vivenciadas por pessoas de religiões de matriz africana. Logo, Nogueira (2020, p.47) corrobora, “o racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta”. As crianças de terreiro sofrem em seus corpos esse racismo

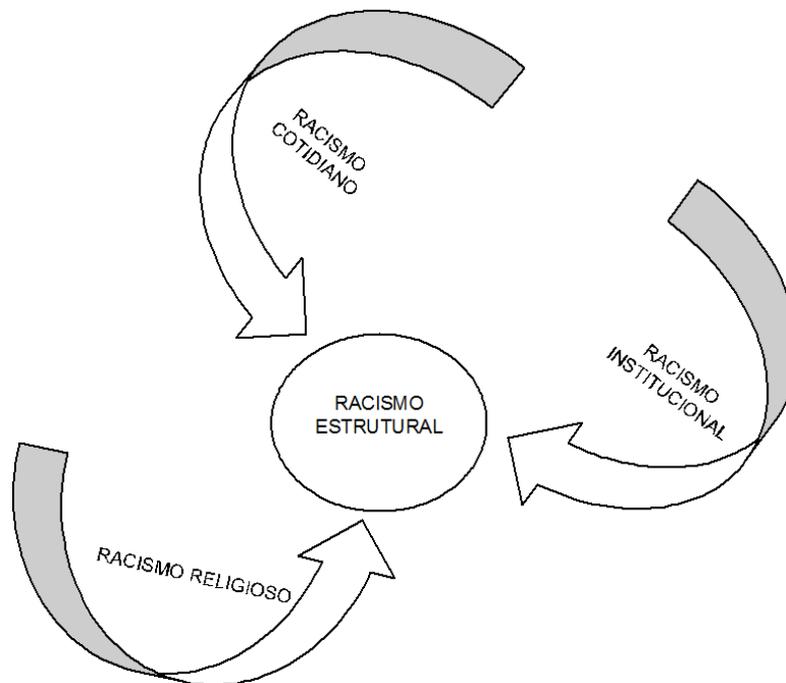
quando são atacados por usar seus fios de contas, ao usar branco nas sextas-feiras, ao não se alimentar com certos alimentos e ao ser impedido de brincar devido sua religião.

Já o racismo cotidiano, uma quarta acepção do racismo, como a própria palavra nos diz, faz referência ao padrão ininterrupto de abusos, de agressões e de experiências que abalam o dia a dia das pessoas negras. Nesse sentido Grada Kilomba discorre que,

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como “Outra/o” – a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca. (KILOMBA, 2019,p.78).

Em suma, a partir do que foi referenciado, apresentamos a representação gráfica abaixo, com intuito de afirmar que o racismo como fenômeno social tem em sua base o racismo estrutural, pois o mesmo nutre os demais racismos. Com isso, o racismo institucional, cotidiano, religioso, dentre outros tipos de racismos, são ramificações do chamado racismo estrutural.

Figura 17 – Racismo Estrutural



Fonte: A autora (2021)

Nesse sentido, é importante estarmos atentos as experiências racistas que ocorrem nas instituições de ensino (crianças negras são vistas nas brincadeiras quase sempre como empregados(as), monstros(as) e ladrões/onas). Buscando atuar no combate dessas opressões, em especial, na educação infantil e anos iniciais, realizamos esta proposta de pesquisa cartográfica. Nesta pesquisa, o enfrentamento é evidenciado a partir do protagonismo de epistemologias negras, as quais atuam na emancipação de corpos (sujeitos e povos) negros.

Azoilda Trindade (2010), assim como outros estudiosos, evidencia que a ludicidade é importante para o desenvolvimento educacional, em especial, das crianças negras, pois, a mesma possibilita o autorreconhecimento de sua própria cultura e de outras. (Essa teoria dialoga com o posicionamento de Luckesi²² (2014)), ao apresentar a ludicidade como uma vivência subjetiva embasada sob perspectivas sociais e culturais, e que abrange tanto o aspecto coletivo quanto individual). A ludicidade, portanto, se apresenta como um componente relevante no contexto da Educação Antirracista, Intercultural e Afrocentrada, porque além de participar do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, também pode realizar um resgate histórico familiar e cultural da infância negra em outro lugar que não apenas o do trauma e das violências simbólicas advindas do racismo.

A ludicidade que nasce da infância e das memórias ancestrais dialogam com o que Santana (2019) e Melo (2020) chamam de “experiências de felicidade para a infância negra” e de “pedagogias do Afroafeto”. Em sua dissertação, Fátima Santana (2019) tece reflexões acerca da construção identitária das crianças negras, uma vez que a infância, em especial, da criança negra, é atravessada por desigualdades e racismos. Ante o exposto, ela afirma que é possível vivenciar experiência de felicidade na infância preta e essa experiência se inicia no chão da escola, com o desenvolvimento de uma educação antirracista, assim como com uma formação consciente de educadoras e educadores, considerando a relação com seu próprio pertencimento e o respeito a pertença de outros. Nesse sentido, Santana evidencia que,

A experiência com a felicidade trata de nossa capacidade, de nossa inventividade, para promover práticas pedagógicas que evidenciem de forma feliz a história e a cultura

22 Optamos por trazer nesta pesquisa autores decoloniais e antirracistas que trabalham com este conceito, (TRINDADE; BRANDÃO 2010), portanto, ao colocar Luckesi entre parênteses, NÃO estamos aqui querendo desmerecer o estudioso e, sim reforçar a escolha da pesquisadora em trazer para a pesquisa, autores ativistas que lutam por uma educação antirracista, assim como, relacionar a colonialidade e o racismo, e também, como a decolonialidade e a interculturalidade podem contribuir para uma prática afrorreferenciada.

afro-brasileira e africana, identificando nas atividades curriculares marcas identitárias e o pertencimento étnico que compõe o povo negro e, nesse caso específico, isso quer dizer a maioria de nossas crianças no CMEI Dr. Djalma Ramos. (SANTANA, 2019,p.40).

Ainda em diálogo com Fátima Santana, corroboramos que a valorização da imagem das crianças negras nas instituições de ensino, através do engrandecimento ancestral, seja na oralidade, nas memórias, nas artes, na ludicidade e/ou na corporeidade negras, fortalece a luta contra o racismo e possibilita o empoderamento e emancipação de nossas crianças negras. Logo, “a experiência da felicidade só é possível quando todxs/es nós reconhecermos na diferença uma oportunidade para acolher, ninar e amar as nossas crianças negras” (SANTANA, 2019, p.41).

Melo (2020), em suas reflexões, apresenta a necessidade de formular práticas que não ignorem e nem silenciem os corpos e corpos infantis negros/as dentro das instituições de ensino. Ressalta também que as marcas do racismo se revelam nas relações afetivas e corporais e que a postura do profissional de educação está associada a sua construção social, educacional e política. Para tanto, se faz necessário uma mudança de paradigma das práticas docentes, consolidando uma prática decolonial, afroafetiva e afroafirmativa.

Surge assim, o que Melo intitulou como Pedagogia do Afroafeto, que propõe aos profissionais de educação uma prática circular e ininterrupta de afro cuidar e de afroeducar. “O afro cuidar e o afroeducar são concepções, percepções e ações em que as docentes e os adultos deveriam desempenhar de forma afrocentrada”. (MELO, 2020, p.127). Ou seja, ambas autoras citadas, Fátima Santana e Cristiane Melo, são atravessadas pela afetividade, o que, por sua vez, é de total relevância para a construção identitária da criança. Uma das autoras ainda completa que essas posturas deveriam estar no “[...] cerne das ações diárias, munidas pelos *afroafetos*, para combater e sanar as relações racistas enraizadas dentro dos territórios infantis. (MELO, 2020, p.128).

Partindo para o cotidiano das comunidades tradicionais de terreiros, encontramos um ambiente onde o aprendizado se dá a partir da totalidade, porque todos os espaços nos ensinam algo. O que se aprende não está, por preceito, em livros, e sim, na riqueza das palavras ditas em presença. Nos terreiros, somos educados ouvindo, observando e dialogando.

Por isso, nos terreiros, há o que se convencionou chamar, na Academia, de tradição oral. Segundo Hampatê Bâ,

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. [...] Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. (HAMPATÊ BÂ, 2010,p.169)

Vale ressaltar que, o saber dentro das comunidades tradicionais de terreiro é transmitido dos mais velhos no santo para os mais novos, e isso, muitas vezes, independe de idade cronológica. Todavia, podemos considerar também que o aprendizado ocorre de forma dinâmica e circular, pois cada um pode aprender e ensinar. Todos os sujeitos dentro das comunidades tradicionais de terreiro contribuem para a educação do outro conduzidos pela ancestralidade, sejam eles homens, mulheres ou crianças.²³

Como nossa pesquisa direciona-se ao público infantil, ressaltamos a afirmação da autora Kiusam de Oliveira (2019), ao falar sobre as relações estabelecidas pelas crianças nos terreiros. Assim, expressa que,

As crianças no candomblé vivenciam, portanto, a infância não somente nos corpos infantis, pois desde cedo compreendem que “a infância” pode estar presente também em corpos não infantis, de idosas/os, tendo, assim, a possibilidade de compreender que os corpos são perecíveis e fenecem, mas a infância não: ela é um traço da personalidade que pode e deve ser cultivado a vida inteira, a fim de manter-se como chama ativa na continuidade do legado ancestral. (OLIVEIRA,2019,s/n).

A ancestralidade é fundamental no desenvolvimento da cultura afro-brasileira, especialmente a religião, assim, consideramos que a herança ancestral permite que saibamos de onde e como viemos até chegar ao que nos tornamos hoje. E, também participa ativamente

23 Obras acadêmicas, produzidas em contextos de pesquisa de pós-graduação e que discorrem especificamente sobre vivência e Educação nos Terreiros: Tese de Kiusam Regina de Oliveira - Candomblé e Educação: estratégias para o Empoderamento da Mulher Negra (2008); Tese de Ellen de Lima Souza – Experiências de Infâncias com produções de culturas no Ilê Axé Omo Oxé Ibá Latam (2016); Tese de Tássio Ferreira – Pedagogia da Circularidade Afrocêntrica: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola (2019); Dissertação de Juliane Olívia dos Anjos – As joias de Oxum: as crianças na herança ancestral afro-brasileira (2016).

da consolidação identitária de diversos grupos étnicos, no quais reverbera o sentido de *pertencimento*²⁴. Sentido esse que acolhe a pluralidade cultural e étnica, expressando seus valores. Diante do exposto, Kiusam de Oliveira (2008) discorre a noção de ancestralidade com as seguintes palavras:

Ancestralidade! Palavra que revela e esconde os mistérios geralmente pronunciados por aqueles que são os guardiões das memórias e dos costumes locais e que conseguem manter viva a tradição do mito, da religião, da filosofia, da arte, da cultura, da estética, dos espaços sagrados como o terreiro e o mato; palavra que guarda os princípios do feminino, do masculino, do híbrido e do coletivo. Palavra que tem o poder de fazer seus descendentes conviverem harmoniosamente com dois tempos: o passado e o presente. (OLIVEIRA, 2008, p.18)

Com isso, ao falar de ancestralidade, estamos discutindo também a pluralidade cultural, a interculturalidade, a decolonialidade. E, na intenção de quebrar os grilhões coloniais, é que enfatizamos a notoriedade de trabalharmos a ancestralidade ainda na infância, na sistema de ensino Educação Infantil, de modo a impactar as epistemologias pedagógicas na Educação Básica. Nesse sentido, Anjos corrobora que,

[...] a ancestralidade traz o tempo mítico, o tempo da afirmação e uma memória coletiva e afetiva de união e respeito. [...] a ancestralidade é pelo que se celebra a vida, é o compromisso tanto com a distância no tempo quanto com cada uma das pessoas que atualizou e retransmitiu essa herança. E consegue ser o que está por vir, pois nele cabe, também, o compromisso pela sua constante atualização. (ANJOS, 2016, p.48)

24 No contexto da presente pesquisa, o termo *pertencimento* está interligado ao conceito de raça, ao qual, considera-se o reconhecimento de si como membro de uma coletividade. Muito mais do que o sentimento de pertencer a determinado grupo, manifesta-se também, o caráter político imbricado neste termo. De acordo os estudos de Munanga (2019), Bento (2012), Silva (2015) e Gomes (2005), o processo de formação de *pertencimento* é “[...] uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico-racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro” (GOMES, 2005, p.43). Munanga (2019) discorre que o *pertencimento* como fator histórico, “[...] constitui o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade” (p.12) e possibilita romper impasses ao autodeclarar-se negro em nossa sociedade brasileira, tais quais “[...] a alienação de seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua “inferiorização” e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política, etc.” (MUNANGA, 2019, p.18). Vale ressaltar Bento (2012), em seus estudos relata que “a complexidade do ser negro em uma sociedade em que essa condição aparece associada a pobreza, inferioridade, incompetência, feiúra, atraso cultural tornam a constituição identitária dos negros e negras um grande desafio. No caso específico da atuação do movimento negro, o significado da identidade racial é muito importante, pois a consciência que um negro tem de seu *pertencimento* racial é elemento fundamental para seu engajamento na luta política (p. 99). Desse modo, o *pertencimento* dentro da Pedagogia Eco-Ancestral de Kiusam de Oliveira, se desdobra a partir do reestabelecimento, valorização e empoderamento dos corpos negros.

Em diálogo com as afirmações trazidas pelos autores supracitados, corroboramos que a ancestralidade é também resistência e reexistência, pois, ela nos impulsiona a reconhecer nossos laços, a preservar e dar seguimento a nossa herança ancestral. Assim, enfatizamos a relevância de transmitirmos os conhecimentos ancestrais ainda na infância, torná-lo presente dentro da sala de aula, cuidando de seus saberes, de seus modos de fazer e de seus mistérios, a fim de trocarmos e acolhermos toda essa sabedoria, sem nos esquecermos de que a África é o berço da humanidade.

A infância vista pelo viés da educação colonizadora tende a ter uma abordagem singular e cartesiana, e faz com que se fortaleça as relações de subalternidade, por consequência, favorece também os valores adultocêntricos e eurocêntricos. Ao falar de infância, Kiusam de Oliveira (2020) enfatiza que,

[...] tendo em vista outras formas culturais de ser e estar em nosso país. Para os povos indígenas e africanos, a infância não tem ligação direta com as “etapas do desenvolvimento” de Piaget, por exemplo. Pensando de forma afrorreferenciada percebemos que na infância, as crianças negras que vivem suas culturas intensamente estão sempre próximas dos adultos, reproduzindo suas ações de forma muito prazerosa. Isso fica explícito ao observarmos as crianças negras em movimento no candomblé, no jongo, no congo, no tambor de crioula, na capoeira, no tambor de mina. Uma criança ligada ao lazer e às tarefas coletivas está dando continuidade às expressões socioculturais e ancestrais de seu povo, à cosmogonia de seu grupo étnico-cultural preservadas através das danças, das cantigas, das rezas, dos orikis [orações, em Iorubá], dos itans [mitos, em Iorubá] e que sustentam, em termos de tradição, todo seu povo e legado. Portanto, a infância não está condicionada a ações predeterminadas pela faixa etária à qual pertence e sim sustentada pela tradição.(OLIVEIRA, 2020,p.6).

Em seus estudos, as autoras Kiusam de Oliveira (2020), Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues (2009) defendem em suas obras que a infância não está ligada a cronologia, e, sim ao atravessamento das experiências e temporalidade. Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues (2009) apresentam:

Entendemos a infância como uma experiência que pode, ou não, atravessar os adultos, da mesma forma que pode, ou não, atravessar as crianças. Nessa perspectiva, a ideia de infância não está vinculada unicamente à faixa etária, à cronologia, a uma etapa psicológica ou a uma temporalidade linear, cumulativa e gradativa, mas ao acontecimento, à arte, ao inusitado, ao intempestivo. Vincula-se, portanto, a uma espécie de des-idade. (ABRAMOWICZ; LEVCOVITZ; RODRIGUES, 2009, p.180)

Em suma, Kiusam considera que pensar as infâncias sem condicioná-las dentro de um marco temporal rígido, seja um espaço produtivo, visto que,

Ao pensar as infâncias, eu as imagino sendo respeitadas, consideradas como partes fundamentais de um todo maior como uma casa, um terreiro, uma tradição, que já está previamente estabelecida. Devem participar de uma gama variada de experiências, que as coloquem frente a frente com novos desafios e situações para serem capazes de desenvolver suas formas de performar, protagonizar, pretagonizar, taylorizar, escolher, opinar, se emocionar, enfrentar problemas e se solidarizar.(OLIVEIRA,2020, p.11).

Desse modo, trazer significado a este corpo negro infantil é importante, afinal, sabemos que empoderar nossas crianças negras significa desarmar a arapuca social das colonialidades perenes. A arapuca social consiste nas barbáries vivenciadas pelas crianças negras, que desconsideram as infâncias pretas, seu corpo, sua fala e sua educação, em síntese, a arapuca social é um dos galhos (trancos) do racismo estrutural.

3.1 O BRINCAR E A EDUCAÇÃO

As brincadeiras estão presentes em muitos momentos de nossas vidas e durante a infância é uma prática recorrente. Tendo em vista que a brincadeira está presente em toda a humanidade, e o nosso país durante o processo de colonização sofreu influência de diferentes povos e etnias, subentende-se que nossas brincadeiras estão perpassadas por todas essas etnias e povos. Logo, existem muitas riquezas lúdicas a serem revisitadas com o intuito de valorizar e melhor conhecer, especialmente, as canções, brincadeiras e jogos da ancestralidade africana que muito nos ensina e tão pouca é sua visibilidade ainda.

Todavia, precisamos explicitar que mesmo com o aumento do número de pesquisas voltadas para as questões étnicos-raciais, há uma carência de estudos sobre brincadeiras, brinquedos e jogos de origem africana. Conforme Kishimoto *apud* Cunha,

a dificuldade de estudar a contribuição africana para o patrimônio lúdico nacional se explica pelo contexto da escravidão, que transformou a herança lúdica africana, chegando a incluir elementos racistas em jogos e versos que se popularizaram no Brasil e são citados como jogos de origem afro-brasileira.(KISHIMOTO, 1999 *apud*. CUNHA, 2016,p.18)

Assim, ao pensarmos numa educação antirracista ancorada no auxílio da ludicidade ancestral, faz-se necessário um mergulho cuidadoso, refletindo o sentido das canções, jogos e brincadeiras, com o intuito de afirmarmos o pertencimento ancestral e não reiterarmos a violência estabelecida na chegada/tráfico dos africanos tornados povos escravizados no Brasil. Sabe-se que a vida social e escolar da criança negra é marcada por muitos obstáculos e episódios de enfrentamento do racismo, em virtude tanto do processo histórico de colonização do país quanto das ainda atuais colonialidades pedagógicas. No ambiente escolar por muitas vezes as crianças negras e não brancas vivenciam agressões, sejam elas, verbais e não-verbais.

Essas crianças, em sua maioria, não são acolhidas, o que se torna um agravante obstáculo para sua construção identitária. Desse modo, afirma Eliane Cavalleiro ,

A criança negra que passa por constrangimentos normalmente não é “acolhida”... As crianças me xingam de preta que não toma banho. Só porque eu sou preta elas falam que eu não tomo banho. Ficam me xingando de preta cor de carvão. Eles me xingam de preta fedida. Eu contei para a professora e ela não fez nada”. (CAVALLEIRO, 2001, p. 146)

Em nossos estudos, pudemos observar que Kiusam de Oliveira (2020), Cavalleiro (2001) e Santana (2019), por exemplo, afirmam, por meio de distintos caminhos de pesquisa, ter identificado tratamento diferenciados das cuidadoras com as crianças negras e não negras na educação infantil. As estudiosas enfatizam também que o local onde as crianças negras mais vivenciam e aprendem o que são esses tratamentos racistas e discriminatórios são nas instituições de ensino.

Observamos e apreendemos, por meio dos estudos de Kiusam de Oliveira (2008), Anjos (2016), Silva (2019) e Souza (2016), o que seja uma educação afroreferenciada, e que ser criança negra e ser membro das comunidades tradicionais de terreiro potencializam as agressões, devido as religiões de matrizes africanas serem demonizadas por uma grande parte da população. Diante desse complexo contexto, já que a infância é marcada pelo ato de brincar e, muitas vezes, nem se sabe da origem e influências culturais das brincadeiras, promover através do lúdico negroreferenciado o conhecimento das origens ancestrais, desde que isso seja conduzido de modo criativo e crítico, poderemos contribuir para o combate das violências extremas do racismo dentro das instituições de ensino e na sociedade como todo. Como afirma Cunha,

O lúdico, por nos colocar em uma situação de inteireza e compaixão, com o outro e com nossos próprios erros, pode nos auxiliar em um processo fundamental para a construção de uma sociedade brasileira realmente democrática: a catarse da intolerância histórica enraizada na alma brasileira. Intolerância que alimentou e ainda alimenta o racismo, o machismo, a homofobia e tanto outros estereótipos que negam ao “outro” o direito de viver a sua diferença. Intolerância que nega a cada um de nós, até aos mais reacionários, o direito de ser feliz, pois coloca acima de tudo e de todos as exigências de se seguir um papel estático e pré-definido de ser humano.(CUNHA, 2016 ,p.15)

Logo, nesta pesquisa, buscamos evidenciar a potente formação educacional que existe nas comunidades tradicionais de terreiro e, com isso, desejamos colaborar com a quebra do silenciamento e apagamento dos corpos infantis negros, assim como abrir caminho para a reparação dos processos de colonialidades existente nas instituições de ensino. Tendo em vista o fortalecimento do pertencimento ancestral das crianças negras, acreditamos que “é fundamental insistir em uma pedagogia lúdica que nos ensine a desconstruir estereótipos que corroem nossa humanidade”. (CUNHA, 2016, p.15). Acreditamos que o presente capítulo e, sobretudo, os capítulos 2, 3 e 4 possam nos envolver no campo reflexivo, de forma que possamos vivenciar conhecimentos ancestrais do Unzó Matamba Tombeci Neto, por meio das brincadeiras, jogos e narrativas, e que tudo isso nos mostre a importância de nos apropriarmos dessa sabedoria, visando propagar o respeito, o pertencimento e a valorização pela ancestralidade africana e afro-brasileira.

O protagonismo da tradição oral aliado com as brincadeiras reforça a riqueza da ancestralidade africana, por isso observamos que dentro dos terreiros a ancestralidade mostra-se mais contextualizada no cotidiano das crianças. A escola, por sua vez, necessitaria de abrir espaço para que a tradição oral fosse mais ativa, desenvolvendo um trabalho que possibilitaria de modo significativo o aumento no número de crianças conscientes de seu pertencimento ancestral.

3.2 O SER E ESTAR CRIANÇA NO TERREIRO

Ao destacarmos a transmissão de aprendizado através dos mais velhos para os mais novos, sem existir interferência da idade cronológica dos indivíduos, nos deparamos com a seguinte situação: o que é SER e ESTAR criança dentro de uma comunidade tradicional de terreiro? O SER criança dentro de um terreiro é vivenciar seu aprendizado a partir das

brincadeiras, esse processo se movimenta de modo holístico, ancorado na cosmovisão da ancestralidade africana e afro-brasileira.

Ratificamos o que foi supracitado a partir das riquíssimas falas dos entrevistados:

“[...] minha família era diferente, por outro lado eu achava que a gente tinha algo muito especial e que jamais alguma outra amiga minha que não teve essa vivência de ser criança e viver a sua infância dentro de uma casa de candomblé um terreiro teria. Elas jamais saberiam o cheiro de uma folha de bananeira esquentada no fogo para fazer um acaçá, elas jamais saberiam como seria a saia que é engomada para as festas, entre tantas outras coisas que eu vi acontecer a minha volta quando criança”. (Mameto Bamborossicongo – G’leu Cambria)

“[...] uma criança de um terreiro, ela vai ganhar uma experiência, uma vivência maior do que qualquer criança que não tenha esse convívio com o terreiro, [...] ela vai ter um ganho maior no que diz respeito a experiência de vida pela vivência dentro do terreiro, pelas práticas do terreiro, pelos ensinamentos do terreiro [...] se você for conviver, for dialogar, for conversar, essa criança do terreiro ela vai ter uma mentalidade muito mais além da idade que ela tem, do que uma outra criança [...]”. (Tata Kajibereoman – Mestre Nei)

“[...] Como criança dentro do terreiro de candomblé a gente consegue aprender desde cedo o respeito aos nossos mais velhos, o verdadeiro e real significado da palavra família. Porque dentro de um terreiro de candomblé, todo mundo é tio, é tia, é avó, é avô, é mãe, é pai. Cada um consegue nos passar um pouco da sua própria vivência de anos e anos dentro do candomblé. É a brincadeira inocente, é a vontade de aprender o que é o sagrado, é a verdadeira e pura infância[...]. (Tata Kassulembá – Leonardo Lopes)

“[...] É um momento muito gostoso, eu diria assim, que foi um dos momentos mais marcante da minha vida, essa infância dentro do terreiro de candomblé, é aquela coisa de você lá, era uma coisa muito sadia, você está brincando, mas, ao mesmo tempo, você está se educando[...]. (Tata Luandênkossi – Marinho Rodrigues)

A noção de corporeidade que trazemos para esta pesquisa é a consciência do corpo como corpo-brinquedo-memória, afinal somos criaturas brincantes e, por assim sermos, passamos e trocamos conhecimentos de diferentes modos. Este conceito corpo-brinquedo-memória nasce dentro do processo de escrita dessa dissertação, precisamente após ministrar um curso de extensão para professores, em formato online, em que apresentamos a temática “**Saberes e fazeres da corporeidade criança-viva**”. Ao apresentar o conceito trazido por Kiusam de Oliveira do corpo, enquanto, corpo-templo-resistência, e ouvir a parente ancestral Alessandra Adão trazer em seu discurso o conceito de Conceição Evaristo, de corpo-voz, eis que se materializa em meu pensamento o conceito corpo-brinquedo-memória.

Logo, SER criança dentro de uma comunidade tradicional de terreiro é transmitir seus saberes através do corpo-brinquedo-memória. *O corpo que movimenta, estrutura, brinca e guarda memórias ancestrais*. Observa-se que dentro dos terreiros não existe pressa para que a criança desenvolva atividade e comportamentos inerentes aos adultos, há o respeito e o zelo para que essa etapa-experiência viva seja vivenciada. As crianças brincam, estudam, participam das atividades do terreiro consciente do seu papel no local. Nesse sentido, Marques afirma que,

[...] os processos de aprendizagens nos terreiros para as crianças são espontâneos, salvo em caso de indicação e escolhas dos orixás e outras forças sagradas. As crianças fazem do terreiro um espaço de alegria, de festa, de brincadeira, de interatividade. Elas são respeitadas na sua condição de criança, mesmo em tempos de obrigação. (MARQUES, 2014, p.85)

Suas brincadeiras vão desde bolas, bonecas, subir em árvores, correr até as brincadeiras que representam os momentos de kizombá²⁵, trazendo para o brincar as danças, os toques e ou movimentos dos Nkisses²⁶ através da imitação. Assim afirma Mestre Nei, “[...] eu compreendo que aquele processo, aquelas brincadeiras de criança que a gente praticava no terreiro, na verdade era início do processo de aprendizado da gente enquanto membro do terreiro [...]”.

O ESTAR criança dentro das religiões de matrizes africanas corresponde ao lugar que ocupamos, ou seja, envolve a posição ocupada enquanto membro da comunidade sagrada. Nesse caso, destacamos o estar Muzenza e Ndunbi. Além de não existir idade cronológica

25 São as cerimônias sagradas abertas ao público, por muitos também chamada de festa.

26 Nome dado as divindades (Orixás) do panteão Bantu.

exata para ocupar essas posições, são posições similares a um estar criança, pois vivenciam neste estado do ser um renascimento e também processos intensos de aprendizagens. É como Muzenza e Ndunbi que todes que adentram casas de candomblé irão aprender a rotina (rezas, zuelas, dialeto, organização de espaços, vestimenta, alimentação, dentre outros saberes e fazeres) de uma comunidade tradicional de terreiro a partir de um mais velho.

O ESTAR criança também se apresenta nas cerimônias com a presença dos Erês²⁷ materializados²⁸, por meio da incorporação dessas entidades nos filhos e filhas de santo. Os Erês, estabelecem comunicação transmitindo as mensagens dos Nkisses (Orixás) para todes os membros do Terreiro. Trazem consigo a alegria e espontaneidade das crianças e, apesar de serem uma força energética dotada de sabedoria, aprendem também com as pessoas do unzó.

Levando em consideração que, em uma comunidade de candomblé, o ser e estar criança dialogam entre si, percebemos então que a ludicidade estará presente em vários aspectos na aprendizagem das comunidades tradicionais de terreiro. Sendo assim, Silva afirma que,

[...] a educação em terreiro de candomblé é de fato contextualizada, significativa, emancipadora e tem contribuído com a formação de crianças e adolescentes dentro de um paradigma oposto ao paradigma moderno, pois prima pela interligação de todos e de tudo, sem dualidades, sem fragmentações, num a perspectiva de envolvimento e pertencimento. (SILVA, 2015, p.09)

Por fim, no contexto desta pesquisa, é importante destacar que o ato de brincar dentro dos terreiros de candomblé proporciona, em qualquer fase da vida, o reconhecimento de si e do outro. Na perspectiva do Tata Zumbereamazi, “*o brincar é nada mais, nada menos, do que expor a criança que existe dentro de cada um de nós, revitalizando nossa áurea*”. Logo, o brincar se torna uma valiosa prática pedagógica para despertar e/ou fortalecer o pertencimento ancestral do sujeito, principalmente, das crianças negras e indígenas. Desse modo, é uma da força da experiência desse brincar que vislumbramos levar para as instituições de ensino.

27 No Terreiro Matamba Tombenci Neto também, utilizamos a palavra Erê para nos direcionarmos a divindade Nvunji.

28 A utilização do termo “materializado” se deu, porque a nível espiritual a força energética dessa entidade e de todas as divindades se encontram presente no ambiente.

CAPÍTULO 4

**Alegrias de Nvunji
noJardim Tombenci**

*Criança é a luz da vida,
dentro da raiz do candomblé,
as crianças, assim como os mais velhos,
trazem a força e a sabedoria. Mameto Bomborossicongo – G'leu Cambria²⁹*

Alegrias de N'vunji no Jardim do Tombenci é um registro lúdico, poético e ancestral dos saberes e fazeres brincantes desta comunidade tradicional de terreiro, situado no município de Ilhéus/BA. Apresenta-se, também, como um recurso pedagógico, embasado nas pedagogias pretas, sobretudo, na proposta Eco-Ancestral, de Kiusam de Oliveira e nas premissas da Pedagogia das encruzilhadas, de Luiz Rufino. Esse produto educacional faz parte de projeto-processo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER), mestrado profissional, na Universidade Federal do Sul da Bahia, no período de 2019 a 2021.

A coleção de livros apresentada, por meio da proposição-exposição de 5 bonecos ao final deste capítulo, é um mergulho ancestral nos corpos-brinquedo-memória de 5 filhos e filhas do Terreiro Matamba Tombenci Neto e também no corpo-brinquedo-memória de Mameto Mukalê, a liderança religiosa desse terreiro. Convidamos a todas/todos/todes a experimentar esse movimento, a partir de suas leituras. Queremos, também, que ao realizarem a leitura de cada um desses 5 livros, sendo adultos, permitam-se revisitar seus corpos infantis e, ao ler para uma criança, deixe-a e deixem-se embaladar pela força, pelo axé, pela ancestralidade pulsante existente no Terreiro Matamba Tombenci Neto.

Esses livro-axé ancestrais pedagógicos, aguçam nossos sentidos e permitem que o silêncio seja transformado em ruído, um ruído de resistência e de reexistência, feito música. Todos os livros desta coleção resultam das entrevistas realizadas, resultam da vivência enquanto educadora-pesquisadora e *muzenza* no Terreiro Matamba Tombenci Neto. Com isso, consideramos que este produto foi confeccionado através da partilha e do encontro de saberes das pessoas envolvidas neste processo.

Seguiremos apresentando cada um dos livros, através de “5 cartas ao leitor”:

²⁹ Trecho da entrevista realizada com Mameto Bamborossicongo (G'leu Cambria) do Terreiro Matamba Tombenci Neto.

CARTA 1

Caros leitores e Caras leitoras, este livro integra a Coleção **Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci**, indicado para crianças, em especial, na fase da alfabetização. Esse livro contribui para o exercício da escrita-leitura, todavia, nada impede que essas histórias sejam narradas para crianças e para adultos também, no chão de terreiros, além do chão das escolas, em casa, em horas de diversão e brincadeira ou mesmo antes de dormir. Afinal, neste livro intitulado como **Alegrias de Nvunji**, cada um, cada uma, cada leitor e cada leitora conhecerá a vivência de crianças que nascem dentro dos terreiros de candomblé, e irá perceber também a riqueza existente em um terreiro, sobretudo, compreender como foi construída a história da cultura africana e afro-brasileira para assim, trilharmos um novo caminho não racista de formação da cultura brasileira. É necessário olharmos/aprendermos a história de nossos ancestrais fora dos muros hegemônicos.

O livro 1, **Alegrias de Nvunji**, portanto, apresenta a rotina das crianças dentro de uma comunidade tradicional de candomblé. Logo, convidamos que embarquem nesta viagem conosco, aproveitem também para subir nas árvores da sapiência e tomar um delicioso banho energético no calunga.

Coleção
Njunvi no Jardim Tombenci

Livro 1

Alegrias de Nvunji

Ser criança no terreiro é...

Subir em árvores,
Brincar de roda,
Tocar atabaques e agogôs,

Dançar,
Zuelar,
Correria,

Ouvir e contar histórias,

Ajudar os mais velhos,
arrumar barracão,
Acompanhar as romarias,

Fazer festa ao ir para o
calunga entregar presente
nas águas,

Fazer festa ao ingundiá,
Fazer cozinhado nas tardes
de domingo

Gritarias em dia de
quitanda,
Sorrir,

Ser criança no terreiro é
aprender no movimento!

CARTA 2

Caros leitores e Caras leitoras, este livro integra a Coleção **Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci**, indicado para crianças, em especial, na fase da alfabetização. Esse livro contribui para o exercício da escrita-leitura, todavia, nada impede que essas histórias sejam narradas para crianças e para adultos também, no chão de terreiros, além do chão das escolas, em casa, em horas de diversão e brincadeira ou mesmo antes de dormir. Nosso segundo livro, intitulado **No rosário de Maria nasceu a flor**, você conhecerá de maneira alegre e divertida uma pequena parte da história de Mãe Hilsa, narrada por ela mesma na entrevista que realizamos. É um momento de boas lembranças e muitas risadas.

Narrar parte da vida de uma mulher como Mameto Mukalê em um livro para crianças traz um impacto inigualável para a educação. Ao trazermos a sua infância para os âmbitos educacionais, estaremos possibilitando a todas/todos/todes um reencontro com sua identidade ancestral. Desse modo, promover esses diálogos favorece a valorização da cultura afro-brasileira e africana. Assim, convidamos que dancem conosco nesta imensa festa ancestral da nossa serelepe menina e, hoje, potência matriarcal Mãe Hilsa Rodrigues (Mameto Mukalê).

Coleção

Nvunji no Jardim Tombenci

Livro 2

No rosário de Maria
nasceu uma flor



Hilsa, menina sapeca e
brincalhona,

Que junto com sua amiga
Valdice realizava grandes
peripécias.

- Amora, Amora!!!!
Assim gritavam para uma
senhora ao voltarem da
escola.

Nas noites de lua, se
reunia com as meninas da
vizinhança para brincar de
roda.

Ou então, colocavam as esteiras no terreiro para ouvir histórias contadas pelos clientes de sua mãe, até chegar o sono.

Foi assim que conheceu a história do Zeca Tatu e da princesa que pediu ajuda ao urubu para voltar à sua terra.

Hilsa, desde pequena se dedicava a ajudar sua mãe nos afazeres do terreiro.

Nas tardes de domingo,
enquanto os adultos
estavam reunidos para o
almoço, Hilsa e suas
amigas faziam cozinheiro
com tripas de galinha,
acompanhado de farofa e,
ali se distraiam.

Iniciada aos 13 anos,
aprendeu junto com suas
irmãs de barco a bordar,
fazer roupas, tecer nos
bastidores, dentre tantas
outras coisas.

Hilsa ama dançar!

Chegando em sua
adolescência dançava nos
blocos de carnaval.

No São João, na
companhia de seu
padrinho Massá e outras
amigas percorriam a
cidade no bloco “Última
hora”, festejando.

Desfilava nos blocos pela
manhã e pela noite, toda
serelepe como porta
estandarte.

Os anos passam, já na fase adulta, após casamento e filhos, foi escolhida para ser aquela que iria suceder o trono de sua mãe, Dona Roxa (Mameto Bandanelunga).

Se tornou Nêngua de Nkisse e, continua sua caminhada com garra, dedicação e respeito aos seus ancestrais até os dias atuais.

Caros leitores e Caras leitoras, este livro integra a Coleção **Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci**, indicado para crianças, em especial, na fase da alfabetização. Esse livro contribui para o exercício da escrita-leitura, todavia, nada impede que essas histórias sejam narradas para crianças e para adultos também, no chão de terreiros, além do chão das escolas, em casa, em horas de diversão e brincadeira ou mesmo antes de dormir. Este é o terceiro livro intitulado **Livro de Canções**. Neste livro, os leitores são presenteados com *zuelas* (canções) que atravessaram gerações e estão carregadas de afetividade. Diante da imensidão de *zuelas* cantadas no Terreiro Matamba Tombenci Neto, solicitamos aos nossos entrevistados e nossas entrevistas aquelas *zuelas* (canções) mais significativas para eles. Essas *zuelas* se fazem presente neste livro. A música é faz parte do cotidiano dos terreiros de *candomblé*, vários ensinamentos são transmitidos através des *zuelas*. Sendo assim, convidamos que saúdem nossa ancestralidade *zuelando* conosco.

Coleção

Nvunji no Jardim Tombenci

Livro 3

Livro de Canções

Mameto meruanha que
nvunji á de avungê...

Que Nvunjé á de
avungê (BIS).

Nvunji catu maracá,
ô inganga,
êêê ô inganga,
êêê êêá (bis)

Tunhê, gemeu na mata,
tunhê gemeu na mata,
viado corre campina ê,
tunhê mora na mata,
viado corre campina aê,
tunhê eu vi gemer

(zuela do caboclo)

Mataram meu pé de lírio,
lírio ê, lírio a,
aonde eu me descansava
lírio ê, lírio a.

(zuela do caboclo)

Ô li ô li ô li olá, sou um
boiadeiro de catingomba,
eu trago arco, eu trago
flecha, trago raiz para
curar.

(zuela do caboclo)

Oh viva o Rosário,
Oh viva o Rosário
Da Virgem Maria,
Da Virgem Maria
Desceu Deus do céu,
Desceu Deus do céu
Ô viva, Ô viva
Ô viva, Ô viva

No Rosário de Maria
nasceu uma flor,
Valei-me mama Kayala
Nasceu uma flor

Ê, o congo bate na
aldeia, em Guarani,
África e angola, ê bate o
coro zuela Combondo, iá
Jupira com Deus agora.

E nvunji e mona me, e
nvunji e mona me, Kabila
diangoma, Nvunji
Kauele, kuele, Kabila
diangoma tuiza!

Bom dia, boa noite meus
senhores, dai-me licença para um
cavaleiro, eu venho de altas
matas, sou Dilazenze, sou
brasileiro. (bis)

Eu venho do Matamba Tombenci,
os meus tambores ecoam pela
cidade, anunciando que hoje é dia
de festa, no Tombenci que é de
angola.

Eu nasci no Terreiro Tombenci,
minhas raízes estão ali, meus
ancestrais Yatidu, Tata Gombé,
Bandanelunga, todos os nkisses
nos abençoem (bis)

Composição de Marinho Rodrigues para o Festival de
música do Bloco Afro Dilazenze, inspirada na zuela de
um caboclo de uma filha de santo da casa.

Caros leitores e Caras leitoras, este livro integra a Coleção **Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci**, indicado para crianças, em especial, na fase da alfabetização. Esse livro contribui para o exercício da escrita-leitura, todavia, nada impede que essas histórias sejam narradas para crianças e para adultos também, no chão de terreiros, além do chão das escolas, em casa, em horas de diversão e brincadeira ou mesmo antes de dormir. O quarto livro desta coleção, intitula-se **Dança das Palavras**. Neste livro, os leitores encontrarão palavras que representam a infância no Terreiro Matamba Tombenci Neto. Salientamos também que as palavras têm um grande valor afetivo para cada um e cada uma dos entrevistados e das entrevistadas. Essas palavras trazem consigo histórias e auxiliam crianças e jovens a compreenderem a cultura afro-brasileira e africana em diferentes níveis.

Coleção

Nvunji no Jardim Tombenci

Livro 4

A dança das palavras

Alegria

Amazi

Amor

Ancestralidade

Atubandagirá
(licença)

Batukerê

Bolos

Bonecas

Brincar

Calunga
(mar)

Carro de mão
(galinhota)

Dança

Fé

História

Humildade

Igundiá
(comer)

Matêmbé
(café)

Música

Nvunji

Quitanda

Respeito

Sagrado

Trabalho

Zelar

CARTA 5

Caros leitores e Caras leitoras, este livro integra a Coleção **Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci**, indicado para crianças, em especial, na fase da alfabetização. Esse livro contribui para o exercício da escrita-leitura, todavia, nada impede que essas histórias sejam narradas para crianças e para adultos também, no chão de terreiros, além do chão das escolas, em casa, em horas de diversão e brincadeira ou mesmo antes de dormir. O quinto livro desta coleção, intitula-se **Magia, Símbolos e Encantamentos**. Neste livro, que marca o encerramento temporário desta coleção, vocês conhecerão a magia e o encantamento presentes em alguns instrumentos/símbolos/objetos encontrados no Terreiro Matamba Tombenci. Todos esses objetos marcaram a infância dos entrevistados e das entrevistadas. Desse modo, almejamos que valores e sentidos do brincar construídos pela corporeidade brincante do Matamba Tombenci Neto contribuam diretamente para os processos de pertencimento das crianças a suas comunidades, em especial, as crianças negras.

Coleção

Nvunji no Jardim Tombenci

Livro 5

Magia, Símbolos e Encantamentos



Pilão

No pilar das nssabas (folhas)
nascem os banhos que limpam e
protegem nossos corpos.
O pilão também, é uma herança
ancestral.

Pilando as nssabas numa
competição de quem termina mais
rápido, as crianças se divertem.

Manusear este instrumento exige
força, porém, para a criação do
Tombenci Neto, é alegria
garantida.
Inicia assim, uma corrida para
saber quem termina de pilar as
nssabas primeiro.

Disputa com os pilões: Quem pilou mais rápido?! Quem macerou melhor as nssabas?! E daquela brincadeira, surgiam poderosos banhos através das mãos destas crianças.

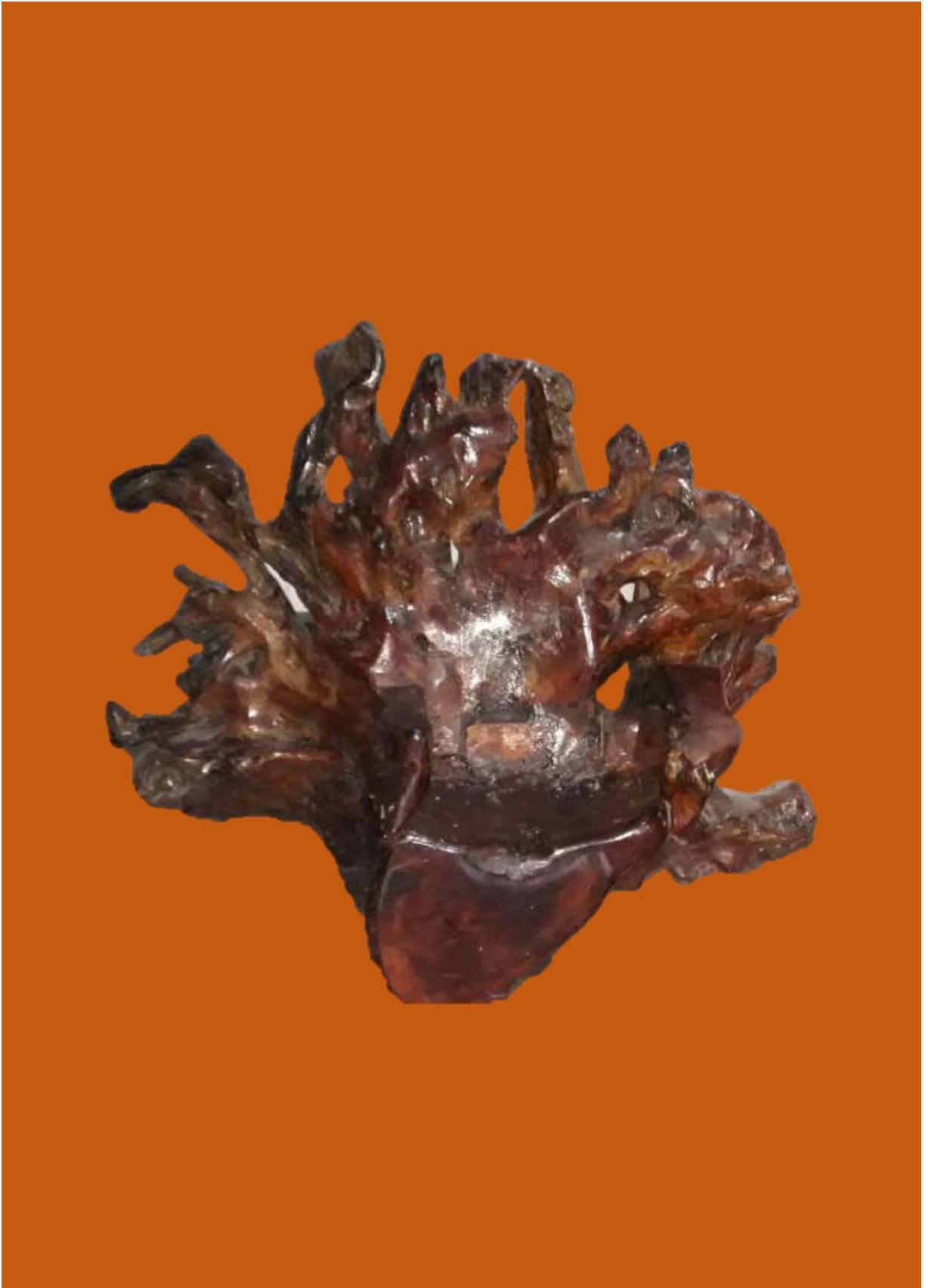


Atabaques (Jingomas)

Presença marcante nas
cerimônias e brincadeiras,
Sagrado e responsável por trazer
a energia dos Nkisses aos corpos
Marco de muitas estripulias:
- Menino, não deve tocar agora!
Só quando começar a festa!

Sou nomeado a partir do meu
tamanho,
No tamanho grande, sou chamado
de ngôma tixinda ou rum.
No tamanho médio, sou chamado
de ngôma mukundu ou lé.
No tamanho pequeno, sou
chamado de ngôma kasumbi ou
rupim.

Juntos entoamos a magia
ancestral através dos toques
realizados pelas mãos dos ogans.
Alegria sagrada de crianças e
adultos.



Kiandu (Trono)

Me olhe um pouco e
responda: o que você
visualiza?
Tchan, tchan, tchan!

É isso mesmo sou uma raiz!
No dialeto bantu sou
chamado de Kiandu mas,
pode me chamar também
de trono.

Nasci do tronco de uma
jaqueira, cujo, nome em
Yorubá é Opaocá.
Nesta árvore centenária era
reverenciado Senhor Oxóssi
e as entidades Caboclos.

Com a derrubada desta
jaqueira, o artesão Jacó
aproveitou os troncos da
raiz e, me transformou em
um trono.
Aqui estou eu, responsável
por acomodar a rainha
Mukalê.



Caboclos

Xetro, marromba xetro!
Salve as caboclas e caboclos
do Matamba Tombenci Neto!
Suas palavras são raízes de
cura,

Energia que aquece os
corações,
Trazem força e magia em seus
cokás, penachos, cipós,
lanças, gibões, chapéus, tacas
e berrantes.
Sabedoria em abundância,
Donos e protetores da terra,

Boiadeiros e Índios,
Nos sertões, nas campinas,
nos lajedos ou nas matas,
Olhai por nós!

Xetro, marromba xetro,
caboclos!

Considerações finais

BRECHA

Não posso ver uma brecha
 que me estico toda
 Nela, corpos pretos instintivamente se alastram
 Na contramão de tudo e de todos
 como mato insisto, me materializo
 e desintegro se for preciso, persisto
 Apesar das pisadas de suas botas
 subsisto, renasço bravamente
 insistente, não me calo
 e disparo saliva se me ataca
 revido a tua obra que é viciada
 esperneio ferozmente se me dá tapa
 Na tua fuça, cuspo
 se como 'bola preta' me encaçapa
 Resmungo, xingo, enraiveço
 sempre que me toma pelo avesso
 Eu renasço, ainda que rastejante,
 minúscula, me esgueiro, matreira
 Sei que sou semente boa,
 erva curandeira
 Trepo e multiplico, alvissareira.
 Sou vida! Sou vida! Sou vida!
 E em todas as brechas recrio-me,
 multiplico-me, fertilizo-me, reencanto-me
 Só porque sou pura teimosia
 insisto em ser verde, não amadureci, ainda,
 e assim, vivo para te afrontar
 Mesmo que eu morra a cada segundo
 muito mais do que viva, impossível não lutar
 pelas pretas vidas que somos, hiatos humanos
 que nas brechas brotamos pois, nos importamos
 Nas suas ranhuras, branco, daqui das brechas
 revento o teu espelho: ainda te ensino, a ser humano.
 (Kiusam de Oliveira)

“[...] Nas tuas ranhuras, branco, daqui das brechas revento o teu espelho: ainda te ensino, a ser humano”. É com esse poema da Kiusam de Oliveira que dou início as considerações finais desta dissertação. O ato da escrita nos possibilita diversos atravessamentos, por vezes, doloridos. Durante o período de escrita fui atravessada por diferentes sentimentos e sensações que trazia a seguinte indagação: por que a escrita pesa tanto nas corpos e corpos negros?! O percurso de nós mulheres negras é atravessado por pesados desafios, os quais, muitas vezes, nos paralisam.

A representação deste poema no fechamento desta pesquisa tornou-se um grito. Um grito que é transcrito em palavras através do punho de uma mulher negra, a quem tenho enorme admiração. Este poema nos mostra que mesmo com tantas lutas, falta de reconhecimento e obstáculos, ainda somos e seremos a força movente, a nascente cristalina da ancestralidade, o *corpo-brinquedo-memória* que resiste e ensina.

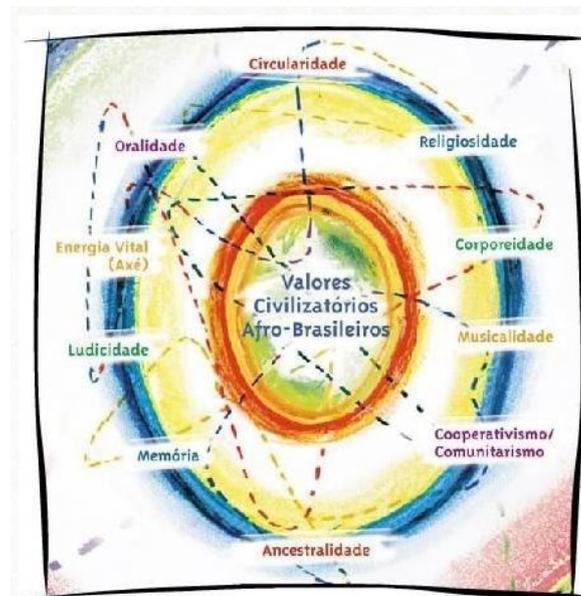
Compreendemos que os atravessamentos ancestrais que se manifestam, a partir da oralidade, da corporeidade, da religiosidade e da ludicidade são portais que permitem descolonizar os olhares sobre as brincadeiras dentro das instituições de ensino. Isso é evidente nos corpos infantis, pois estes corpos falam e o modo da criança brincar, sentir, agir se reflete em suas práticas, ou seja, através dos saberes e fazeres constituídos e constituintes de suas comunidades/familiares.

Nesta encruzilhada de saberes e fazeres, a presente dissertação revela a partir da corporeidade do Terreiro Matamba Tombenci Neto e das Pedagogias Pretas, possíveis caminhos educativos voltados para o empoderamento das crianças negras. De tal modo, além de contribuir intelectualmente com o ativismo negro, permite também a execução de práticas docentes empenhadas com um processo educativo sem racismos e discriminações, recriando uma educação que integra e não segrega.

As crianças trazem consigo diferentes epistemologias, portanto pensar numa educação igualitária se baseia na compreensão de outros modos de viver/brincar/fazer/saber/ser, levando em consideração a pluralidade existente na sociedade. Diante do exposto, trazemos a baila para corroborar com o que foi pontuado os *Valores Civilizatórios Afro-brasileiros*, de Azoilda Loretto da Trindade, trabalho em que se destacam os princípios advindos e herdados de África que se corporificaram em seus descendentes brasileiros.

Esses princípios/valores destacados por Trindade (2010) são: a energia vital (axé), oralidade, circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo, comunitarismo, ancestralidade, memória e ludicidade. Com isso, os valores civilizatórios afro-brasileiros nos levam a compreensão de que “não estamos condenados a mundo euro- norte-centrado, a um mundo masculino, branco, burguês, monoteísta, heterossexual, hierarquizado...” (TRINDADE, 2010, p.14).

Consideramos, dessa forma, que podemos, sim, viver uma realidade onde haja respeito e diálogo entre a diversidade de saberes e fazeres. Abaixo apresentamos a representação gráfica dos *Valores Civilizatórios Afro-brasileiros*, presente no texto de Azoilda Trindade, extraído da obra *A cor da Cultura* (2012).



Durante as entrevistas com integrantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto, as informações trazidas por eles e elas apresentaram suas subjetividades em relação ao candomblé e suas vidas numa sociedade racista. Percebemos que mesmo com as diferenças de idade dos entrevistados, suas falas dialogam entre si e isso nos mostra a essência milenar do aprendizado nesse potente espaço sócio-religioso.

Constatamos também que, para a comunidade acadêmica, esta dissertação contribuirá com o entendimento da necessidade de engendrar novos conhecimentos, novas identidades negras, formalizando novas estratégias antiracistas a serem aplicadas nas instituições de ensino. A realidade das comunidades tradicionais de terreiro tem muito a ensinar a profissionais de educação, ao apresentar outros movimentos da história do negro em nosso país, apontando para a necessidade de conhecer cosmovisões dos mitos africanos e afro-brasileiros e, assim, desenvolver novas metodologias de ensino.

Nesse sentido, produzir a Coleção Alegrias de Nvunji no Jardim Tombenci trouxe uma enorme satisfação. Saber que este recurso pedagógico poderá contribuir para práticas educacionais afroafirmativas e antiracistas, assim como contribuir com os processos de subjetivação e de pertencimento de crianças negras. Consideramos que este produto foi uma produção compartilhada, afinal nasceu das memórias brincantes de alguns e algumas integrantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto, ao apresentarem em suas entrevistas os valores e os sentidos do brincar construídos na comunidade.

Dessa maneira, o desenvolvimento desse trabalho em favor de uma educação antiracista, ancorado na ancestralidade africana, respaldado pela Lei 10.639/03, amplia e fortalece as ações contra as práticas racistas dentro dos ambientes escolares. E isso há de

proporcionar a emancipação, o empoderamento das corpos e corpos negros infantis, a quebra do silenciamento e oportunizar a profissionais de educação o desenvolvimento de novas estratégias de ensino-aprendizagem fundamentadas nas Pedagogias Pretas em diálogo com repertórios advindos das religiosidades de matriz africana.

Referências Bibliográficas:

ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. C. Infâncias em Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179-197, set./dez. 2009. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a12.pdf> . Acesso em: 20 ago. 2020.

A COR DA CULTURA. **Modos de brincar: caderno de saberes, fazeres e atividades/** [organização Ana Marinho, 2010. In: A cor da cultura; v.5 (ISBN 978-85-7484-491-6).

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7 Cartografar é habitar um território existencial. In: Eduardo Passos; Virginia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. (Coleção Feminismos Plurais)

ANJOS, J. O. dos. **As joias de Oxum: as crianças na herança afro brasileira/** Juliane Olivia; orientação Patrícia Dias Prado. São Paulo: s.n., 2016. 130 p.

BENTO, O. S. S. (2020). **Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil: entrevista com Kiusam de Oliveira**. *Revista Crioula*, (25), 377-384. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2020.172873>

BOM, F. C. de. A domesticação do corpo lúdico infantil. In: **V SIMFOP – Simpósio sobre Formação de Professores Educação Básica: Desafios frente às Desigualdades Educacionais**. ISSN 2175-9162

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, vol 1. Brasília: 1998.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 04 jan. 2019.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Conselho Nacional de educação- **Parecer CNE/CEB N° 20/2009 e Resolução CNE/CEB N° 05/2009**. Diretrizes curriculares Nacionais para a educação infantil, 2009.

_____. Conselho Nacional de educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico- raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>. Acesso em: 07 jan. de 2018.

_____. **Lei N° 8069 de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8069.htm>. Acesso em: 07 jan. de 2018.

CANDAU, Vera M. **Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Revista Brasileira de Educação. V. 13, n.º 37. ANPED. Jan./Abr. 2008. p. 45-56. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendedores Sociais: Takano Cidadania (Orgs.). **Racismos contemporâneos.** Rio de Janeiro; Takano Editora, 2003.

CARVALHO, José Jorge de. Sobre o notório saber dos mestres tradicionais nas instituições de ensino superior e de pesquisa. Cadernos de inclusão publicação do instituto nacional de ciência e tecnologia de inclusão no ensino superior e na pesquisa - INCTI/UNB/CNPq, Brasília, jun. 2015.

CAVALLEIRO, E. **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed., 4ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **O processo de socialização na educação infantil:** a construção do silêncio e da submissão. In: Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. S. Paulo, 12(2), 1999.

DO EIRADO, A. **O hábito do ponto de vista ontológico e a produção da subjetividade.** *Revista do Departamento de Psicologia da UFF, Niterói – RJ, v.10, n.1, p.4-8, 1998.*

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da Circularidade Afrocênica:** diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2019. 271p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244p

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e formação do educador.** Revista Entreideias, Salvador, v.3, n. 2, p. 13 - 23, jul. /Dez. 2014 .

MACHADO, Vanda. **Irê Ayo:** uma epistemologia afr-brasileira. 1 ed. Edufba: Salvador, 2019. 153p.

MELO, Cristiane Santos. **Escrevivendo-me negra:** práticas pedagógicas afrofemininas. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnicas Raciais) - Universidade Federal do Sul da Bahia. Itabuna. p.199. 2020.

MIGNOLO, Walter. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade.** In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência** / Eduardo Oliveira Miranda. - Salvador: EDUFBA, 2020. 207 p.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

_____. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**, 2012. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórica Metodológica – SP. Disponível em: <https://www.academia.edu/6967769/Diversidade_etnicidade_identidade_e_cidadania>. Acesso em: <abril de 2021>.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020, 160pp. (Coleção Feminismos Plurais).

OLIVEIRA, Kiusam de. **(Des) construindo as identidades negras na literatura infanto-juvenil: caminhos possíveis**. São Paulo, 2014. Admin.sindesp-sp.org.br

_____. **Como a educação para a diversidade na infância ajuda a combater o preconceito eo racismo estrutural no Brasil?** [Entrevista concedida a] Camilla Hoshino. Lunetas, dez/2017.

_____. **Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros**. Feira Literária Brasil – África. Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória - ES, v. 1 n.3, 2020. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/172873>>. Acesso em: <21 de maio de 2021>.

_____. Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil. **ABATIRÁ – Revista de Ciências Humanas e Linguagens**. Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VIII. V.1, n.1, jan. /Jun. 2020 p.1- 14.Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8845>. Acesso em: <02 de setembro de 2020>.

_____. **O mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

_____.; TRANCOSO, Joelma dos Santos Rocha. **Pedagogia EcoAncestral: Caminhos para (R) Existência de Infâncias Negras**. Revista @rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, 2020.

_____. **Pedagogia da ancestralidade e práticas ancestrais femininas: Estratégias de ewá, obá e olocum para empoderar as mulheres pretas contemporâneas**. In: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS – PPGER. Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. (Org.). II Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais. Porto Seguro: Editora Oyá, 2019.

PEREIRA, A. A. **Jogos Africanos: aprendendo com estudantes de origem africana matriculados na Universidade Federal de São Carlos**. São Carlos.2019

PEREIRA, Amauri Mendes. **África: para abandonar estereótipos e distorções**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012. Coleção Repensando África. Vol.9.

PETIT, Sandra H.; SILVA, Geranilde Costa e. **Pret@gogia: referencial teórico- metodológico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes**. Fortaleza: UFC, 2011.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Eduardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como educação**. In: *Revista Exitus*, Santarém/PA, vol.9, n.4, p.262 – 289, out/dez 2019.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019, 164p.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010. 637páginas.

SANTOS, Fátima Santana. **Leia-me negra: itinerâncias formativas no CMEI Dr. Djalma Ramos**. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnicos Raciais) - Universidade Federal do Sul da Bahia. Itabuna. p.133. 2019.

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. In: *Fractal, Rev. Psicol.* vol.25 no.2 Rio de Janeiro maio/ago. 2013. ISSN 1984-0292.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira**. In.: *A cor da cultura. Modos de brincar: caderno desaberes, fazeres e atividades/* [organização Ana Marinho, 2010. In: *A cor da cultura; v.5* (ISBN 978-85-7484-491-6).

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado**. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, n. 9: 131-152, julio- diciembre 2008 ISSN 1794-2489), - tradução livre de João B. A. Figueiredo, 2008.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

Apêndices

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Nossas entrevistas foram separadas em três blocos, quais sejam:

PERGUNTAS

- 1 O que é ser e estar criança no terreiro?
-
- 2 Erês, nvunji e Ibejis são a mesma divindade?
-
- 3 De que modo se aprende no candomblé?
-
- 4 Como a infância é entendida no terreiro?
-
- 5 Qual o sentido dos valores do brincar?
-

*

- * 1 Qual zuela te faz lembrar a infância no terreiro?
*
-
- 2 Me diz o nome de um símbolo/objeto que ao olhar te lembra infância dentro do terreiro.
—
- 3 Quais seriam as 5 palavras que simbolizam a infância no Tombenci Neto?
—

*

*

*

- 1 Como você entende as brincadeiras no Terreiro?
-
- 2 Quem foi você (Gleide, Ney, Gilmar e Leonardo) criança no Terreiro Matamba?
-
- 3 E como a Mameto, o Tata entende as brincadeiras no Terreiro?
-
- 4 Hoje, adulta (o), você revive a infância no Terreiro? Em quais momentos?
-

Mãe Hilsa (Mameto Mukalê)

No dia 31 de maio de 2021, no final de tarde realizei uma pequena entrevista com Mãe Hilsa, na ocasião não havia estruturado perguntas deixei que ela livremente falasse da infância dela. Começamos a conversa sem gravar, pois estava explicando do que se tratava a pesquisa. Fomos interrompidas algumas vezes devido ao movimento dentro do terreiro. No início ela começou falando da vida escolar dela, em seguida foi discorrendo sobre a realidade vivenciada no terreiro durante sua infância.

Fala de Mameto Mukalê

Eu era muito sapeca, tinha uma colega de escola, só que eu pelo menos, ela eu não sei se foi adiante mas, eu só tive oportunidade de estudar porque antigamente tinha o 1º ano, o 2º ano não sei o que lá e o 2º ano mais elevado, o 3º ano e ia assim né, não é como agora. E, essa menina era colega minha e a outra também era sapeca, ela está com 1 ano e pouco de falecida Valdice, ela morava ali, não tem aquela rua onde, esqueci (risos). Eu pergunto: - Aqui na Conquista mesmo?!

É, ali na Conquista, não tinha um barzinho pra quem entra para o prédio. Então, a família dela morava ali, e assim, quando a gente vinha do colégio na descida do, antigamente, Buraco da Gia, hoje é Avenida Belmonte. Ali de junto tinha uma fábrica de gelo e de junto tinha um colégio, a professora se chamava Conceição. Até hoje eu, assim na memória, eu me lembro da mulher né, na ocasião ela devia ter seus 40 anos e, a gente passava, catava um bocado de pedrinha e jogava no telhado dela, quando ela saía a gente se escondia né, ela olhava pra um lado e olhava pro outro e entrava, aí eu dizia: - Ela entrou, bora jogar de novo (risos). Aí teve um dia que eu acho que ela pensou, “hoje eu vou pegar quem é”, aí quando a gente jogou, ela falou: - É vocês né?! Eu vou procurar quem é a mãe de vocês, pra eu dizer que todo dia vocês ficam jogando pedra em cima de minha casa. Aí a gente: - Ô, pelo amor de Deus, não faça isso não, não diga a minha mãe, que a mãe da gente vai colocar a gente de castigo e bater na gente. Aí ela disse: - Vocês não vão fazer mais não?! Não!

Além da gente jogar a pedra, a gente jogava e, ficava; olhe agora que apelido! Onde foi que a gente arrumou isso?! Chamava a mulher de Amora. Aí a gente fazia: - Amora, Amora!! E pá com as pedras em cima da casa. (risos). É uma das coisas que tem.

Que tipo de brincadeira a Senhora gostava de fazer, além dessa de tacar pedra? (risos).

Nesta ocasião as meninas brincavam muito de roda né, fazia roda em noite de lua na porta, a gente juntava um bocado de meninas, colegas, aqui da rua mesmo, né. Porque, mãe, ela não criou a gente assim, a gente ficar pela rua, assim pra cima e pra baixo. Tinha muitos vizinhos mas, era assim, como aqui era uma chácara, aí aqui do lado de cá, tinha duas pessoas, tinha um Senhor que tinha uma chacarazinha dele e, se chamava finado Alfredo, até hoje me lembro também, ele não tinha uma perna e, eu ficava admirada de ver, naquela época não é como hoje que tem perna mecânica, entendeu?! Ele tinha lá nele, até aqui não tinha (abaixo do joelho) e a perna dele ficava dentro de um pedaço de pau, tinha um tronco assim, como que furado e ele colocou o toco do pé ali dentro. Eu ficava encabulada de ver Seu Alfredo e, ele tinha uma chácara aqui, se dava muito bem com minha mãe e do outro lado tinha uma outra chacarazinha

que é da mãe dessa menina que mora ali agora, de Zuza que mora no fundo da casa de Vane. Então, a mãe da mulher dele que se chamava Teotista, ela tinha o coisinha dela ali também. Aí a gente quando era noite assim, as meninas vinha tudo brincar de roda, aí a gente dava as mãos umas as outras e ficava né, rodando e tinha umas cantigas que cantava, não sei agora, no momento eu não vou lembrar das cantigas. (risos).

Eu sei que tinha essa brincadeira, quando não era isso, a gente botava uma esteira assim no terreiro, aqui como era uma chácara também, aqui era cheio de gente e aí aquele pessoal que vinha do interior, ficava ali contando história pra gente né! E, a gente ouvindo até dá sono, a gente ficava na esteira lá e aquelas pessoas que eram os clientes de mãe, contando história pra gente. Tinha a história do Zeca Tatu, que tinha um livrinho, foi muito interessante na época esse livro, ele era um caipira né?! Era muito engraçado, e aí o pessoal contava a gente e falava: - Agora eu vou contar a história do Zeca Tatu! E aí contava aquela história para a gente e a gente ficava ouvindo, eu me lembro que tem uma parte da história que era uma princesa, a princesa tava lá no palácio e tinha do outro lado, uma pessoa pobre né, e de vez em quando os urubus, ficava assim naquelas coisas, de ficar no mato e, aí quando a princesa via ela ficava tangendo o urubu e o urubu saía. Depois, ela foi mudou de lugar, mudou de lugar e ela estava sendo muito perturbada, parece que o pessoal não queria ela ali, um negócio desse assim. Aí o urubu tava ali catando lixo, aquele negócio todo, aí quando ela viu o urubu, ela queria a ajuda dele, aí ela cantava assim: - Urubu, urubu me leva pra minha terra urubu. Ele respondia: - fom fom fom, eu não lhe levo não, que você não sei o que ... (risos). Tem uma estrofezinha que eu não lembro agora. E, aí fico aqui na cozinha, cozinhando e fico lembrando e cantando, dando risada sozinha. E aí é essas coisas assim de criança levada que a gente ficava. A gente aqui em casa tinha três pés de manga, aqui assim, bem aqui no meio e do outro lado tinha um pé de coqueiro; o pé de coqueiro, Mãe fez um chiqueiro para colocar cágado, para criar os cágados, aí ela criava aqueles cágados e colocava ali e, quando foi uma vez, um homem, uma pessoa né, pobre, muito pobre aí chegou, carregou os cágados tudo, botou os cágados tudo no saco e se mandou, aí quando a mãe foi ver, Mãe disse assim: - Oxente, cadê meus cágados?! Ah, já sei, roubaram meus cágados! Aí ela disse: Ah já sei, quem pegou meus cágados vai voltar pra colocar no lugar. Eu disse: - oxente Mãe e o que a senhora vai fazer? Ela disse: - Nada, não vou fazer nada! Vou só bulir na consciência desse homem, pra ele vim colocar meus cágados no lugar.

Aí passou o dia todo tal, quando foi bem tardezinha, aí ela tá vendo chamando no portão, que tinha uma porteira. Aí esse homem: - Dona Roxa, ô Dona Roxa! Aí mãe: -Ver aí quem é menina. Eu disse: -É um homem que tá ali com um saco. Aí ela disse: -Ah já sei, peraidiga a ele

perai que vou lá. Aí ela saiu e quando ela chega lá tá o homem com os cágados. –Eu vim entregar os cágados da senhora. Ô Dona Roxa, a senhora me perdoa?! Ela disse: - Por que você fez isso? Ele disse: -Dona Roxa, porque, eu não tinha um centavo pra comprar um feijão pra colocar em casa para meus filhos. Aí eu peguei pra vender mas, ninguém quis comprar o cágado, aí aquilo disse assim: - Volte e vá botar lá. Aí eu cheguei e vim entregar os cágados a senhora e pedir desculpa. Mãe falou assim: - Você devia ter me pedido né, uma comida, qualquer coisa que eu lhe dava o dinheiro ou lhe dava comida pra você levar mas, não tem problema não. Perai que vou aqui!

Aí foi lá e apanhou de tudo um pouco e encheu a sacola e deu para ele. “- Leva para seus filhos mas, nunca mais faça isso, porque assim como o Senhor fez aqui, que eu não gostode fazer judiação com ninguém, eu podia ter feito uma judiação com o senhor mas, o senhor fez com bom pensamento que foi na sua família, aí eu dou. Aqui eu tenho uma chácara, de vez em quando eu boto uma pessoa para trabalhar, tem duas pessoas que já trabalham mas, quando a pessoa tá assim sem emprego, aí vem limpar, vem pegar os lixos e eu dou um agrado”. (Palavras de Dona Roxa).

Aí ele ficou amigo da minha mãe, entendeu!! Não roubou mais nada. (risos).

E tudo isso era uma chácara?

Era, aqui era uma chácara, tudo aqui né, agora era dividido cada um tinha seu pedaço. Lá em cima, tinha uma senhora que era da família Carilo. Carilo não sei se você conhece ou conheceu, ele ainda é vivo mas, mora em Itabuna. Que a gente, o Leguedêpa foi junto com ele que a gente fez o bloco da gente, o primeiro. E, aí ele acompanhava assim as chácaras da avó dele é pra quem vai para lá, onde você mora. Indo para o lado da igreja. Ali do lado, era uma chácara da família Carilos, onde tinha uma senhora que o apelido dela era “Dona”. Aí, minha mãe, os vizinhos eram tudo unido, aí quando tinha colocava nas coisinhas e mandava trazer um para o outro. Assim, aquela coisa de troca, né! Tinha limão mandava para Mãe e aí mãe tinha manga mandava pra eles, aí quando foi um dia mãe precisou de um limão, aí falou assim: Ô Hilsa, vá lá na casa de Dona, minha vizinha, diga a ela se tem limão lá pra mandar uns pra mim, que os meus está muito verde.

Aí a gente foi, foi eu e não lembro quem foi a outra pessoa, acho que foi Preta. Aí quando a gente chegou ali: - E agora como é que a gente vai chamar, que mãe disse que os mais velhos a gente tem que chamar Dona fulana, e o nome dela é Dona. Como é que a gente vai chamar?! Aí eu disse: - Já sei, eu já sei como é que vai chamar pra não faltar com respeito a mulher. Aí eu: Dona Dona!!! Ô Dona Dona! (risos). E nada da mulher aparecer! Ô Dona Dona!!! (risos), aí

quando ela apareceu: - É o que minha filha, é o que, que você quer? Ah, é a menina de Roxa. Chega aí minha filha, é o que, que você quer?

Aí eu dei o recado, né! E, eu disse: - Olhe estou chamando a senhora assim, porque, minha mãe falou que a gente tem que ter respeito pelos mais velhos, né. Aí chamam a senhorade Dona, aí a gente não vai chegar aqui dizendo Dona, a gente tem que dizer “Dona Dona” (risos) Aí ela foi lá pegou os limão, colheu e deu esses limão pra gente trazer. Aí cheguei em casa e falei: - Mãe a senhora não ensinou como era, eu cheguei lá chamando a mulher de Dona Dona. E ela: - Mas, menina e o que foi que ela disse?

- Não, não disse nada não! (risos) São essas coisas assim que eu vou lembrando, né! Vou lembrando assim do tempo da infância. E, é um bocado de coisa que tem, que vou lembrando aos poucos o que tem. Agora, na camarinha também, que eu ainda estava com 13 anos, ainda tava na adolescência ainda e, dentro da camarinha, foi o barco das irmãs, né. Foi Preta, Eu, Dunha, Luanda e uma menina que mãe criava também, o barco foi da gente, a mais velha era a menina que mãe criava. E, dentro da camarinha, naquele tempo ficava três meses né, de camarinha. Ficava três meses lá dentro recolhido e, não saía. Só saía naquela época só, o barracão naquela época não era assim como é hoje, era todo de palha em cima e de taipa, então o barracão ficava fechado e a gente só chegava um pouquinho ali para a prender fazer ascoisas.

Naquele tempo, lá dentro da camarinha podia bordar, fazer as roupas, os camisos, essas coisas né. A minha avó ensinava a gente tecer nos bastidores, fazer; e aí ficava lá dentro. Preta que toda vida foi assim, ficava lá quieta no canto só dormindo, só cochilando. Aí eu: - Vixe, a gente fica aqui dentro, sem nada pra fazer. Aí eu comecei a tirar as palhinhas da esteira e, comecei fazendo cestinha (risos) Aí eu fazia, ia trançando, trançando, as duas meninas era pequena Luanda e Dunha. Luanda tava com três anos e Dunha com dois e, ficava lá. Tudo que a gente fazia, ela fazia; minha avó não coisava não. No dia de fazer as curas, aí eu disse assim: -Eu acho que minha avó não vai fazer em vocês não. Aí quando minha avó chegou disse: -Olhe todo mundo vai fazer as curas. Aí eu com minha curiosidade, falei assim:

- Oxente minha vó a senhora vai cortar minha irmã?! Elas são pequenininhas. Ela respondeu:

- Não lhe perguntei nada, cale sua boca e sente lá e espere sua hora (risos).

A primeira do barco foi Luanda, a segunda vinha Dunha, terceira era Preta, aí depois de Preta, a quarta vinha essa menina que mãe criava e eu era a última, era a caçula do barco. Um dia, na camarinha eu vi um caboclo, aí eu vou fazer uma cantiga pra ele, aí eu fiquei assim e peguei naquela madorna, quando me assustei eu disse assim: Ah já tem a cantiga! Aí Preta perguntou assim: - O que é Hilza, que você vai fazer? Eu disse, não menina eu vou cantar! Eu

tenho uma cantiga aqui ó, na minha cabeça. Aí eu comecei e ela falou: Canta aí pra mim ver! Eu cheguei e cantei, né!

“Tunhê, gemeu na mata, tunhê gemeu na mata, viado corre campina ê, tunhê mora na mata, viado corre campina aê, tunhê eu vi gemer” (zuela do caboclo). Aí eu pegava os atabaques (risos) Tunhê eu vi gemer! Bora gente, levanta vamos sambar! (risos). Aí a outra que era maiorzinha que mãe criava, falava: - mais essa Hilza tem invenção viu! Menina não é que a cantiga é bonita mesmo?!

Aí quando eu fiquei já maior, que entrei pra fazer obrigação, que sair das obrigação aí quando minha avó foi jogar pra ver o que a gente ia fazer, porque a gente ia fazer um ano de feita, ia fazer uma oferendazinha, aí a minha avó falou: - Olhe Mukalê, você tem um caboclo no seu ibá, você carrega um caboclo também e, ele está dizendo aqui, que você fez uma cantiga pra ele. Canta aí pra mim ver. E, eu com vergonha ela disse: - Canta menina pra eu ver!. Aí eu cantei pra ela e ela falou: - mais no é que a criatura, mais menina tu é de iansã mesmo viu! E aí eu cantava (risos), até hoje eu fico com essa cantiga na cabeça, tem vez que estou aqui sozinha, aí eu fico cantando: -Tunhê, gemeu na mata, tunhê gemeu na mata, viado corre campina ê, tunhê mora na mata, viado corre campina aê, tunhê eu vi gemer. (risos) Tunhê é igual pisada de caboclo, que caboclo bota assim né, faz aquela volta e vai fazendo aquela pisada assim, aí depois que a cabocla começou vir, você que ela tem aquela coisa assim, daquela pisada de um pé vai e o outro cai, é assim ele. Aí são essas coisas de pouco de criança. Outra coisa que eu gostava muito de fazer também, era cozinhado. Que hoje em dia, as meninas não faz mais isso, cozinhado e nem nada.

Era assim, dia de domingo, mãe se dava muito bem com a finada Percília, que era uma senhora que tinha um candomblé no Pontal e, as meninas dela era tudo assim, na faixa etária das meninas de mãe, assim de 12,13 e 14 anos, a mais velha devia ter seus 16 anos. Aí final de semana ela ligava para mãe e dizia: - Ô Roxa, eu estou indo passar o dia aí com você hoje. Ela dizia: Pode vir, pode vir! Aí mãe acordava cedo, chamava as meninas, as iawô passava um ano dentro do terreiro né, aí mãe chamava elas, botava o milho na bacia, na vasilha pra chamar galinha que mãe criava, aí era: - mata aquela ali, aquela, aquela...

Matava aquela galinhada, então aquelas tripas aí eu dizia a finada Augusta, foi essa que fez santo com a gente: -Tire as tripas para a gente fazer um cozinhado que as meninas de Dona Percília vem pra cá final de semana. Aí pega a tripa e vira ela, eu não me lembro mais como é não. Eu sei que pega ela enfia assim e aquele lá de dentro vem pra fora, né; aí lava, bem lavadinha bota limão, depois bota a água quente para esquentar, depois que esquentar, corta toda miudinha e faz aquela comida. Então, as meninas vinha e aí tinha as panelinhas, um bocado de

panelinha que o povo que trabalhava com barro fazia, aí mãe comprava pra gente, aí fazia o fogo lá debaixo do pé da mangueira, aí tinha uma mesa grande e eles lá, os pais de snato, minha mãe com algumas amigas dela como, a finada Caboclinha e a finada Adelaide que tinha terreiro lá onde a finada Anailde tinha. Olhe a fisionomia do povo fica tudo em minha cabeça, gravada em minha cabeça, eu não esqueço de ninguém. Essa senhora, finada Adelaide, era uma senhora bem escura, mais negra, negra mesmo, era uma pessoa ótima, uma pessoa boa, sabe. Era as pessoas que mãe se dava, ela era muito assim, só se dava com pessoas bem humildes.

Então, aí elas ficavam na mesa né, almoçando e a gente de lá cozinhando, era cozinhado que fazia, fazia aquele cozinhado, fazia farofa, pegava os pratinhos e dividia, era a minha distração da tarde, ela e os mais velhos lá conversando e a gente brincando. Quando chegava de tardezinha que para passar lá para o Pontal, não tinha ônibus e não tinha caminho, era na lancha. Mãe tinha um bocado de filho de santo pro lado de lá e, quem disse que eu ia?! Dia de domingo mãe dizia: - Vamos Hilza passar o dia na casa de Enedino, finado Enedino, era meu compadre, eu batizei o menino dele, foi ogam daqui da casa.

Aí menina, se a maré tava seca, eu iam, na hora de vir. Aí menina quando eu olhava que eu via a lancha subindo e descendo, e disse: - Mãe eu não vou não! Mas, não vou mesmo Mãe! E ela dizia: - Menina, pelo amor de Deus. -Eu não vou não mãe, eu vou dormir aqui, amanhã eu vou quando a maré estiver seca. Eu tinha um medo terrível, até hoje eu tenho pavor de mar. Aí eles ia chegava aquela hora, umas cinco horas mais ou menos, já era tarde, eles iam mais cedo pra pegar a maré ainda baixa pra poder atravessar e, era assim. E, a gente se divertia, brincando fazendo roda, fazendo picula, fazendo brincadeira de se esconder. Todo mundo procurando, procurando e a gente ali escondida. Era bom naquela época. Minha infância eu brinquei muito, não era de sair e nem nada mas, assim eu fui crescendo mais, aí tinha muito, quando tinha carnaval, tinha blocos. De manhã era bloco que chamava né.

As pessoas juntava dentro de casa assim, aí todo mundo, os homens vestia de mulher e as mulheres se vestia de homem, outros faziam mascaradas na cara, pintava com tinta e ia pra rua, fazendo aquele bloco e saia na rua. Minha Tia, a de iansã, chamava Alice, a digina dela era Deloyá, acho que eu puxei a ela, talvez né. Ela era muito assim de fazer brincadeira, já era uma senhora, na época ela tinha seus trinta anos por aí, aí assim, ela fazia, inventava. Ela inventou um bloco “Última hora”, chama o bloco, aí todo mundo de chapéu de palha, tamanco e aquelas roupas de chitão e, a gente saia por aí tudo pelos bairros, tanto carnaval quanto São João. São João, meu padrinho Massá, era marido de Vó, finada Dona Vó, ele foi padrinho meu de fogueira e foi padrinho do barco da gente, ele era de Oxossi, a digina deleera Filencó, aí ele saía. As meninas daqui do bairro, as mães não deixava sair com todo mundo mas, com ele deixava.

“Só vou deixar, porque, é o rapaz de lá da casa de Roxa e ele toma conta de vocês” (Palavras das Mães das meninas). E quando vem, ele vinha entregando, né. Aí a gente saía cedo em São João, saía daqui menina, ia no Outeiro de São Sebastião, voltava. Não, primeiro a Princesa Isabel, depois subia ia no Outeiro de São Sebastião e tudo cantando “Adeus meu São João, adeus adeus, você fica com saudade quem vai se embora sou Eu” (risos).

Quando chega época de São João, ô saudade que eu tenho viu, de São João! (risos). Agora eu era muito de brincar, agora beber, eu não gostava de beber, eu enganava as meninas (risos). Eu vou contar uma que eu fiz. A gente ia lá pelo Malhado, entrava nas casas, canjica, amendoim torrado, cozido, milho assado, aí comia aquela coisa toda e, as meninas tomando licor: - Ô Hilza, este daqui está ótimo! E eu dizia: - Ah, está uma delícia, né! Aí eu saía cantando, dançando, olhava um lugar que tinha uma planta e jogava tudo lá e voltava: - Ô menina o licor está uma delícia, está delicioso! E as meninas perguntavam: - Ô Hilza, todo mundo bebe e fica assim meio e, você nem tropeça. Eu respondia: - Ah, eu tô acostumada a beber, eu bebo. Ave Maria, adoro licor!!! (risos saudosos). Mentira!! Aí quando foi um dia, essa amiga que estou falando que a gente era muito amiga, aí ela disse assim: - Hoje eu vou descobrir o que Hilza faz que não fica bêbada! (risos). Estava todo mundo cantando, chupando laranja, tangerina e tal, aí eu olhei assim, estava todo mundo entretido, aí lá vai eu procurando um lugar, quando eu estou despejando, ela: - Ah, peguei!!!! Você não bebe é coisa nenhuma rapaz! Você só faz comer! (risos). Aí eu disse: - É porque não gosto não. A gente saía e quando era de tardezinha ia chegando de novo, tudo mocinha. Ela saía entregando nas casas. Era muito gostoso!

Eu era muito cotada para sair nos blocos, eu saía de manhã e de noite era com o “cordão” que chamava. De manhã bloco com careta, bloco assim de última hora, né enfeita, um vai ali e sai, só pra fazer, só pra brincar e, de tarde era os blocos mesmos que tinha já muito tempo. Depois disso aí, o tengão já vem muito novo. Tinha dois blocos que era rival, era o Mangueira em férias e o X-9, como o Rastafari e o Dilazenze, tinha aquela rivalidade. Um era do Outeiro e o outro parece que era do Malhado ou da Princesa Isabel, aí a gente saía, eu e essa amiga minha. A gente saía de porta estandarte, tinha as balisas e as portas estandartes. Ela saía comigo que a gente revezava, quando uma cansava a outra pegava o porta estandarte. Aí quando vinha o outro bloco, a gente saía do Mangueira em férias, e quando parava assim, hoje é ali na Avenida, antigamente era ali para quem vai para 2 de Julho, do lado tem um edifício, onde era um jornal. Aí parava ali e cantava, eles tomavam notas depois, que passava o carnaval aí saía no jornal quem ganhou em primeiro lugar e quem não ganhou, aí a gente dançava. E, daqui a pouco troca os estandartes, eu vou para lá e o de lá vem pra cá. Então ficava aquela troca (risos) e todos os blocos que a gente saía ganhava, porque a gente dançava pra p..., botava pra quebrar mesmo!

(risos) tinha umas meninas que ficavam por aqui! Chamavam a gente de metida a besta, cabelo duro, ficava magando da gente (risos). Eu sei que a gente ganhava e brincava pra valer.

Quando foi um dia, eu já estava mocinha, não tinha casado ainda não, eu sair de manhã e sair a tarde, quando cheguei deu câimbra nas pernas de tanto dançar, pular. Aí pai disse: - Você não vai mais agora de tarde! Eu disse: - Ai meu Deus do céu! Pai eu não posso faltar porque sou porta estandarte, eu não posso é a figura principal. Ai ele: - Como é que você vai, se você não está aguentando andar menina?! Aí Mãe dizia: - Perai, perai que eu vou ver o estado! Me chamava, fazia um banho me dava e mandava eu ir deitar. “- Vá deitar e fique lá, vá dormir, quando você voltar se as pernas estiver boa você vai, se não tiver não vai, porque seu pai não vai deixar!” (Palavras de Dona Roxa). Aí eu me deitei e peguei no sono, quando acordei disse: - Vixe, meu Deus que horas é essa? Mexia com as pernas, aí levantei, fiquei em pé, olhei assim “É minhas pernas está boa!”.

Quando eu ouvir o chinelinho de Mãe, eu me deitei e fiquei fazendo que estava dormindo, a’ela: - Hilza, Hilza, acorda que está na hora. Levanta aí para eu ver. Eu disse: - Ah mãe peguei no sono! E, isso eu já tinha olhado né! (risos). Fiquei em pé, aí as pernas já estava boa, ela me deu outro banho de novo. E disse: - Você é muito fogueteira, fica pulando pulando pra ficar com as pernas doendo. Eu disse: - Mas, Mãe tem que dançar Mãe, se não dançar, não ganha. Aí eu ia né, o dono do cordão vinha buscar a gente e entregar em casa, era assim, a gente dançava, dançava, dançava, quando era quarta-feira terminava, quarta-feira o carnaval terminava, vinha a quarta-feira de cinzas e, aí sai o jornal. Ficava todo mundo esperando pra ver, e quando via o Mangueira em férias em primeiro lugar (risos) Eu já brinquei muito viu, apesar de que depois veio atribulação assim de eu já fui fazer santo. E, minha Vó ela era muito carnavalesca também, minha Mãe de Santo, ela tirou a quizila da gente de carnaval de careta. Só não fazia pintura mas, ela mesma que arrumava a gente, colocava paletó, botava coisa na gente. (risos)

Mãe não era muito, mãe não gostava. Não é que ela não gostava, a natureza dela, ela não dançava assim né, pra sair ela dizia a Mãe de santo que não gostava. E, a Mãe de Santo dizia que era só para tirar quizila, aí ela dizia: - Ah tá bom, então eu vou. Só não pode fazer coisa no rosto, pintar por causa de Omulu, não pode. Aí ela se vestia de homem, ela era alta, se vestia e saía com a gente pra tirar a quizila de carnaval. (risos). Era assim, (risos) eu fui muito esperta assim né, na minha infância brincava muito.

No colégio tinha um rapaz que lá para o lado do Basílio, todo mundo tinha roça e, ele morava na roça, ele se chamava Manoel, chamava ele de Manu, era rapazinho, namoro de criança, aí a gente ficou namorando, aí quando foi um dia, uma colega minha, estava já querendo

ele e, ele não dava bola pra ela, ela ficou danada “aquela nega, ele só gosta dela!” Eu disse:- Você quer? Enrola ele, estou te dando de presente pra você. (risos) Mas, assim, era namorozinho de colégio, depois a gente mudou de colégio, eu já fui estudar na Estiva, esse outro já não existia mais, e então não vi mais esse rapaz, não sei se ele é vivo ou se não é mas, a gente teve isso.

Minha Tia Alice, vendia acarajé ali na Princesa Isabel, até hoje tem uma casa dentro d’água, ali era um clube e do lado, eu esqueci o nome do homem, o nome dele era o nome do bar. Ele fazia um clube, tipo assim, uma boate, todo mundo entrava para dançar e as pessoas ficava na porta bebendo, ele vendia cocada, pipoca, a minha Tia vendia acarajé, aí eu ia mais ela, ela vendendo e eu ali assistindo. Quando foi um dia um rapaz, ele também saía no bloco afro mas, não era assim não, tinha os Tupinambá, era de meu Tio Etilde, era todo mundo vestido de caboclos com aquelas samambaias, a roupa era de samambaia e tinha os Aruanda, que era na Conquista, da finada Nitides e Seu Demetrio, ensaiava aqui no terreiro de mãe, aí o povo ficava metendo a bomba “Olhe aí a filha dela, a Mãe morreu e ela está fazendo isso”. Eudizia: - Estão falando o que não sabe, porque minha Mãe emprestou o barracão, ela emprestava para qualquer pessoa, ela só arrumava e cobria tudo, fazia banho e, antes de começar o ensaio ela dizia: - Tem uma coisa, todo mundo vai precisar tomar o banho e, eu não quero coisa de xingamento ou boca suja lá dentro, porque ali é um lugar sagrado. Aí o dono do bloco né do cordão, que era Seu Demétrio e a mulher dele já avisava a todo mundo. Capoeira, tudo ensaiava aqui que **minha Mãe, ela já fazia cultura e não sabia que era cultura**. É o que sempre as pessoas vem e pede aos meninos o barracão e a quadra e tal né.

Muito, muito bloco e cordão aí, tinha o afoxé da finada Cantora, é o nome dela. Ela era, era todo em ijexá , era uma coisa de louco, o afoxé. Só que naquele toque Ijexá mas, era gente menina que saía no afoxé dela, depois que ela faleceu, acabou. Aí já foi crescendo, o tempo passando e, entrou o compadre Pedro. O afoxé dele também, era muito bonito, porque ele tinha muita filha de santo, não precisava nem ninguém e todo mundo queria sair, porque, ele era aquele homem bonito mas, não gostava de mulher (riso) mas, as mulheres tinha um apreço. Tinha muito filha de santo, é feito Naldo, com muito filho de Santo. Aí o afoxé dele era uma coisa de louco, era tão bonito o afoxé dele, ele tocava muito também ijexá, quando ele chegava na praça o povo ficava doido, aquele homem bonito no meio né! (risos). Aí o tempo foi passando, eu casei, tive filhos e fiz trabalho de teatro com Mário Gusmão.

Mestre Nei (Tata Kajibereoman)

Na tarde do dia três de agosto de 2021, foi realizada a segunda entrevista para compor a dissertação “Para aprender como os nossos: saberes e fazeres brincantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto”, entrevistei o Mestre Nei (Tata Cajabereoman). Mestre Nei é Tata Cambondo no TMTN e filho carnal de Mameto Mukalê, vivenciou toda infância no TMTN. Nasceu no dia 18 de novembro XXXX. Escolhi entrevista-lo por ser um membro do terreiro que já nasceu de uma comunidade, logo sua base educacional foi pautada nas raízes ancestrais. Outro ponto significativo é a participação do Tata Kajibereoman no meu processo de iniciação, onde tornou-se meu padrinho dentro do TMTN.

O início da entrevista foi marcada pela escuta atenta do Mestre Nei, nesta ocasião ele me pediu para discorrer um pouco sobre a pesquisa. Depois aconselhou-me fazer um roteiro para que não me perca no rumo da pesquisa. Relatou que está muito feliz em ter uma pesquisa voltada para a infância no Terreiro Matamba, evidenciando a relevância de uma pesquisa como esta para ao terreiro.

Iniciamos nossa entrevista no barracão do terreiro, depois precisamos nos retirar, porque, Mameto Mukalê iria realizar uma consulta. Seguimos para a camarinha e lá continuamos a entrevista. Foi tão prazeroso ouvir o Tata Kajibereoman, que nem nos demos conta que o espaço de gravação do celular havia acabado, só percebemos ao finalizar a entrevista. Quando falei que poderíamos não ter gravado todas as informações, ele se disponibilizou em um outro momento nos encontrarmos novamente.

A primeira pergunta feita ao padrinho foi: Como você entende as brincadeiras no terreiro?

A criança de um terreiro, ela não é diferente de qualquer outra criança, então as brincadeiras é que se diferenciam, por elas serem pertencentes a um terreiro ou nascerem em um núcleo familiar que cultua a religião afro do candomblé. Aí ela tem um leque a mais de brincadeiras que se torna uma brincadeira natural, além das brincadeiras normais que qualquer criança brinca: de gude, de jogar bola, de empinar pipa, de jogar pião, **brincadeira de roda, que hoje até nem existe muito.**

As crianças de terreiro brincam com essas brincadeiras mas, elas se tornam apenas algumas dentro do leque de brincadeiras que essa criança começa a desenvolver. As outras crianças, quais são as outras brincadeiras? São exatamente as práticas do terreiro que se torna uma brincadeira para essas crianças né! Por elas verem os adultos naquela vivência, por elas verem os adultos naquele convívio religioso, os xirês, as rodas na hora das cerimônias festivas,

os cânticos, os toques, isso tudo acaba se tornando uma brincadeira para essas crianças, então ela incorpora aquele leque de brincadeiras normais que qualquer criança tem, elas incorporam essas práticas do terreiro as suas brincadeiras. E, isso se torna uma prática de vivência delas, então antes de qualquer cerimônia festiva religiosa que o líder religioso permite, as crianças estão lá tocando os atabaques e, isso é uma brincadeira delas. Ela pode não desenvolver o ritmo, o toque exatamente como é, porque ainda não tem o aprendizado necessário para tocar aquele ritmo como deve ser, como um Tata toca mas, ela está ali entoando as notas dela, ela está brincando, fazendo batuque dela, é uma brincadeira para ela, entendeu?!

A criança está imitando um adulto a dançar na roda, no xirê, ela tá numa brincadeira, ela está exercendo uma brincadeira, é uma diversão para ela, então, esse leque de brincadeiras que ela incorpora é que faz com a prática da religião do candomblé se torne um processo de ensinamento e aí ela vai convivendo com as brincadeiras até quando chega a um ponto que elas crescem e passam a não ser mais uma brincadeira, passam a encarar como coisa séria, e aí quem tem suas heranças e seus guias são iniciados, aqueles que, por sua vez, não tem a necessidade de ser iniciado não vai ser iniciado mas, vai continuar respeitando mas, já não age mais como uma brincadeira de criança, já leva a sério porque tem o entendimento e tal. Essa é a brincadeira de uma criança de um terreiro, é a reprodução das práticas que os adultos fazem né, e que elas se permitem a está presente nas cerimônias que permitem as crianças verem, estar presente, elas brincam. Eu, na minha vivência, eu tenho essa experiência comigo, a gente antes de qualquer xirê, de qualquer candomblé, a gente tava aqui no barracão, brincando de tocar, de cantar zuelas e de dançar.

Eu lembro que a gente enquanto criança, todas as festas que tinha, a gente se arrumava cedo e vinha cedo para poder brincar de tocar, brincar de cantar, brincar antes da cerimônia religiosa, da cerimônia do terreiro, então a nossa mãe permitia, a gente vinha antes e era como se fosse tipo, o chamamento para a abertura da festa do terreiro, a abertura da cerimônia e aquilo era uma diversão enorme pra gente, então a gente brincava, se divertia, e tocava e brincava aquela coisa (empolgação e risos), até quando os adultos chegavam e tomava conta, e aí a gente já ia cada um pro seu canto, ia brincar lá fora e tal, para deixar realmente a cerimônia religiosa acontecer com os adultos da forma que tinha que ser mas, era a nossa brincadeira, nossa vivência né, eram essas práticas que a gente tinha é, então a brincadeira dentro do terreiro pra uma criança de terreiro, além dessas brincadeiras normalmente é a reprodução das práticas dos adultos, das práticas dos terreiro.

E o Tata?! Como o Tata entende as brincadeiras dentro do terreiro?

Então, hoje, já como Tata confirmado né, já com anos de iniciação. Hoje, eu compreendo essas brincadeiras, hoje eu compreendo que a gente fazia aquilo enquanto brincadeira, enquanto diversão, porque a gente, enquanto criança, a gente fazia mas, a gente não tinha essa consciência de que: Ah, eu estou brincando de tocar!; Ah, eu estou brincando de cantar! Não, a gente ia reproduzindo e aquilo dava um prazer, era uma diversão, hoje enquanto Tata, eu sei que a gente deixava de brincar de outras coisas, para reproduzir as práticas dos adultos, então a gente compreende realmente que essas brincadeiras foram o início dos ensinamentos que a gente tem hoje né. Então, foi brincando que a gente teve condições de iniciar o nosso processo de aprendizado.

Hoje, eu compreendo que aquele processo, aquelas brincadeiras de criança que a gente praticava no terreiro, na verdade era início do processo de aprendizado da gente enquanto membro do terreiro, enquanto Tata. Hoje, todo conhecimento que eu tenho, na verdade ele começou a ser adquirido nas minhas brincadeiras de criança, nas minhas brincadeiras junto com outras crianças do terreiro, meus irmãos e, meus primos. Então, na verdade hoje eu compreendo que ali era o início desse aprendizado. **Foi brincando de tocar que eu aprendia tocar** né, a gente dentro do terreiro aprende pela vivência. Os ensinamentos são pela vivência, são pelos diálogos, pelas conversas, pela oralidade, são por você ver e reproduzir as práticas e, assim foi a gente enquanto criança. Então hoje eu sou Tata, hoje as zuelas que eu canto eu brincava de cantar na minha infância, então eu fui aprendendo a cantar brincando, né. Hoje eu sou um Tata Cambondo que toco, os ritmos que eu toco, eu aprendi a tocar brincando, tentando reproduzir o que os adultos faziam, então foi assim que eu aprendi, brincando de tocar, brincando de cantar, brincando de dançar, então essa prática na verdade essa brincadeira foi o início do processo de aprendizado, então hoje né, já adulto, já Tata, já com anos de iniciação eu compreendo, eu consigo compreender que o meu processo de aprendizado, ele não se iniciou no meu processo de iniciação dentro do terreiro, ele se inicia nas minhas brincadeiras de criança, de infância, ali eu fui aprendendo né, tudo que eu sei hoje na verdade o meu processo de aprendizado começa com as brincadeiras de criança, é assim que eu enxergo hoje as brincadeiras, por isso, nos dias de hoje as crianças que querem brincar, você não pode repreender deixa brincar porque é um processo de aprendizado que elas estão desenvolvendo e lá na frente elas vão ganhar os frutos.

E, hoje, adulto você revive esses momentos de infância no terreiro? Em quais momentos?

Sim. Hoje a gente revive essas brincadeiras de infância, não mais como brincadeiras mas, a gente revive já com a experiência de estar louvando o sagrado, de estar realmente executando aquelas práticas com a finalidade específica né. Hoje já não é mais uma brincadeira, hoje a

gente já passou por um processo de elevação espiritual dentro da religião do candomblé e, essa prática que era uma brincadeira, hoje a gente reproduz essas práticas mas, de uma forma muito mais respeitosa, por ser iniciado dentro da religião, hoje a gente reproduz com um ganho de seriedade muito mais do que quando era criança, que era apenas uma brincadeira, então hoje os ritmos que a gente toca, hoje já sei porque eu toco, pra que eu toco e pra quem eu toco, então hoje eu já tenho um conhecimento maior que já foi desenvolvido ao longo dos tempos, através da minha iniciação dentro do terreiro de candomblé mas, é uma reprodução daquela brincadeira que a gente fazia, hoje as zuelas que agente canta, da mesma forma, eu canto porque já sei pra quem eu vou cantar, porque eu estou cantando, pra que eu estou cantando mas, antes eu cantava como uma brincadeira, então estou reproduzindo na verdade aquela brincadeira de criança, só que agora com o teor sério, comum teor bastante religioso mesmo, então a gente reproduz essas práticas nas nossas cerimônias, no dia a dia das práticas do terreiro, a gente reproduz aquelas brincadeiras de criança e aí a gente começa a lembrar, vários momentos a gente lembra, é impossível não lembrar, quando a gente canta uma zuela, a gente naturalmente vem na cabeça a lembrança de como a gente cantava aquela zuela lá quando a gente era criança, então tinha zuelas que a gente cantava e por não saber pronunciar as palavras, a gente cantava de uma forma errada alguma palavra mas, era da brincadeira, a gente cantava. E, aí hoje a gente acha graça e até rir de como a gente cantava antes e depois como a gente aprendeu como é realmente a zuela. Então hoje a gente lembra, a gente rir, a gente se diverte como a gente cantava por brincadeira antes mas, hoje a gente reproduz essas práticas, essas vivências, a gente convive ainda com essas lembranças de infância das práticas que a gente fazia.

Qual zuela te faz lembrar a infância no terreiro?

São várias (risos), várias zuelas que eu posso cantar aqui que reproduz me remete aos tempos passados, são zuelas dos santos antigos dos meus antepassados, dos santos de minha avó, dos filhos de santo velhos da casa, Dona Júlia, Finada Matilde, que eram orixás e caboclos que tinham aqui, que ai a gente vai cantando, e naturalmente a gente relembra aquelas experiências antigas, e aí tem... Hoje mesmo a gente estava comentando, por que tivemos a festa essa semana aqui de Ogum, e tinha uma filha de santo da minha avó, que depois continuou com minha Mãe, hoje ela já está em outro plano de vida, que era Mameto Katuleman, que era chamada de Mãe Lurdão, a Mameto Katuleman tinha um Ogum, o Ogum dela era muito bonito e ela tinha um caboclo também, e o caboclo dela quando chegava, o caboclo, era bem bem característico mesmo, aquele caboclo mesmo e ali ele cantava umas zuelas assim. E, como eu sempre gostei de samba também né, ai quando era festa de caboclo eu me espalhava, eu gostava de vir, eu

brincava, tocava e o caboclo dela tinha uma zuela que dizia assim: “Mataram meu pé de lírio, lírio ê, lírio a, aonde eu me descansava lírio ê, lírio a” e, aí o samba comia no centro, e a gente ia tocando, e brincando, e cantando, e aí tem vários caboclos das antigas que tinha várias zuelas que a gente lembra né. Tem os boiadeiros antigos daqui da casa, que cantava muitas zuelas bonitas também, a gente vai tentando reproduzir pra não deixar se perder essas coisas dessas músicas, então a gente vai tentando reproduzir “ô li ô li ô li olá, sou um boiadeiro de catingomba, eu trago arco, eu trago flecha, trago raiz para curar”, e aí era muito bonito, todo mundo cantando essas coisas e a gente vai lembrando, vai lembrando e é muito bonito, depois quando eu lembrar de outras mais eu canto (risos).

Me diz o nome de um símbolo/objeto que ao olhar te lembra a infância dentro do terreiro.

Pilão. Pilão é um objeto que sempre marcou minha infância, porque era também uma brincadeira pra gente, porque os pilão do terreiro eram utilizados pra poder pilar as folhas que iriam fazer os banhos, então muitas das vezes as filhas de santo, as cotas, as macotas, por ser uma prática que exigia força, tinha que pilar e tal, aí o terreiro estava sempre muito cheio de criança e a gente se divertia em fazer aquilo, porque a gente via os adultos fazendo, a gente ficava doido pra pilar também, aí elas se aproveitavam pra descansar um pouco (risos), e dizia: vai pilar folhas! (risos) E, a gente ia na maior alegria né! Pra pilar as folhas, e aí a gente ia pilando as folhas, ia brincando um com o outro, eram vários pilão para ver quem pilava melhor ou quem pilava mais rápido e tal, então tudo isso era uma brincadeira pra gente, então se hoje for destacar um objeto assim de brincadeira de infância, seria o pilão, além claro né, dos atabaques, dos agogôs e tal que isso daí também é muito marcante mas, o outro objeto assim que podemos dizer esse aqui, é o pilão. A gente se divertia, se divertia em pilar folhas (empolgação, alegria e risos).

Quais seriam as 5 palavras que simbolizam a infância no Tombenci?

As palavras que a gente utilizava para poder pedir algumas coisas, tipo: alimentos, então um, água; a gente sempre pedia **amazi**. “ - Me dar um pouco de amazi”; o café, que sempre se utilizava muito o café aqui, sendo um terreiro de muita gente, de noite sempre tá o café, **matembe**, então isso aí a gente gravava, toda vez que a gente ia para a cozinha “ - Pega um matembe lá pra gente!”, ia lá e pegava o matembe. O **Calunga** que é o mar, então todavez que ia pro calunga a gente ficava doido para ir também, quando era para entregar os presentes nas águas, então quando dizia que a gente vai para o calunga, a gente ficava doido pra querer ir e nem sempre a gente ia, nem sempre podia mas, quando permitia né, a gente fazia a festa para ir

pro calunga, a gente fazia festa brincando. Então, são palavras docotidiano, é o **igundiá**, que é comer o alimento, “ – Vamos igundiá!” E isso para as crianças, era um momento mágico (risos), é o **atubandagirá** que é o pedir licença. Criança tem que aprender pedir licença, sempre desde criança quibandagira, quibandagira para passar no meio dos adultos. E aí a gente repete aquele outro assunto da preservação dos valores dentro do candomblé, entendeu?! Desde criança, que a gente aprendeu que onde tem adulto, a criança tem que se comportar, você não vai se meter em conversa de adulto, você tem adultoconversando, você não vai passar no meio de adulto, então tudo isso, a gente aprendeu de criança, a gente sempre foi ensinado, olhe quando tiver adulto conversando, e precisar passar quibandagira que é pedindo licença, então licença, quibandagira. São valores que o candomblé ainda preservar e que infelizmente, a sociedade está se perdendo, infelizmente,não generalizando, algumas famílias já não agem dessa forma, então isso é uma riqueza enorme que o candomblé traz, essa valorização desse respeito, dessa hierarquia e, isso a gente vem trazendo, são palavras que a gente ouvia lá na infância e ai a gente foi crescendo sabendo significado dessas palavras e reproduzindo que é o mais importante.

Então, seria a perpetuação desse respeito, dessa valorização, que estaria ai o sentido do brincar dentro do candomblé? (ALINE).

Sim, com certeza, é sem dúvida nenhuma a preservação de toda esses valores que sempre estive na sociedade e que a gente permanece com eles até hoje, então, esse brincar na verdade, era justamente isso, era justamente um processo de preservação de toda essa hierarquia, de todo esse respeito, de toda essa riqueza que o candomblé até hoje ainda permite ser real, permite que isso esteja presente, então foi através desse processo de brincadeira, foi brincando que a gente conseguiu preservar.

Existe diferença entre Erês, Nvunji e Ibejis?

Não. A diferença é única e exclusivamente a nomenclatura por nação, então a nação ketu, ela usa a nomenclatura de erê, a jeje eu acho que é Ibeji, a Jeje é ibeji e para nós do angola é nvunji. Então a diferença é somente a nação, cada nação dá o nome para aquela divindade criança, que são os erês, nvunjis e ibejis, então é só por nação, a única diferença é essa mas, é a mesma entidade.

É preciso que você relate isso, é preciso que você explique essa coisa que o único diferencial é por nação, assim como, os outros orixás. Assim como Ogum é no Ketu e para nós é Nkossi, então só a nomenclatura por nação do candomblé, se for de nação ketu, você vai ver chamar de um jeito, se for nação Jeje você vai ver chamar de outro e se for angola, você vai ver chamar de outro mas, é o mesmo nkisse, é o mesmo orixá.

Como a infância é entendida no terreiro? O que é ser e estar criança dentro do terreiro?

Tem alguns diferenciais nessa coisa para idade cronológica em relação ao candomblé. Uma criança que nasceu dentro de um terreiro, que construiu uma vivência dentro do terreiro, falando em idade cronológica, ela vai ter os mesmos é, as mesmas determinações de uma criança qualquer, ela vai chegar até tal idade criança, de tal idade a idade adolescente, de tal idade a certa idade adulto e de tal idade até idade idoso, né! Vamos chamar assim! Mas, aítem as particularidades do terreiro que já começa numa pequena particularidade nessa coisada idade cronológica falando em relação a “ser humano normal”, uma criança de um terreiro, ela vai ganhar uma experiência, uma vivência maior do que qualquer outra criança que não tenha esse convívio com o terreiro, então naturalmente ela vai, falando de idade cronológica, ela vai ter as mesmas atribuições de uma outra criança, passando de criança a pré-adolescente, só que vamos dizer assim, um adolescente de um terreiro não vai ter a mesma mentalidade de um adolescente “normal”, ela vai ter um ganho maior no que diz respeito a experiência devida pela vivência dentro do terreiro, pelas práticas do terreiro, pelos ensinamentos do terreiro, em idade cronológica ela vai ter a mesma idade, uma criança de 15 anos, um adolescente de 15 anos lá fora é um adolescente de 15 anos aqui, só que se você for conviver, for dialogar, for conversar, essa criança do terreiro ela vai ter uma mentalidade muito mais além da idade que ela tem do que uma outra crianças “normal”. Esse é um diferencial nessa questão de idade cronológica. E aí a gente já vai para um segundo ponto, que para o candomblé não interessa a idade cronológica que você tenha, ao ser iniciado, você passa a ter uma nova atribuição nessa idade cronológica, você quando você passa a ser iniciado, independente da idade que você tenha, você vai se tornar uma criança novamente, porque você vai, vamos dizer assim, você vai morrer pra vida cotidiana e vai renascer pro candomblé. Então você vai renascer pro candomblé bebê, porque é um processo de aprendizado, você vai se reinventar enquanto ser humano né, você passa por uma transformação espiritual, você passa por uma purificação espiritual, você passa por um processo de aprendizado, então você vai aprender a falar, você vai aprender a andar, você vai aprender as coisas, as práticas do terreiro. Isso te faz uma criança dentro do terreiro, então independente da idade que você tenha quando você se inicia dentro candomblé você passa a ser uma criança, você é bebê, você é criança e você vai crescendo a medida que for passando o tempo, e aí dentro dos preceitos do candomblé de 1 ano, 3 anos, 7 anos, 14 anos e 21 aí você vai alcançando a sua adolescência dentro do terreiro, o ser adulto dentro do terreiro, até você ser uma pessoa de maior idade dentro do terreiro que é um cronograma específico do terreiro né, que a contagem é diferente dessa contagem cronológica de um ser humano normal, voltado para as

práticas do terreiro, então é uma outra particularidade que o terreiro traz, é porque você renasce para a religião do candomblé, então você entra no candomblé você passa a ser uma criança e você vai reaprender, você vai aprender tudo que diz respeito aquela religião, que diz respeito ao candomblé é um outro diferencial. E aí o terceiro diferencial, é já voltado para questão do nkisse criança que é cultuado dentro do candomblé, que são os nvunjis pra gente que é do angola, são os erês no ketu, que é uma divindade criança, então qualquer idade que você tenha, se você for iniciada para ser rodante como a gente chama, se você for iniciada para receber, se você tem uma mediunidade pra incorporar os nkisses, você vai receber e vai incorporar esse nkisse criança, então independente da idade que você tenha, quando você incorpora, essa divindade criança, você vai voltar a ser criança novamente, você vai se comportar como uma criança, você vai desenvolver todas as práticas que a criança desenvolve, vai querer brincar, vai querer fazer as peripécias que as crianças fazem, você volta a ser criança né! Você não vai receber aquela entidade que é criança e você vai se comportar como um adulto, não! Você vai se comportar como criança. Não é você na verdade, é o nkisse utilizando o seu corpo pra poder se mostrar e fazer as práticas que eles estão acostumados a fazer, então quando você recebe essa entidade que é o erê, você vai se comportar como uma criança. Então são três pontos fundamentais que diferenciam essa questão cronológica de um ser humano comum, que não é do candomblé.

Você acha que vale a pena trazer um tópico mostrando essa diferença do ser e estar criança dentro do terreiro?

Sim sim. Eu acho que vale a pena, já que o projeto é voltado para a criança, para o adolescente, eu acho que esse entendimento precisa está bem explicadinho, toda essa questão desse diferencial, de você ser criança, de ser adolescente, ser adulto e tal. Então eu acho que um tópico precisa está bem específico, eu acho que vai enriquecer bastante o trabalho.

Terminamos com uma linda cantiga de nvunji marcante para o Mestre Nei (Tata Cajabereoman) e segundo ele para todos os membros do terreiro, em especial, os nvunjis que se divertem pulando e dançando no meio do barracão.

“nganga, nvunji katu maracá... nganga! Ê ê ê nganga, ê ê a nganga”

Gilmar (Tateto Zumbereamazi)

No dia 10 de setembro de 2021, a partir das 16 horas iniciamos a entrevista com o Tata Zumbereamazi, no Nzó Nkisi Ayalakaribô Tombenci Bisneto. A entrevista foi respondida manualmente por escolha do Tata Zumbereamazi (Gilmar). No início expliquei do que se tratava

a pesquisa, ele perguntou se precisaria filmar, respondi que não. Porém, gostaria de gravar para depois transcrever a entrevista. Passei as perguntas para ele fazer a leitura e, ao fazer isso prontamente ele lembrou saudoso de nossa avó (Mameto Bandanelunga/DonaRoxa) que cantava a zuela escolhida por ele para apresentar na entrevista.

“Lembrei de Vó, ela sentada numa cadeira de balanço com os olhos fechado e cantando: Mameto meruanha que nvunji á de avungê... Que Nvunjé á de avungê (BIS). E, eu ficava sentado ao lado dela me perguntando: Como pode ela dormir cantando?!” (RISOS)

Ele me perguntou posso responder por escrito?! E, eu disse: Como você se sentir a vontade. Neste momento, ele já estava com sua agenda e caneta em mãos. Descobrir seu gosto por agendas e canetas. Foi um momento muito lindo! Numa sexta-feira!

1- O que é ser e estar criança no terreiro?

Ser criança no terreiro, é se sentir infantil, perante aos mais velhos, na intenção de sempre aprender mais.

2- Erês, Nvunji e Ibejis são a mesma divindade?

Erês, Nvunji e Ibejis são as mesmas divindades sim, embora, com caminhos traçados de maneiras diferentes no mesmo objetivo.

3- De que modo se aprende no candomblé?

Frequentando, com a humildade de perguntar para esclarecer as dúvidas.

4- Como a infância é entendida no terreiro?

Como a parte inicial, levada a infância, as brincadeiras sadias e evolutivas.

5- Qual o sentido dos valores do brincar?

Brincar, é nada mais, nada menos do que expor a criança que existe dentro de cada um de nós,revitalizando nossa áurea.

6- Qual a zuela te faz lembrar a infância no terreiro?

Mameto meruanha que nvunji á de avungê... Que Nvunjé á de avungê (BIS).

7- Me diz o nome de um símbolo/objeto que ao olhar te lembra a infância dentro do terreiro.

Cipó caboclo. (representa disciplina infantil, na quitanda dos erês). (RISOS). “É o cipó caboclo sem dúvidas, na quitanda de minha Cota Vulaiô, vi todo mundo roubando, fui achar de pegar uma melancia, eu pequeno pegando uma melancia, recebi um cipoadá que a melancia caiu e o xixi desceu kkkk. Justo um erê de kaia/iemanjá”.

8- Quais seriam as 5 palavras que simbolizam a infância no Tombenci Neto.

Batukerê, kitanda, bolas e bonecas, nvunji, carro de mão (galinhota).

9- Como você entende as brincadeiras no terreiro? Ato de reverenciar as crianças, contaminando o ambiente com a energia positiva dos que nem sequer pensam em negatividades.

10- Como o Tata Zumbereamazi entende as brincadeiras no terreiro?

Brincadeiras no terreiro, é uma maneira alegre, descontraída e saudável, de lembrar nossa infância no terreiro e também na vida pessoal aguçando assim nosso instinto infantil que nem sempre adormece.

11- Hoje, adulto, você revive a infância no terreiro? Em quais momentos?

Sempre ao louvar, cantar, dançar e conviver com as entidades infantis, sendo agraciado com e pela energia contagiante dos Nvunjis Patumxi.

12- Quem foi o Gilmar criança no Terreiro Matamba?

Sempre solícito, respeitoso, as vezes traquino, porém obediente, compartilhando e participando em funções (as quais poderia participar) em arrumação, decoração, acompanhava romarias etc. etc.

Ele completou oralmente que chegou ao terreiro aos seis anos de idade, seu primeiro kibune mutuê (bori) foi feito por Mameto Bandanelunga (Dona Roxa) e, foi iniciado já adulto.

Foi uma tarde excelente, repleta de energia positiva. Ele se colocou à disposição caso precisa novamente e agradeceu a acolhida e o carinho.

G'leu Cambria (Mameto Bamborossicongo)

Esta entrevista foi realizada com Gleide Cambria, via whatsapp. O convite foi feito no dia 25 de agosto de 2021 às 18: 43. Gleide (Mameto Bomborossicongo), muito solícita, falou de sua alegria em participar, tendo em vista, que ela passaria por um procedimento cirúrgico, decidimos que eu mandaria as perguntas para ela e, assim, que ela pudesse me mandaria as respostas.

PERGUNTAS

6- O que é ser e estar criança no terreiro?

Hoje adulta eu percebo que quando criança eu tinha momentos, aprendia valores que outras amigas minhas não tinham, coisas que eu não via acontecer na casa das minhas amigas e que de certo modo eu achava que era diferente, que a minha família era diferente, por outro lado eu achava que a gente tinha algo muito especial e que jamais alguma outra amiga minha que não teve essa vivência de ser criança e viver a sua infância dentro de uma casa de candomblé um

terreiro teria. Elas jamais saberiam o cheiro de uma folha de bananeira esquentada no fogo para fazer uma açaçar, elas jamais saberiam como seria a saia que é engomada para as festas, entre tantas outras coisas que eu vi acontecer a minha volta quando criança.

7- Erês, nvunji e Ibejis são a mesma coisa?

sim, para mim é a mesma coisa o que diferencia é a forma de chamar, é a fala, é a linguística de cada lugar de cada nação, de cada casa, mas o espírito de criança ele permanece independente do nome que se é chamado.

8- De que modo se aprende no candomblcaSe aprende no candomblé?

Vivendo, vivendo o dia a dia, é estando junto com os mais velhos tendo atenção ao que os mais velhos dizem, atento, se aprende observando, ajudando nos afazeres de casa, nas coisas mais simples de cada fala, em cada orientação dos nossos mais velhos, tem sempre uma lição, tem sempre uma mensagem, o importante é estar sempre aberto, para entender que essa mensagem, que cada aprendizado ele também vem com o tempo, ele chega quando tem que ser não quando a gente quer, não é porque nós queremos respostas imediatas para as coisas, mas esse aprendizado ele vem com o tempo, é preciso varrer muito o chão da casa, até a gente entender o porquê que a gente precisa varrer aquele chão.

9- Como a infância é entendida no terreiro?

Infância tem que ser infância em qualquer lugar, no terreiro a infância a criança ela é vista como sagrado, como futuro, como presente futuro. eu quando criança eu brincava eu estudavae eu vivia como criança, me divertia, é achava esse universo do candomblé mágico. Eu nunca fui forçada a fazer ou participar ou me iniciar, a gente sempre teve uma infância dentro do terreiro muito livre para ser criança no momento de brincar no momento de estudar, nos momentos de ajudar, dos afazeres também, porque a gente forma um ser desde pequeno, esses valores é a essência da vida. eu digo que o aprendizado ele vem de casa, e hoje adulta, mãe, mulher eu sempre digo que trago comigo coisas é que eu aprendi na infância, a educação, o respeito pelos mais velhos o saber ouvir, saber falar, tudo isso faz parte do ditado que a minha avó sempre diz... saiba entrar e sair dos lugares. Criança é a luz da vida, dentro da raiz do candomblé a criança assim como os mais velhos, trazem a força e a sabedoria.

10- Qual o sentido dos valores do brincar?

A brincadeira, traz a pureza, a pureza, traz a vida e viver traz a alegria. Uma criança que não brinca, não é feliz!

11- Que zuela te faz lembrar a infância no terreiro?

Uma zuela e erês...”vunji Catu maracá, ô inganga, êêê ô inganga, êêê êêá (bis)”

Me faz lembrar as festas de quitanda para os Vunje! A correria, a brincadeira, a gritaria, as cirandas, o mercado, o riso, tudo isso, posso ver, se eu fechar os olhos, posso ver as crianças, os doces, as frutas e o cheiro de ALEGRIA.

12- Me diz o nome de um símbolo/objeto que ao olhar te lembra infância dentro do terreiro.

Eu me lembro do coká, do penacho e da lança da cabocla Jupira, de minha avó. Eu sempre vi muita força nestes elementos, uma energia muito forte me atrai até hoje, quando se canta e louva os caboclos, os verdadeiros finos dessa terra.

13- Quais seriam as 5 palavras que simbolizam a infância no Tombenci Neto?

A música, a dança, a história, o sagrado e a Ancestralidade.

14- Como você entende as brincadeiras no Terreiro?

A brincadeira no terreiro, é o aprender mais puro, é a troca de saberes, através da oralidade, da forma mais genuína ao se relacionar com o outro!

15- Quem foi a Gleide criança no Terreiro Matamba?

A menina que se encantava com o sagrado, com a magia da dança e do movimento desde pequena. Quando criança eu acompanhava as festas de longe e toda aquela magia das festas de candomblé já me fascinava. Hoje adulta, trago comigo todas essas lembranças para não esquecer de onde vem a minha paixão pela dança.

16- E como a Mameto entende as brincadeiras no Terreiro?

A brincadeira, é a melhor expressão da liberdade, o riso liberta a e abre os canais para atrair as boas energias. A brincadeira faz parte da comunidade de um terreiro!

17- Hoje, adulta, você revive a infância no Terreiro? Em quais momentos?

Quando estou no terreiro e após cada festa, nos reunimos no quintal para contar como foi, o que aconteceu e fazer aquela boa resenha, revivo minha infância ao recordar os meus mais velhos rindo, contando casos e comemorando o sucesso de cada festa, de cada obrigado, louvando os nossos N”inquês.

Marinho Rodrigues (Tata Luandenkossi)

No dia 28 de outubro às 16 horas, iniciamos nossa entrevista no escritório da Organização Gongombira. Comecei falando ao entrevistado Marinho Rodrigues do que se tratava a minha pesquisa. Em seguida, fiz a primeira pergunta.

1- O que é ser e estar criança no Terreiro?

Olha só, primeiro, deixa eu me apresentar. Meu nome é Marinho Rodrigues, eu sou Tata Combono aqui do Terreiro Matamba Tombenci Neto. Minha digina é Luandenkossi. A minha vida inteira foi dentro do terreiro, fui criado praticamente nasci dentro do terreiro, me criei e moro até hoje dentro do espaço do terreiro. E, a brincadeira nossa dentro do terreiro de candomblé, é uma brincadeira que eu diria que é brincadeira dentro do sagrado, dentro do religioso né! Porque assim, a gente brinca de tocar tambor, de tocar os tambores sagrados. A gente brinca de imitar as pessoas dançando, a gente brinca de imitar as pessoas falando né, os mais velhos do terreiro. Então, a gente vai vendo aquilo ali e vai reproduzindo o que a gente ver. Muitas vezes são as próprias manifestações, a gente brinca com aquilo, a gente se diverte com aquilo, muitas vezes também uma prática de um sacudimento ou alguma coisa nas brincadeiras nossa. O ser criança dentro de um terreiro de candomblé é isso, além das brincadeiras mais tradicionais, nós temos essas brincadeiras nossas que nós inventamos podemos dizer assim. A gente inventa o nosso jeito de brincar dentro desse espaço de terreiro, então, eu cresci nesse ambiente, de estar reproduzindo as coisas que a gente tá vendo ali e fazendo os nossos grupos de brincadeira, foi dessa forma que a gente foi crescendo aqui, que eu fui crescendo dentro do terreiro e, é uma brincadeira que você também aprende né! Quando você vai crescendo, você vai começando a entender e, de certa forma você vai se educando, Com essa brincadeira você vai aprendendo a respeitar, você vai aprendendo a valorizar aquilo que você brincava inocentemente, sem saber realmente a importância que aquilo tinha para as pessoas mas, depois que você vai crescendo, vai tendo compreensão e você vai valorizando né. É um momento muito gostoso, eu diria assim, que foi um dos momentos mais marcante da minha vida, essa infância dentro do terreiro de candomblé, é aquela coisa de você tá, era uma coisa muito sadia, você está brincando mas, ao mesmo tempo, você está se educando. Por exemplo, quando tinha é, antes de uma festa grande no terreiro, os atabaques estavam cobertos não podiam tocar, só quando começasse as obrigações, a gente ia lá escondido, tirava o alá de cima dos atabaques, começava a bater nos atabaques, aí meu avô vinha correndo atrás da gente para pegar para bater. – Não pode bater! (Risos) E a gente saia correndo, então aquilo ali era uma diversão mas, também era uma questão educativa, porque, ele estava dizendo que não podia bater, não era a

hora e tudo. Mas, a gente estava se divertindo com aquilo então ia passando o tempo, a gente ia aprendendo. Muitas vezes, enfim, remedando alguém dançando ou manifestando, aí chega um mais velhoe fala: - Não faz isso menino, não faz isso! Enfim, tudo isso. (Risos).

2- Erês, Nvunji e Ibejis são a mesma divindade?

Eu acredito que eles sejam as mesmas energias, os Nvunji, os Erês, os Ibejis, acho que eles são as mesmas energias com nomes diferentes, muitas vezes tem algumas particularidades mas, acredito que eles tenham a mesma energia. É uma discussão muito interessante, porque assim, hoje, se faz uma discussão muito profunda em relação aos Nkisses, os orixás, os vodunces entendeu?! É essas diferenças e tudo, outro dia eu vi mãe respondendo um questionamento desse e, ela dizia assim: “ Eu não vejo diferença entre o orixá, o nkisse, o caboclo, são energias boas, do bem”, enfim, cada um com suas particularidades, cada um dentro da sua nação, cada um com seu culto mas, todos são importantes, então Nvunji é da nação angola falando que é a criança, o santo criança né! Aí você tem o Ibeji, o erê são santos crianças também que enfim, não vejo diferença tão absurdas não.

3- De que modo se aprende no candomblé?

Esse movimento do brincar e isso vai mudando também conforme o tempo vai passando, por exemplo, a minha geração, eu acho que foi muito mais privilegiada do que essa geração de agora, nesse brincar dentro do terreiro. Por que? Porque a vida no terreiro na minha geração era uma vida mais presente, mais atuante. O terreiro era muito mais movimentado na parte religiosa, porque as pessoas que se iniciavam passavam muito tempo dentro do terreiro, até um ano mais de um ano dentro do terreiro então a gente tinha uma gama de elementos que alimentavam essa nossa brincadeira. A gente era criado dentro da camarinha, dentro desses barcos que eram recolhidos. Essas pessoas praticamente ajudavam a criar a gente. Então, a gente aprendia ali a rezar porque a estávamos dentro da camarinha com eles ali ajudando fazer uma coisa ou outra, aprendia a rezar junto com eles, aprendia a tocar junto com um, aprendia a fazer brincando também, apanhando também (risos). Quando fazia coisa errada, digamos assim, a forma de disciplinar, a gente apanhava de palmatória, de bainha de facão enfim, cipó caboclo que era o cipó caboclo que tinha dentro do terreiro, apanhávamos muitos porque, a gente era muito traquino. Tinha muitas árvores aqui, a gente era subindo em pé de árvore, tomar carreira, desce do pé de árvore, hoje em dia não, os terreiros estão cada vez mais urbanizados, cada vez mais dinâmico nessa coisa de movimento, esse movimento acelerou muito, as pessoas ficam muito pouco tempo dentro dos terreiros. Elas têm seus outros compromissos, vem faz obrigação e vai embora, essa coisa toda, então, as crianças que nascem dentro do terreiro

não tem mais essa mesma oportunidade mas, mesmo assim, ela ainda consegue, em alguns terreiros ela ainda consegue oportunizar essas crianças viver neste ambiente que eu vivi.

4- Como você entende essa infância no terreiro?

Essa infância dentro do terreiro pra mim, é no início quando eu comecei a entender né, o que era essa infância dentro do terreiro, eu achava aquilo ali uma coisa muito fantástica, eu achava assim, não sei as outras crianças de minha época mas, eu quando comecei a entender isso, eu achava aquilo o máximo. Para mim, aquilo era tudo que eu queria. Eu brinco muito com meus amigos hoje, que eles falam assim: - caramba você não sabe montar bicicleta?!, - caramba, você não sabe nadar?! Rapaz toda criança sabia. Eu respondia: -Rapaz, eu vivi dentro do terreiro, então eu não queria saber de montar bicicleta, não queria saber de sair para nadar, eu queria saber de estar dentro do terreiro, brincando, tocando tambor, imitando os outros dançar, os outros dando santo, subindo em pé de árvores, Pra mim aquilo ali era fantástico, então cada vez que eu ia compreendendo isso mais eu ia afirmando esse meu lugar, aquilo ali era o que importava para mim. Eu lembro que, isso na década de 70, em 75 quando Mãe assumiu o terreiro, eu era criança, tinha uns 8 a 9 anos, então assim, eu estava na arquibancada já lá para madrugada, dormindo na arquibancada e, de repente, é o momento que Mãe vai receber o sacafunã, o momento que vai sair o barco, com os santos todos vestidos aquela coisa toda, então eu estou ali dormindo, e aí de repente, eu acordo com o barulho dos fogos, a zuada dos fogos, aquela zuada toda no barracão, quando eu abro os olhos que eu olho assim. Antigamente eram duas arquibancadas de madeira, uma só de homens e outra só para mulheres, eu estava do lado onde hoje fica os atabaques e, aí quando sai da camarinha, aqueles santos tudo vestido que olho de cima da arquibancada a primeira imagem que vi foio catendê de minha Tia Luanda e, aquilo ali para mim foi assim, eu fiquei encantado com aquele catendê, porque assim, era algo muito bonito e muito diferente. Era o catendê, ele estava com a roupa toda de flecha de cana, uma coisa muito bonita, muito diferente, então aquilo pra mim foi encantado, era tudo, eu não precisava de nada. Os brinquedos da gente também, meu pai era artesão, ele confeccionava muitos brinquedos, a gente aprendeu também fazer brinquedos, carrinho de mão, enfim vários tipos de brinquedos. Então, essa compreensão de ser criança dentro do terreiro, é isso, você viver dentro de um espaço sagrado, religioso mas, também um espaço social, um espaço cultural, um espaço político que você vai crescendo, tendo esse modelo de educação que eu até hoje trago comigo. Eu falopara todo mundo entendeu, se hoje eu sou o que eu sou, agradeço a educação que tive dentro do terreiro desde criança que você vai aprendendo brincando, você não tem um professor ali na sua frente dizendo: faça isso, faça aquilo. Não! Você vai aprendendo desse jeito, vivenciando, na tora ali mesmo (risos) e você vai aprendendo o que é o certo e o que é errado, o que posso, o que eu não

posso. Hoje eu sou o que eu sou porque, eu aprendi tudo isso. No terreiro você aprende economia, esses dias estava falando e, o pessoal fala: - Poxa, como o Gongombira consegue fazer as coisas sem dinheiro? Eu aprendi no terreiro, como é que você organiza uma casa de terreiro mantendo, se você não tem um dinheiro ali todo mês? É economia criativa, participativa e tudo isso, é questão da educação, é questão de saúde e tudo isso você aprende no terreiro, então a infância contribui para isso.

5- Qual zuela te faz lembrar a infância no terreiro?

Ih! (Risos), São muitas, mas, eu vou dizer duas ou três que realmente me marcaram, me marcaram no terreiro. Uma dessas zuelas, ficou tão no meu inconsciente que anos depois, ela me inspirou para que eu compusesse uma música para o festival de música do Dilazenze. E, desse ano eu acho que ganhei o festival, porque assim, quando a minha Mãe foi fazer as obrigações do sacafunã dela, veio Dona Massú com a equipe dela toda, e aí eu lembro que teve uma obrigação no assentamento do Senhor Tempo, que na época ficava do outro lado do terreiro né, tinha uma área vasta lá e tudo, o assentamento de tempo era grande, tinha duas árvores gigantes: um Iroko e um pé de aroeira e, a gente ia para lá brincar. E, eu lembro que era mais ou menos um horário de meio dia mais ou menos e, ai estava tendo as obrigações lá estudo, deu o intervalo. A gente ali brincando e prestando atenção em tudo que estava acontecendo e, aí chegou uma hora que Dona Massú, ela começou a zuelar/cantar e, como ela já estava muito idosa, ela cantava pausadamente. Ela cantava assim: Que hora é essa? Aí ela deu uma pausa e antes que cantasse a outra parte, os Tatas que estavam tudo em volta mais velho, Seu Massá que era padrinho de santo de Mãe, Vovô, Titio Oti, aquela coisa de todo mundo respeita ela e, todos falando é tal hora minha Mãe. Aí ela parou e deu aquela bronca: Eu estou perguntando a hora a alguém de vocês aqui? Eu não perguntei hora. Eu estou cantando pro tempo, vocês prestem atenção, deu aquela bronca em todo mundo. E, eu vim naquela coisa toda, parei e prestei atenção. “Que hora é essa, que hora é essa que eu já vou pra casa..., enfim, é mais ou menos assim a zuela, eu não estou lembrando direito agora mas, aí anos se passaram eu recebo a apostila do Dilazenze, começo a compor a música e, daqui a pouco vem a melodia dessa zuela em minha cabeça aí eu fiz a música. “Minha beleza, minha beleza negra, minha beleza odara negra, minha beleza odara negra, que vem de África, de mamãe África...” aí eu compus essa música, em cima da melodia dessa zuela, isso assim, acontece muito comigo, dessa coisa que eu sempre gostei muito de música. E, aí também se passa anos, passa anos, passa anos, veio outro festival de música do Dilazenze, aconteceu a mesma coisa, é aí o tema do Dilazenze era alguma coisa dos caboclos, eu não lembro direito e aí, eu também me remeti a minha infância e veio o pedaço de uma melodia de uma música que era cantada por um caboclo de Maria Indenburê, a finada Maria

Indenburê e, eu amava o caboclo dela. Quando esse caboclo chegava no terreiro, eu largava a brincadeira onde estivesse para correr e ver ele dançar e cantar, essa melodia também ficou em minha cabeça. Quando ele chegava cantava bonito mesmo, animava o candomblé de caboclo e tudo, daí eu compus a música “Bom dia, boa noite meus senhores, dai-me licença para um cavaleiro, eu venho de altas matas..., aí eu coloquei sou Dilazenze, sou brasileiro”.

Pergunto: Ele cantava esse início?

Marinho – Exato. Eu coloquei: “- eu venho do Matamba Tombenci, minhas raízes, meus ancestrais Yatidu, Tata Gombé, Bandanelunga...” Enfim, aí eu ganhei o festival de música. Um dia estou no terreiro, aí Bia chegou e falou assim: - O caboclo de mainha está aí, tá te procurando. Eu pensei: - Caramba, deu problema! Eu já sabia o que era. Ele (caboclo) veio falou comigo: - E aí Seu Marinho, como você tá? Você tá bem? Tá feliz né?! Eu respondi: - Estou feliz sim! Ele falou assim: - Gostei, tá fazendo sucesso!

Marinho: Falando do jeito dele né?! Eu disse mais ou menos.

Ele (caboclo) respondeu: - como é que você canta minha música, você me pediu? Pediu permissão pra você cantar?

Marinho: Eu falei, não me perdoe mas, foi a lembrança que veio da infância (risos). Então ele respondeu: Está perdoado! Eu gostei! (Risos). E a outra era uma salva de Nanã, que eu lembro na época de minha Mãe, nas festas de Nanã, Mãe sempre cantava essa salva. “Ô viva ao rosário, ô viva ao rosário, da virgem Maria Aruêe, aruêe...” Então, aquilo ali, eu lembro que era uma emoção, porque assim, todo mundo que cantava e chorava né, porque lembrava de Vovó, aquela coisa toda, da santa dela aquilo também me marcou, então essas três foram as mais me lembra.

6- Me diz o nome de um símbolo/objeto que ao olhar te lembra infância dentro do terreiro.

Olha só, o atabaque é uma das coisas assim, porque estava muito presente em nossas brincadeiras, o atabaque então, é não só o atabaque sagrado mas, o atabaque que a gente construía para imitar aquele atabaque que a gente ainda não podia tocar (risos). Então, a gente construía o nosso atabaque, a partir daquela imagem que a gente tinha. Logo, é uma das coisas que marcou, o tambor marcou.

7- Quais seriam as 5 palavras que simbolizam a infância no Tombenci Neto?

Vixe 5?! (risos) Deixa eu ver aqui. Oh, uma é a **alegria**. Porque a minha infância, com todos os percalços, enfim, determinado momento da vida da gente ser criado só pela nossa mãe sem pai, entendeu?! Mas, a gente tinha um avô que era um pai exemplar. Mas, assim, a alegria fazia parte da vida da gente, do nosso jeito a gente era muito alegre é, uma outra palavra é

humildade, porque a gente valorizava tudo, tudo que a gente tinha podia ser a coisa mais simples, a gente valorizava muito. O **respeito** também, era muito importante, a gente tinha respeito por todos, independentemente de ser parente ou não mas, assim, as pessoas da rua, as pessoas mais velhas, aí eu lembro que era Seu Arlindo, Dona Lelé, Dona Flor, Dona Dagui, tinha uma série de pessoas que a gente respeitava, então tinha determinadas datas festivas que a gente percorria a casa dessas pessoas para tomar benção, enfim, tinha todo um respeito. O respeito era algo marcante em nossas vidas aqui. Uma outra coisa também, que eu posso dizer é **trabalho**, porque desde criança a gente aprendeu a trabalhar, ou seja, aprendeu a se virar sozinho por isso, que hoje eu consigo me virar porque tive uma base na infância que me permitiu e, talvez isso ajudou muito por meu pai não está muito presente e a gente ter que está ali para ajudar minha Mãe, então era lavar um prato, varrer uma casa, arrancar uma fruta no quintal para vender na feira então, o trabalho fez parte. E, uma quinta, eu acho que é o **sagrado**. O sagrado para minha vida é tudo mas, o sagrado no geral mesmo assim, eu falopara as pessoas que muitas vezes, você não precisa demonstrar isso de uma forma visual mas, eu tenho isso muito comigo, muito interno. As pessoas muitas vezes me cobram muito uma coisa, uma prova disso visual e, eu tenho essa dificuldade de vestir, enfim, isso tudo está muito dentro de mim, isso ai também é uma coisa que eu aprendi na infância com os meus mais velhos. Eles eram assim e, eles eram os meus heróis, eles eram as minhas referências então eu cresci com isso entendeu?! Hoje, eu acho muito bacana quando eu vejo a juventude, que é uma forma de afirmação religiosa também mas, assim, eu essa questão do sagrado, eu tenho uma outra relação de amor, de carinho, de devoção e tudo e, que não me faz ser maior e nem menor que ninguém, o sagrado faz parte de minha vida, é a minha base.

8- Hoje, adulto, você revive a infância no Terreiro? Em quais momentos?

Hoje nas minhas ações aqui dentro do terreiro, eu me baseio muito na minha infância, no que eu vivi. Então eu tenho isso como base do que eu posso está proporcionando para essas novas gerações que estão surgindo dentro do terreiro, de forma diferente em outros momentos, com outras tecnologias mas, pegando como base o que eu vivi, então quando a gente propôs desenvolver alguns projetos dentro do terreiro, foi exatamente com esse objetivo. Tipo assim, eu quero que essas crianças, esses jovens tenham um pouco do que a gente viveu na minha geração, de conhecimento já que eles não têm essas mesmas oportunidades que tivemos, as coisas mudaram. Eu tento fazer isso, quando por exemplo, e aí eu sou um pouco chato nisso, porque muitas vezes eu quero muito isso e, as coisas não são mais assim, preciso entender que as coisas não são mais assim. Mas, assim é porque foi tão bom que eu queria que todos pudessem viver um pouco isso. Esses dias eu estava falando com Mãe: - Mãe tem que voltar aquela obrigação

que tinha das capangas. Que era divertido! A gente ia tudo para a roça do terreiro, pra roça mesmo plantar. Primeiro a gente ia ajudar Seu Tibúcio, isso foi na minha época, porque na época dos meninos mais velhos tinham outros que cuidaram aqui da roça. Então assim, ia limpar a roça, capinar para preparar para o plantio que era a obrigação da capanga, ou seja, as mulheres confeccionavam as capangas de chitão, dentro daquelas capangas ia várias sementes de milho, feijão, arroz e por ai vai, então se plantava. O pessoal do terreiro ia cortava para exu, tinha toda uma obrigação e plantava, ia cantando e plantando, cuidava. Aí quando chegava no São João, ia colher milho, batata doce, porque era o que ia fazer a festa do São João e fazer a obrigação do gongá, fazer a mesa de Xangô com o milho. Com a canjica e também, alimentar a comunidade. Isso tudo era divertido e, para a gente era uma brincadeira massa. Eu fico querendo reviver isso, as pessoas precisam viver isso, saber o que como era isso. Essas coisas assim, marcaram muito. Depois, subíamos todos, e chegávamos no quarto, aquele quarto que hoje é dos Ogans, era o quarto de Seu André Caitumbá, o caboclo de minha avó, aí chegava ali e pendurava todas as capangas com os restos de sementes e, só no ano seguinte retirava e, fazia todo processo de novo.

9- E como o Tata entende as brincadeiras no terreiro?

Como Tata é, hoje eu tenho a compreensão do que é as crianças dentro de um terreiro, então eu consigo entender a importância dessas crianças no terreiro, a importância dessas brincadeiras das crianças, dessa irresponsabilidade das crianças e tudo. Assim, hoje, eu já consigo entender o quanto é importante e, por isso, eu cobro de que tenha essas coisas para que essas crianças vivam. Então assim, vou te contar uma coisa, uma particularidade bem rapidinho. Tem uma época que o terreiro aqui, ficou sem ter atividade religiosas, por conta do barracão que estava reformando e tal, e, boa parte dos meninos ali a geração de Pamela, Iago, Jhon e os meninos ficaram um pouco meio que perdidos dentro do terreiro, não conhecia o que era o espaço do terreiro, qual era o espaço onde eles estavam vivendo, aquela coisa toda, aquilo ali começou a me deixar preocupado, porque, assim, eles começaram a ir para igreja evangélica, participar de cultos e tal, não querendo mais saber das coisas do terreiro. Eu disse assim, poxa não é possível! Eles moram dentro do terreiro, vivem dentro do terreiro, eles precisam se apropriar disso e, aí foi onde a gente criou o Projeto Mãe Hilsa Mukalê, o projeto piloto Mãe Hilsa Mukalê, surgiu justamente nesse momento, porque eu estava ficando com aquilo grilado. E, o que a gente fez? Pegávamos eles dia de sábado, reunia aqui dentro do barracão com Mãe com alguns mais velhos e, Mãe começava contar histórias, eles começaram a escrever sobre a história do terreiro, saber quem foi Dona Roxa, quem foi Dona Massu, quem foi Euzébio Gombé enfim, eles começaram a conhecer a própria história deles, conhecer os

espaços. Eu lembro que a gente saía aqui e mostrava, vocês sabem o que é isso aqui? Aqui é a casa de Exu e explicava. Aqui é o assentamento de tempo. Então eles, começaram a despertar para uma coisa que estava ali próximo deles, entendeu! Então, hoje, eu valorizo muito porque são essas crianças que vão dar prosseguimento lá na frente, é quem vão dar prosseguimento a história do Terreiro Matamba Tombenci Neto e a história da família mesmo, então é muito importante, eu valorizo muito essa participação das crianças. Eu sempre brinco e digo assim: - Vocês agora têm o auxílio da tecnologia né?! E essa tecnologia é meio traiçoeira, então precisamos tomar cuidado, porque muitas vezes ela é muito rápida, aí você termina se embolando todo então tem que ir com calma que candomblé é hierarquia, muitas vezes se você adquirir um conhecimento a mais fique para você, você não pode fazer com aquele conhecimento que você adquiriu por conta dessa evolução tecnológica que você vá querer passar na frente e dizer que você sabe mais que o mais velho. Eu faço isso, eu posso ter um conhecimento maior mas, jamais eu vou dizer que um mais velho meu está errado, que não me diga que eu tenho que fazer isso, porque eu sei. Não, eu vou esperar meu tempo de fazer então essa coisa é importante mas, isso você só vivendo mesmo e oportunizando também essas crianças. Hoje eu vejo que é muito importante, um terreiro de candomblé sem criança, eu não acredito que consiga ter vida longa.

10- Quem foi o Marinho criança no Terreiro Matamba?

Eu, a minha geração foi privilegiada, a minha turma era eu, Lene, meu primo Chico Pomba, Peu, Bal, Toinho, Vane, Gilson, enfim, era uma molecada ali. Acordava cinco horas da manhã ia para a roça arrancar jaca, quando tinha obrigação aqui, era muitos bichos que tinha, vinham muitas cabras então assim, a gente combinava de quem ia acordar mais cedo para poder ir tirar o leite da cabra para a gente comer com farinha de manhã cedo, arrancar jaca mole para comer com farinha então, essa era a diversão da gente, sabe! Final de tarde brincar dentro do terreiro, fazer as brincadeiras, os candomblés nosso, os homens chegavam lá tocava, pegava as latas, balde e tudo e tocava, as meninas dançavam, ficavam dançando dando santo, imitando quem dava santo, era essa a brincadeira (risos). A gente foi muito feliz, depois foi crescendo. Eu lembro que a gente ia para a escola quando tinha festa no terreiro, que tinha yawó recolhido, a gente ia para a escola mas, ficava doido para voltar pra casa, para poder vivenciar o que estava acontecendo aqui. Vou te ser sincero assim, a gente tinha mais prazer de estar dentro do terreiro do que está na escola, ficava lá e o pensamento ficava cá, porque a gente queria está no terreiro (risos). Eu penso que esse modelo eurocêntrico de educação, cada dia mais está provado que ele está ultrapassado, que ele não consegue mais segurar, principalmente, os jovens dentro da escola. É preciso mudar esse formato!

Leonardo Lopes (Tata Kassulembá)

A entrevista com Léo (Kassulembá), foi realizada por meio da plataforma digital WhatsApp no dia 03 de novembro, através de áudios. Ele, como sempre, muito prestativo demonstrou vivacidade ao falar do Terreiro Matamba Tombenci Neto.

□□ O que é ser e estar criança no terreiro?

Ser e estar criança dentro de um terreiro de candomblé, para mim, é nada mais, nada menos que a melhor fase de aprendizado. Como criança dentro do terreiro de candomblé a gente consegue aprender desde cedo o respeito aos nossos mais velhos, o verdadeiro e real significado da palavra família. Porque dentro de um terreiro de candomblé, todo mundo é tio, é tia, é avó, é avô, é mãe, é pai. Cada um consegue nos passar um pouco da sua própria vivência de anos e anos dentro do candomblé. É a brincadeira inocente, é a vontade de aprender o que é o sagrado, é a verdadeira e pura infância.

□□ Erês, nvunjis e Ibejis são a mesma divindade?

Os erês são a nossa infância guardada no fundo da nossa alma, do nosso coração, das nossas lembranças de infância. É se dado como transe antes ou após a manifestação do nkisse, do orixá é chamado de erê. Para alguns uma entidade, para outros divindade e para outros, como eu disse, para mim nada mais, nada menos que a nossa infância, o nosso espírito que está adormecido dentro de cada um de nós que é aflorado no momento de pertinência para que se faça presente. Nvunji, divindade bantu congo angola, ligado ao culto de quisanga, assemelhado a Ibeji, divindade Yorubá ou nagô, duas divindades a semelhança de gêmeos, a semelhança infantil. Divindades de iniciação, divindades que adoram o colorido, brincadeiras, doces, o famoso caruru e, com isso, ficou muito conhecido popularmente, erê mas, vale ressaltar que nvunji e ibeji são duas divindades que podem ser iniciadas na cabeça de uma pessoa adepta a religião de matriz africana.

□□ De que modo se aprende no candomblé?

O aprendizado dentro do terreiro de candomblé, ele é tido e mantido pela oralidade, passado pelos nossos mais velhos, pelos nossos ancestrais que aqui deixaram todo um vasto conhecimento sobre a nossa religiosidade. Dentro do terreiro de candomblé, a observação, o olhar, o estar presente é muito importante, sabendo que a humildade é muito mais importante ainda, porque, nós devemos sempre nos lembrar de que para que nós possamos aprender hoje, alguém foi ensinado a um bom tempo atrás. E, nós somos uma religiosidade, a qual a oralidade, o passar de pai para filho é muito importante.

□□ Como a infância é entendida no terreiro?

A infância dentro de um candomblé é entendida da melhor forma possível. A infância dentro do terreiro de candomblé, ela é importante e fundamental para a continuação da nossa ancestralidade e da nossa religiosidade. Nós temos a convicção de que a infância, a criança é o começo de tudo, sem a infância, sem as nossas crianças dentro do terreiro de candomblé fica muito mais difícil de se imaginar o candomblé daqui uns anos. O candomblé é uma religiosidade, principalmente, familiar, o que é deixado do pai para o filho e o filho amanhã, vai ensinar o que o avô deixou para o pai um dia então, a infância dentro do terreiro de candomblé, ela é entendida como início, como princípio tudo.

□□ Qual o sentido dos valores do brincar?

Eu acho que a religiosidade de matriz africana é uma religiosidade muito hierárquica, porém, a responsabilidade acaba se tornando muito mais fácil de se compreender exatamente pela brincadeira. A criança dentro de um terreiro de candomblé ela aprende a brincar de colher folhas, com isso, ela está aprendendo para que serve aquelas folhas sagradas que muitas vezes, não são utilizadas no próprio ritual de dentro daquele terreiro. A criança vai brincar com os cânticos, com os toques rítmicos dos atabaques que vai ser de um grande valor para que amanhã, uma dessas crianças possam ser até mesmo, grandes ogans/tatas dentro do seu próprio terreiro, ao qual, um dia ele foi criança e brincou com aqueles toques para que se aprenda. Então, é de grande valor a brincadeira dentro de uma casa de candomblé, é de um enorme valor, ressaltando que, a criança de candomblé, criança de terreiro, ela não só brinca com as coisas voltadas para a religiosidade, ela também brinca de carrinho, ela também brinca de subir em pé de árvore, de empinar pipa, pião, jogar, gude e, tudo isso, são brincadeiras muito ligadas as crianças de quilombos, de terreiro de candomblé, de comunidades que muitas das vezes são esquecidas pela própria sociedade.

□□ Qual zuela te faz lembrar infância no terreiro?

Essa zuela me traz muitas lembranças, pelo fato de ser uma zuela cantada pela cabocla de minha avó e, por ser uma cantiga que depois virou uma música tema de carnaval do Bloco Afro Dilazenze. A cantiga cantada no ritual diz assim: “Ê o congo bate na aldeia, em guarani, África e angola, ê bate o coro zuela combondo, iá Jupira com Deus chegou agora (bis). Cantiga da cabocla da minha nêgua de nkisse, da minha bisavó, cabocla Jupira.

□□ Me diz o nome de um símbolo/objeto que ao olhar te lembra infância dentro do terreiro.

Entre tantas coisas, tantos objetos, indumentárias, vestimentas que sempre chamaram muito minha atenção, uma em especial, que é o quiando da minha nêngua de nkisse, o trono da minha zeladora, o trono de minha mãe Matamba.

□□ Quais seriam as 5 palavras que simbolizam a infância no Tombenci Neto?

Cinco palavras que simbolizam a infância no terreiro Matamba Tombenci Neto, a primeira, eudigo **amor**, porque dentro dessa casa de candomblé, a criança sempre foi muito bem-vinda, muito bem amada por todos, a **fé**, o **zelar**, **nvunji** e o próprio **brincar**, essas cinco palavras simbolizam a infância dentro do Matamba Tombenci Neto hoje.

□□ Como você entende as brincadeiras no Terreiro?

Eu vejo as brincadeiras dentro do terreiro de candomblé, visando a minha própria infância. Infância, a qual, tudo do candomblé, do terreiro me deslumbrava. As brincadeiras dentro do terreiro de candomblé, eu vejo como um afastamento para que as próprias crianças não se desvirtuem da sua ancestralidade, não se desvirtuem do seu laço familiar e religioso. Eu entendo, essas brincadeiras como amor, como cuidado, como já falei acima, a brincadeira dentro do candomblé, ela é primordial, porque eu acredito que tudo quando há leveza, quando há inocência e a pureza infantil da criança e do próprio brincar adulto também, porque adultos também brinca não há como haver espaço para tristeza, decepções, mágoas, para qualquer tipo de sentimento que venha nos fazer mal. A brincadeira dentro do terreiro é a própria essência da divindade com o nome de nvunji, é a própria essência do erê, ibeji, é a pureza.

□□□ Quem foi o Leonardo criança no Terreiro Matamba?

Eu, criança no terreiro de candomblé, fui aquela criança deslumbrada por uma religiosidade, por uma cultura que sempre me chamou atenção, fui uma criança de brincar de candomblé, fui criança como tantas outras que assistia o candomblé no sábado à noite e, no domingo pelo final ou início da tarde estava ali querendo um outro candomblé com outras crianças, para tentar fazer igual o que nós vimos na noite anterior. Eu fui uma criança de pegar minuciosamente pedaços de tecidos, vestir/fazer bonecos com as indumentárias dos nkisses, fui criança de querer aprender enfiar fios de contas, de subir em pés de árvores, a criança que enquanto aquela mais velha estava na beira do fogão mexendo um caldeirão de vatapá, de quiabo. Daquela tia dizer assim:

- Fulano vá ali, me pegue ali um copo com água!

Eu, fui a criança criado dentro do terreiro de candomblé, apaixonado por tudo que era visível, que era nos permitido ver, enxergar e, até mesmo pelo que nós não poderíamos ver mas, sentíamos, pelo que eu sentia. E, para mim, não poderia existir infância melhor.

□□□ E como, o Tata entende as brincadeiras no terreiro?

Hoje como Tata de nkisse, já iniciado, já adulto, eu consigo entender que é muito importante as brincadeiras, a infância, o crescer dentro do terreiro de candomblé. As crianças dentro do terreiro de candomblé é a continuação de tudo isso, sem a criança dentro do terreiro de candomblé eu não consigo imaginar a nossa religiosidade, os nossos costumes, as nossas peculiaridades, sem a brincadeira, sem a criança dentro do terreiro de candomblé, é muito mais do que importante para que se mantenha viva todas as brincadeiras deixadas pelos nossos ancestrais, para a gente povos de terreiro.

□□□ Hoje, adulto, você revive a infância no terreiro? Em quais momentos?

E, hoje já adulto, vivo sim a infância dentro do terreiro, porque vivo em uma comunidade, em um terreiro centenário, ao qual sempre tem uma criança crescendo. A família carnal e a família de santo é muito grande, então sempre tem uma irmã de santo, uma nova mona nkisse, uma nova filha da casa, uma prima, uma tia que está esperando o momento de dar à luz a uma mais nova e tão esperada criança para que nós não possamos esquecer e deixar morrer as nossas brincadeiras e ensinamentos deixados pelos nossos ancestrais dentro de uma casa de candomblé, vale ressaltar, que a infância dentro do candomblé não conta somente na idade cronológica. Nós vivenciamos a infância também, quando nos iniciamos dentro do culto religioso, os novos mona nkisse, as novas pessoas recém iniciadas, até concluirmos o nosso ciclo iniciático de sete anos, nós somos tratados com muito amor, com muito carinho, com muita dedicação pelos nossos mais velhos e, somos tratados como criança. Criança por que? Porque, até a gente alcançar sete anos de iniciado, ao qual é tão pouco, nós sabemos que idade dentro do candomblé é posto e, se a idade é posto, nós temos a plena convicção de que os nossos mais velhos, aquelas senhoras que tem seus setenta, oitenta e cinco anos de idade, com cinquenta de iniciada, aqueles grandes senhores, têm muitas coisas a nos ensinar. E, seremos sempre filhos, pequeninhos para poder aprender o mundo infinito de ensinamentos, então, assim vamos viver sempre dentro do candomblé a infância, a pouca idade para que um dia possamos ser grandes e conhecedores do conhecimento de nossa religiosidade.

Anexo

RELATÓRIO DA PLATAFORMA BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
SUL DA BAHIA - UFSB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Saberes e Fazeres brincantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto

Pesquisador: ALINE MADALENA DE JESUS OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 38257820.4.0000.8467

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.537.939

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa busca analisar os valores e os sentidos do brincar, em uma comunidade tradicional de terreiro de Nação Angola, no período de novembro de 2020 a maio de 2021. O Terreiro Matamba Tombenci Neto, localizado no bairro Conquista, em Ilhéus/BA, candomblé de nação angola, tem uma longa tradição no município. Dirigido atualmente por Ilza Rodrigues (Mameto Mukalê), a história da casa teve início no ano de 1885. Esta pesquisa situa-se na área de ensino e relações étnico-raciais. Utilizaremos como aporte teórico-metodológico, nesta pesquisa, o método da entrevista cartográfica (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013), entrecruzando esse método com a leitura crítica de referencial teórico-metodológico acerca da Pedagogia da Ancestralidade (OLIVEIRA, 2014) e da Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2018). Como produto final, elaboraremos um livro de narrativas, canções, jogos e brincadeiras, que apresente, descreva e elabore, alguns dos valores e dos sentidos do brincar da comunidade do terreiro Matamba Tombency Neto, visando práticas educacionais afroafirmativas, antirracistas e decoloniais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os valores e os sentidos do brincar no Terreiros Matamba Tombenci Neto, através das memórias de muzenzas e de mais velhos, pertencentes às linhagens ancestrais dessa comunidade, assim como a existência vibrantes dos Erês (Nkisses e Orixás crianças), com seus fazeres e saberes brincantes.

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A

Bairro: Bairro Monte Castelo

CEP: 45.996-108

UF: BA

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

Continuação do Parecer: 4.537.939

Objetivo Secundário:

- Contribuir com a formação histórica, social, afetiva e cognitiva de crianças e jovens afrodescendentes;
- Desenvolver práticas educacionais afroafirmativas, antirracistas e decoloniais, a partir da corporeidade brincante do Terreiro Matamba Tombenci Neto;
- Apresentar a relevância da ancestralidade na construção identitária das crianças;
- Apresentar o espaço de terreiro como um espaço onde o aprendizado se dá de modo integral, valorizando a corporeidade, a história, a natureza, a ancestralidade e a ludicidade

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos apresentados aos participantes na presente pesquisa são mínimos, tendo em vista que, se trata de entrevistas. No entanto, estamos trabalhando com narrativas envolvendo a subjetividade, o que torna possível a ocorrência de desconfortos emocionais, logo, os participantes podem desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Caso ocorra alguma situação de risco, com algum dos 09 participantes, sugeriremos interromper a entrevista, confortá-los, oferecer uma água, para que o entrevistado possa se recompor. Só iremos prosseguir com a entrevista, a partir da aceitação do entrevistado, caso contrário, não insistiremos. Deixaremos claro aos entrevistados, que o bem-estar deles é essencial, a qualquer momento podem interromper a entrevista, podendo escolher não responder alguma pergunta.

Benefícios:

Por benefícios, temos o compromisso com todos os envolvidos na pesquisa de não criar, manter ou ampliar as situações de risco ou vulnerabilidade para indivíduos e coletividade discente, nem acentuar o estigma, o preconceito ou a discriminação. Além de intencionar oferecer um acolhimento respeitoso aos discentes ingressantes, para entender as necessidades de letramento digital dos mesmos, nas respostas ao questionário e participação dos encontros online. Por acolhimento define-se o como explicar os recursos tecnológicos digitais usados pela UFSB e elevar a possibilidade de gerar conhecimento conforme for analisado com as respostas do questionário aplicado previamente. Todo participante tem a garantia da liberdade de recusar ou retirar o consentimento, sem penalidade; garantia de sigilo e privacidade

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Critério de Inclusão:

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A
Bairro: Bairro Monte Castelo **CEP:** 45.996-108
UF: BA **Município:** TEIXEIRA DE FREITAS
Telefone: (73)3291-2089 **E-mail:** cep@ufsb.edu.br

Continuação do Parecer: 4.537.939

Os participantes da pesquisa serão 09 pessoas (5 muzenzas e 4 cargos mais velhos), que integram o Terreiro Matamba, no município de Ilhéus/BA, não havendo necessidade de ter vivido sua infância no local. Nos interessa a vivência e a integração nas dinâmicas da comunidade, evidenciando os sentidos e os valores do brincar dentro de uma comunidade tradicional e terreiro.

Critério de Exclusão:

- Informações não autorizadas pela Nêgua de Nkissi, Mameto Mukalê;
- Muzenzas e cargos mais velhos que se recusem a participar e responder a entrevista, por timidez ao ser gravado;
- Indivíduos que se recuse a responder as perguntas da entrevista cartográfica, por timidez ou emoção;
- Qualquer condição física ou psicológica que limite a capacidade do entrevistado para participar da entrevista;
- Rejeição dos participantes ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Metodologia Proposta:

Para a realização da pesquisa iremos refletir a temática a partir de leituras acerca da Pedagogia da Ancestralidade (OLIVEIRA, 2014) e da Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2018), associado a uma abordagem enativa (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003), entrecruzado com o método da entrevista cartográfica (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2013). Esse caminho teórico-metodológico tem total relevância para a construção da pesquisa.

Portanto, a pesquisa será desenvolvida no Terreiro Matamba Tombenci Neto, localizado no município de Ilhéus/Bahia. Utilizaremos a coleta de dados, através do diário de campo e entrevistas cartográficas com 5 muzenzas e 4 mais velhos, pertencentes a essa comunidade, aos quais apresentarão suas narrativas ancorados, também na cosmovisão, evidenciando seus saberes e fazeres brincantes. O método cartográfico, permite mergulharmos no território da pesquisa. Território este, que se encontra em constante movimento, ou seja, "a implicação do aprendiz-cartografo deve posiciona-lo sempre ao lado da experiência". (ALVAREZ; PASSOS, p.142, 2015). Sendo assim, uma vez que, o método cartográfico não disponibiliza modelo pronto, é primordial o engajamento no campo pesquisado. Diante o quadro pandêmico, do Coronavírus (COVID-19), é necessário atender o protocolo de isolamento social, em conformidade com a Organização Mundial de Saúde (OMS), do Decreto Estadual nº 19.529/20 e pela decisão da Nêgua de Nkissi, Mameto Mukalê, do Terreiro Matamba Tombenci Neto. Apesar do Decreto Municipal nº 037/2020,

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A

Bairro: Bairro Monte Castelo

CEP: 45.996-108

UF: BA

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

Continuação do Parecer: 4.537.939

que autoriza a reabertura de templos religiosos, resolve manter as atividades do Terreiro suspensas para a segurança de todos seus filhos e filhas de santo. Assim, nossas entrevistas poderão ser realizadas e gravadas por chamadas de vídeos, por meio da plataforma digital – Google Meet ou WhatsApp, com dois encontros virtuais, por meio da plataforma digital – Google Meet ou WhatsApp. Nesta pesquisa, as entrevistas serão gravadas por esta proponente, desde que haja consentimento dos entrevistados, registrando no termo de consentimento da pesquisa. As questões iniciais que nortearão as entrevistas serão embasadas nos objetivos geral e específicos que orientam o presente estudo. Encaminharemos aos participantes um convite de participação da pesquisa via plataforma digital WhatsApp. Antes das entrevistas, como estratégia metodológica, orientaremos os participantes quanto a utilização da plataforma digital Google Meet. Realizaremos, também a pesquisa bibliográfica, através de teses, dissertações, livros e artigos científicos que contemplam a temática estudada. Todas as informações desta pesquisa serão publicadas mediante a concordância e a autorização dos envolvidos, já que a metodologia que se faz parte do processo, necessita da identificação do participante, uma vez que o que se busca com esta pesquisa, é a visibilização dos saberes e fazeres brincantes do Terreiro Matamba Tombenci Neto como ação pedagógica, na produção de um livro. Vale ressaltar que, de acordo com a Resolução 466/12, ficará garantido o sigilo absoluto das informações obtidas nesta pesquisa, sendo a guarda dos materiais produzidos neste estudo de inteira responsabilidade da pesquisadora. E, após o período de cinco anos, os arquivos das gravações e transcrições que haviam sido guardados como evidência dos procedimentos realizados serão descartados. Após a coleta e análise dos dados, das entrevistas com os participantes (5 muzenzas e 4 mais velhos) da pesquisa, objetivamos a elaboração de um livro de narrativas, canções, jogos e brincadeiras, inspirado pela corporeidade brincante dos membros da comunidade do Matamba Tombenci Neto. Desse modo, a produto final possibilita tanto as práticas educacionais nas instituições de ensino quanto nas comunidades tradicionais, fortalecendo as ações afroafirmativas, antirracistas e decoloniais.

Metodologia de Análise de Dados:

Descrição dos dados levantados nas entrevistas, com a produção argumentativa em concordância como referencial teórico metodológico. Apresentamos, assim, questões estruturantes, que serão realizadas ao longo da entrevista.

Roteiro de entrevista:

Entrevistas com nove membros da comunidade do Terreiro Matamba Tombenci Neto: 5 muzenzas

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A

Bairro: Bairro Monte Castelo

CEP: 45.996-108

UF: BA

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

Continuação do Parecer: 4.537.939

e 4 mais velhos divididas em dois momentos/encontro, que poderão ser realizadas e gravadas por vídeos chamadas, através da plataforma digital – Google Meet ou Whatsapp. No primeiro momento, será um encontro em conjunto, onde os participantes possam expressar livremente a partir da entrevista cartográfica. Já no segundo momento, aprofundaremos em temas previamente selecionados pela pesquisadora e que estejam relacionados com suas vivências e memórias dentro da comunidade.

Primeiro momento: narrativas.

Os participantes poderão se expressar livremente como se estivesse narrando algumas memórias de brincadeiras que permearam sua infância para escrever um diário de memórias infantis. O intuito desse encontro ser com todos, é rememorar brincadeiras, brinquedos, cantigas e/ou jogos que foram marcantes para os participantes e observar como essas memórias dialogam entre si, visto que, há diferença na faixa etária dos participantes. Solicitaremos para o segundo momento, que o/a participante traga algum objeto relacionado a sua infância.

Segundo momento: entrevista.

No segundo momento, as perguntas serão mais específicas. Inicialmente retomar memórias discorridas no primeiro encontro e aprofunda-las no presente encontro.

- 1) Pedir que o/a participante discorra sobre o objeto trazido; (por que escolheu este objeto?)
- 2) Como você percebe o brincar de sua infância com o brincar das crianças atualmente?
- 3) O que é ser criança dentro de um terreiro? E como são as brincadeiras?
- 4) Como são as brincadeiras dos erês?
- 5) Fale uma música (zuela) que te faça sentir criança.
- 6) Conte-me uma experiência marcante com as crianças dentro do terreiro.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de Rosto- Ok, contém a assinatura da vice decana do Centro ao qual a pesquisadora está vinculada;
TCLE- OK

Termo de Anuência- OK

Currículos dos pesquisadores- OK

Cronograma- OK

Orçamento- OK e será custeado pela pesquisadora responsável.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram atendidas.

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A

Bairro: Bairro Monte Castelo

CEP: 45.996-108

UF: BA

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

Continuação do Parecer: 4.537.939

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1624922.pdf	14/12/2020 17:16:45		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEVERSAO3.pdf	14/12/2020 17:13:47	ALINE MADALENA DE JESUS OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PBRASILVERSAO3.pdf	14/12/2020 17:04:06	ALINE MADALENA DE JESUS OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PBRASILNOV.pdf	07/11/2020 23:54:53	ALINE MADALENA DE JESUS OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1pdf.pdf	16/09/2020 18:20:31	ALINE MADALENA DE JESUS OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	curriculoAlinepdf.pdf	16/09/2020 18:15:55	ALINE MADALENA DE JESUS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	curriculolattesLiapdf.pdf	16/09/2020 18:13:30	ALINE MADALENA DE JESUS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	curriculolattesCynthiapdf.pdf	16/09/2020 18:12:37	ALINE MADALENA DE JESUS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoanuenciaPDF.pdf	16/09/2020 18:10:26	ALINE MADALENA DE JESUS OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_ROSTO.pdf	08/09/2020 18:40:30	ALINE MADALENA DE JESUS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A

Bairro: Bairro Monte Castelo

CEP: 45.996-108

UF: BA

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
SUL DA BAHIA - UFSB



Continuação do Parecer: 4.537.939

TEIXEIRA DE FREITAS, 12 de Fevereiro de 2021

Assinado por:
RAFAEL ALEXANDRE GOMES DOS PRAZERES
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Getúlio Vargas, nº 1732 A

Bairro: Bairro Monte Castelo

CEP: 45.996-108

UF: BA

Município: TEIXEIRA DE FREITAS

Telefone: (73)3291-2089

E-mail: cep@ufsb.edu.br